

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

JOSÉ ONESIO RAMOS

FAXINAL DOS KRUGER: Conflitos do passado e do presente.

**Orientador: Prof. Dr. Mauro William
Barbosa de Almeida**

CAMPINAS

Março/2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Ramos, José Onesio

**R147f Faxinal dos Kruger: conflitos do passado e do presente / José
Onesio Ramos. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.**

Orientador: Mauro William Barbosa de Almeida.

**Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Sistema Faxinal. 2. Conflito social. 3. Organização.
I. Almeida, Mauro William Barbosa. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

(cn\ifch)

Título em inglês: Kruger's Faxinal: conflicts of the past and present

**Palavras chaves em inglês (keywords) : System faxinal
Social conflict
Organization**

Área de Concentração: Antropologia

Titulação: Mestre em Antropologia

**Banca examinadora: Mauro William Barbosa Almeida, Maria Helena Rocha
Antuniassi, Emília Pietrafesa de Godoi**

Data da defesa: 04-03-2009

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

JOSÉ ONESIO RAMOS

**FAXINAL DOS KRUGER: CONFLITOS DO PASSADO E DO
PRESENTE.**

Dissertação apresentada ao
Departamento de Antropologia Social do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do grau de Mestre em
Antropologia Social sob orientação do
Prof. Dr. Mauro William Barbosa de
Almeida

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
04/03/2009

Comissão Julgadora:



Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida (Presidente)



Profa. Dra. Maria Helena Rocha Antuniassi



Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godoi

Suplentes

Profa. Dra. Ana Maria Chiarotti de Almeida

Profa. Dra. Sonia M. Bergamasco

**Campinas
março/2009**

20090814

**Em memória de Antônio Schon,
meu amigo.**

AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico só é possível de ser feito mediante a colaboração de vários interlocutores. Nesse momento agradeço todos aqueles que me sugeriram uma idéia, me indicaram alguém que pudesse contribuir com esse trabalho.

Agradeço de modo especial a Profa. Kimiye Tommasino, pois a partir dela é que tomei conhecimento da existência dos faxinais no Paraná. Obrigado pela presença amiga, pelas palavras de incentivo, pelas conversas compartilhadas e pelos materiais emprestados e pelas sugestões primorosas no término do trabalho.

Ao meu orientador Mauro William Barbosa de Almeida pela orientação segura, precisa e por sua postura pessoal e profissional.

A minha família por sempre ter me dado apoio e compreensão aos meus momentos de ausência.

Aos meus colegas do Departamento de Ciências, da UEM, sou grato pelo apoio e incentivo.

A UNICAMP, professores e amigos pelo período de convivência e trocas de experiências.

Ao CNPq, por fornecerem-me às condições e possibilidade de realização desta pesquisa.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Histórico da Universidade do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO; da Biblioteca Pública do Paraná, setor Divisão Paranaense; do Museu Paranaense; do Arquivo Público do Paraná; da EMATER PR; da Biblioteca Pública de Boaventura de São Roque e do Fórum de Pitanga PR.

Aos meus colegas de mestrado pela convivência compartilhada. De modo especial Delcides, Glaicy, pela troca de idéias. A Taniele pela leitura e idéias compartilhadas.

Ao meu amigo Silio Raphaello Giovanelli sou grato pela leitura atenta.

Por fim, minha maior gratidão e débito são com meus amigos e amigas faxinalenses, pela acolhida e ensinamentos que sempre me acompanharão. De modo especial agradeço a Antônio Schon (in memoriam), pois através dele conheci todas as famílias, as belezas naturais, os acontecimentos históricos do faxinal, em cada estrada encoberta pela mata, em cada árvore, e em algum aparente e “banal” buraco que na verdade esconde e ao mesmo tempo revela historicidades e dramas sociais ali vividos pelos faxinalenses.

E diziam: “Isso aí nós morremos e não vemos o descarte dos pinheiros tudo, n/é?”. De tanto que tinha! E nós ficamos e os pinhá foram tudo. Num levou tempo, n/é? Mais, Deus ô livre!

(Edu Kruger, 83 anos, abril de 2004).

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo que realizei no Faxinal dos Kruger, localizado no município de Boaventura de São Roque PR, cujo objetivo é compreender como se deu a sua constituição e que especificidade essa forma de organização social possui frente às demais organizações do mundo rural. Desse modo, busca-se revelar o modo de vida específico daqueles que vivem e convivem no Faxinal dos Kruger: os processos de conflitos. Sendo assim, os conflitos ocorridos no Faxinal dos Kruger são compreendidos como parte de um drama social de longa duração.

Palavras-chave: Sistema Faxinal, conflito social, organização.

ABSTRACT

The present work presents a study that I carried through in the Kruger's Faxinal, located in the city of Boaventura de São Roque PR, whose objective is to understand as if it gave its constitution and that specificity this form of social organization possesses is facing the other organizations in rural areas. Thus, or in the way, one searches to disclose the specific way of life of that they live and they coexist in the Kruger's Faxinal: the processes of conflicts, marriage alliances, social rules of kinship, camaraderie and collectivization of the land. Such being the case, the conflicts occurred in the Kruger's Faxinal are understood as part of a social drama of long duration.

Key-words: System faxinal, Social conflict, Organization

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Tabela 1 - Entrevistados do Faxinal dos Kruger	11
Figura 1 - Vista parcial do Faxinal dos Kruger	22
Figura 2 - Residência de Edu Kruger	24
Figura 3 - Família Schon	27
Figura 4 - Região dos campos limpos e das matas mistas no Centro-Sul Paranaense.	40
Figura 5 - Família de José Kruger	46
Figura 6 - Família de Júlio Gonçalves.....	50
Figura 7 - "Grilos" no Paraná - 1930.....	54
Figura 8 - Visão Panorâmica do Faxinal dos Kruger	55
Figura 9 - Corte da erva-mate.....	66
Figura 10 - Amontoamento da erva-mate.....	67
Figura 11 - Sapeco da erva-mate	68
Figura 12 - Retirada dos caules grossos da erva-mate após o sapeco.	69
Figura 13 - Processo de condução da erva-mate ao carijo.	70
Figura 14 - Preparação da erva-mate, no carijo, para dessecagem.....	71
Figura 15 - Desseco da erva-mate no carijo.	72
Figura 16 - Ruínas da serraria dos Kruger.....	78
Figura 17 - Edu Kruger e o transporte de tábuas da serraria Kruger.....	79

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E TABELAS	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
Aspectos Metodológicos	10
CAPÍTULO 1	17
TRABALHO DE CAMPO NO FAXINAL DOS KRUGER.....	17
Os preparativos a campo.....	17
As dificuldades do pesquisador no campo	32
CAPÍTULO 2	35
OS FAXINAIS NO PARANÁ	35
1 A Inserção da Família Kruger e Gonçalves no Faxinal dos Kruger.....	46
1.1 Aspectos históricos e paisagísticos do Faxinal dos Kruger.....	55
1.2 A criação de porcos	59
1.3 Manejo da erva-mate	65
1.4 Serraria.....	76
CAPÍTULO 3	82
OS CONFLITOS NA HISTÓRIA DO FAXINAL DOS KRUGER.....	82
1 Tiroteio em Lauro Kruger	82
2 Assassinato de José Kruger	84
3 Primeira tentativa de findar com o Sistema Faxinal.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
Bibliografia.....	98
ANEXO	103

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo monográfico, que realizei no Faxinal dos Kruger, localizado no município de Boaventura de São Roque, PR, distante de Curitiba a 314 quilômetros. O trabalho de campo foi realizado entre os anos de 2003 a 2008, totalizando cento e dois dias. O período de maior permanência em campo foi em 2008, cinquenta e dois dias. Os outros cinquenta dias se deram entre os anos de 2004 a 2007, em períodos de férias do pesquisador.

Por faxinal compreende-se, segundo os faxinalenses, um espaço em que se faz, de modo consensual, o uso comum da terra e dos recursos florestais e hídricos, disponibilizados na forma de criadouro comunitário. Há uma cerca comunitária, em cujo interior se conserva uma significativa agrobiodiversidade, e é no criadouro comunitário que ocorre o manejo da erva-mate nativa – *Ilex paraguayensis*, a colheita do pinhão, da árvore araucária – *Aracauria angustifolia*, a criação comum de animais, espécies florestais forrageiras, frutíferas nativas, ervas medicinais e variedades de cultivo agrícolas. Neste espaço há as moradias, normalmente cercadas em pequenas áreas de terra denominadas quintais, lugar onde se faz a produção de hortaliças e pequenas culturas de subsistência. Além do espaço de uso comum, há também o espaço de uso privado, as lavouras, que são encontradas do lado externo ao criadouro e que apresentam em sua maioria lavouras compostas, como milho, arroz e feijão. Nesse trabalho, toma-se como definição de faxinal a categoria dada pelos faxinalenses.

Sendo assim, o faxinal é uma combinação de criação de animais à solta, na área do criadouro, que por sua vez, nessa mesma área pratica-se a atividade extrativa da erva-mate e a coleta do pinhão e o plantio das lavouras se dá fora da área do criadouro. No caso Faxinal dos Kruger, suas áreas de lavoura ficam a doze quilômetros do faxinal, em outro Bairro rural chamado Alto Alegre. Apesar do território ser descontínuo, mas ao mesmo

tempo deve ser pensado como uma unidade. Pois, no faxinal há espaços de uso comum – área do criadouro e há espaços de uso privado¹ – lavouras.

Na área de lavoura, no Bairro rural Alto Alegre, os faxinalenses deslocam toda a semana para cuidarem de suas plantações e no final de semana retornam as suas casas na área do criadouro. Mas, no Alto Alegre há familiares dos faxinalenses como, filhos, netos que lá residem para que de certo modo as roças não fiquem “desprotegidas”.

No entanto, há uma outra definição dada pelos pesquisadores paranaenses, Carvalho (1984), Gubert Filho (1987), Man Yu (1988a, 1988b), Sugamoto (1994), Nerone (2000),

“Faxinal” é a terminologia dada à vegetação típica das matas densas² da região Centro-Sul. Já o “Sistema Faxinal” é uma forma de organização camponesa³ particular, dessa região que apresenta o seguinte sistema de produção: produção animal, produção agrícola e extrativismo de erva-mate⁴ (SUGAMOSTO et al., 1994, p.06). Portanto, é um sistema agrosilvopastoril.

Cozzo (1995), ao buscar informações sobre possíveis semelhanças entre os faxinais do Brasil com o Fachinal de Argentina, obteve a seguinte resposta da Academia Argentina de Letras:

Fachinal no derivaría de una lengua autóctona sino de un regionalismo peninsular, Fachina, que en Salamanca significa huerta, cercado, fajina; en lengua portuguesa es ‘manejo de palos en fortificaciones’; integra junto con ‘baza’, ‘porción de tierra labrantía’ la variante aragonesa ‘faxe’ o el asturiano ‘faza’, a su

¹ A noção de privado, aqui, é no sentido camponês de uso privado, ou seja, de uso familiar.

² Mata densa, com as espécies florestais de pinheiro (araucária), ervateiro (erva-mate) e pastagem natural, que propicia a criação extensiva. Os moradores exploram extrativamente o pinheiro e o ervateiro, e assim mantêm as pastagens.

³ Compreende-se, aqui, por uma forma comunitária específica de produção rural, da região centro-sul do Paraná, a qual se utiliza a terra de forma coletiva para a criação de animais, uso da mata e extração da erva-mate.

⁴ Toda vez que se utilizar o termo faxinal é no sentido de criadouro comum.

vez del latín 'fascia' (faja), procedente de 'fascis', de donde surge 'haz': porción atada de leña u otros vegetales (COZZO, 1995, p.09-10).

Cozzo (1995) menciona um livro que foi editado na Alemanha em 1926, em que aparece a palavra 'Fascinal', cujo autor, Franz Donat, viajante aventureiro, havia percorrido o sul do Brasil e faz a seguinte afirmação: "Ellos realizaban ganadería en un fascinal, un bosque de pinos que, por medio del fuego fue liberado del bosque bajo" (Paradies und Holle" – Paraíso e Inferno, p.71, Edit. Strecher – Schröder, Stuttgart, apud Cozzo, 1995.p.10).

O Faxinal dos Kruger possui uma área de 489,20 hectares e é atualmente constituído por quarenta e nove famílias e por volta de cento e cinquenta e sete pessoas⁵. As famílias fundadoras⁶ do faxinal são as famílias de José Kruger e sua esposa Ana Maleer Kruger, e de Júlio Gonçalves e sua esposa Maria Justina Gonçalves, que foram para o faxinal no ano de 1927⁷.

O interesse em estudar o Sistema Faxinal surgiu após eu tomar conhecimento de que havia, no Estado do Paraná, esse tipo de organização camponesa, e de que não havia nenhum estudo antropológico ou sociológico a respeito até o momento. O único trabalho conhecido, em Londrina, era da pesquisadora do Instituto Agrônômico do Paraná - IAPAR, a economista Chang Man Yu. Sendo eu de origem rural, sempre tive interesse em estudar os camponeses e sua cultura, e essas informações preliminares me estimularam a buscar bibliografia sobre esse sistema na Internet e com os técnicos da Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/PR, com os quais havia trabalhado temporariamente⁸.

⁵ Dados levantados em campo através de diagramas de parentesco.

⁶ Segundo os faxinalenses, quando José Kruger e Júlio Gonçalves chegaram ao faxinal não existia moradores próximos ao faxinal.

⁷ No capítulo I abordarei detalhadamente sobre a formação histórica do faxinal dos Kruger.

⁸ Trabalhei por dois anos, no período de 1998 a 2000, com comunidades rurais e vilas rurais, no Projeto "Paraná – 12 meses".

Segundo Nerone (2000), a importância de se estudar os Sistemas Faxinais deve-se ao fato de “(...) que são poucas as pesquisas sobre os faxinais, apesar de sua existência secular e de terem ocupado uma parte significativa das terras paranaenses, enquanto modo de organização social” (NERONE, 2000, p.23). Vale ressaltar que esse estudo se refere às formas variantes de organização social camponesa – o uso de “terra comum” em que, na maioria das vezes, os laços de solidariedade e de regras concebidas por várias gerações é que orientam as práticas sociais dos indivíduos nesse espaço, a terra comum (ALMEIDA, 1989; ANDRADE, 1982).

O trabalho etnográfico possibilitou lançar um olhar minucioso, “microscópico”, sobre o modo de vida dos moradores do Faxinal dos Kruger, localizado no município de Boaventura de São Roque – PR. A partir do trabalho etnográfico buscou-se interpretar os significados das relações de conflitos, parentesco, de compadrio no interior desse faxinal.

Desse modo, teve-se como objetivos: proporcionar vozes àqueles que foram silenciados pela história oficial, num momento específico do processo de colonização do Estado do Paraná, nos séculos XIX e XX; revelar o modo de vida daqueles que vivem e convivem no Faxinal dos Kruger: os processos de conflitos. Observar como é realizada a produção econômica e a divisão-de-trabalho no Faxinal dos Kruger; verificar se há nos faxinalenses alguma preocupação referente à preservação do ecossistema nativo do Sistema Faxinal, como a erva-mate e a araucária, no sentido de garantir a sua preservação enquanto modo específico de organização socioeconômica; demonstrar se há fatores históricos, sociais, políticos e ambientais que possam levar a uma situação de conflito e até mesmo a uma desagregação do Faxinal dos Kruger.

Ao estudar os conflitos⁹ do Faxinal dos Kruger buscou-se a contribuição teórico-metodológica da “Escola de Manchester”¹⁰, principalmente de Max Gluckman e Victor

⁹ Os conflitos estão melhores detalhados no capítulo três desse trabalho.

Turner. Nesse sentido o trabalho de campo, no Faxinal dos Kruger, foi realizado tendo em vista a coleta de dados microscópicos e detalhados levando em consideração a história e dados documentais para a reconstrução de processos sociais (BIANCO, 1987, p. 07).

Não é intenção afirmar que, no interior do faxinal, não ocorram situações de conflitos e que nele não haja heterogeneidade, mas uma localidade que se constitui numa seqüência de transformação a partir de uma perspectiva histórica da sociedade mais ampla em movimento e em constante fluxo (BIANCO, 1987; VAN VELSEN, 1987; VINCENT, 1987). Por tanto, não se trata de verificar se há “(...) pontos de vista ‘certos’ ou ‘errados’; apenas existem pontos de vista diferentes representando diferentes grupos de interesse, *status*, personalidade e assim por diante” (VAN VELSEN, 1987, p. 369). Desse modo, no caso concreto do Faxinal dos Kruger, como os faxinalenses orientam suas ações, interações, e estabelecem estratégias em contextos de conflitos?

A relevância em estudar os conflitos no faxinal dos Kruger está em compreendê-los não somente enquanto uma dimensão intrínseca a formação do faxinal, mas ao contrário, como dinâmicas sociais externas ao próprio faxinal interferiram e interferem nas práticas e compreensões de seus agentes sociais. Como os diferentes faxinalenses compreendem, interpretam e reelaboram as mudanças externas no âmbito da dinâmica interna do próprio faxinal.

Gluckman estudou em Oxford, onde foi influenciado pelas perspectivas de Radcliffe-Brown e Evans Pritchard, e é a partir do seu trabalho “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”, que ele elaborou um enfoque para o estudo da mudança social. E foi esse trabalho que proporcionou a base para o conjunto de conceitos analíticos e métodos e

¹⁰ A pergunta fundamental colocada pelos teóricos dessa escola é “como a sociedade se transforma”? em contraposição ao tipo de pergunta da escola antropológica britânica, de “como a sociedade se mantém”? (BIANCO, 1987, p. 20). A ênfase central da Escola de Manchester, segundo Bianco (1987), está no estudo da variação, da mudança e do conflito entre normas.

técnicas de pesquisa, desenvolvidos nas décadas de 1950 e 1960, por seus discípulos e colaboradores no Rhodes Livingston Institute e no Departamento de Antropologia de Manchester (BIANCO, 1987, p. 25-26).

Max Gluckman (1987), em “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”, buscou compreender a relação de conflito que se estabeleceu entre os diferentes grupos da Zululândia e como eles se inter-relacionavam entre si e com os grupos dominantes. A partir do evento da inauguração da ponte, na Zululândia, Gluckman descreve as inter-relações entre os grupos e delineia a estrutura social da Zululândia moderna bem como, as relações entre os grupos que eram permeadas por separação e reserva, cisões, hostilidades e conflitos. O autor naquele momento, 1940, vislumbrava uma situação de “tensão inconciliável entre poder colonial e a população tribal (...) uma unidade de tempo e espaço onde se vêem indivíduos e também a ordem social sob perigo” (ALMEIDA, 2008, p.05).

Gluckman (1987) salienta que está em busca do equilíbrio da estrutura social da Zululândia. E, por equilíbrio, o autor compreende as relações de interdependência entre as diferentes partes da estrutura social de uma comunidade em um período particular (GLUCKMAN, 1987, p. 260). A preocupação de Gluckman é compreender a mudança no equilíbrio.

Se, para Gluckman (1987), os períodos de relativa estabilidade entre os grupos foram marcados por certos conflitos, e tornaram-se parte constitutivos de um certo equilíbrio (Ibidem, p.269). No caso do Faxinal dos Kruger, as disputas, conflitos e relações de hostilidades que ocorrem entre as famílias, será que elas poderão levar alguma mudança na organização social do faxinal?

Se a indagação me parece pertinente, contudo a resposta não me parece fácil de ser dada. Entretanto, Victor Turner (1972) nos lança luz sobre os conflitos que estão ocorrendo no

faxinal ao nos valermos do seu conceito de drama social. Gluckman, no prefácio da obra de Turner (1972), nos apresenta a noção de drama social.

(...) the social drama – one of a series of crises occurring in the history of the village, when either a quarrel between some of the inhabitants, or a misfortune ascribed by the people and by divination to ancestral spirits or sorcery, precipitates threats to the unity of the village (TURNER, 1972, p. xi-xii).

Victor Turner (1972), ao estudar o cisma na aldeia Ndemdbu nos apresenta uma organização social centrada em homens ligados por laços maternos, mas que estava centrada em dois princípios estruturais contraditórios: a matrilinearidade - os filhos pertencem à família da mãe e a virilocalidade - a mulher casada pertence à aldeia do marido. Apesar dessa contraditoriedade presente na estrutura social Ndembu que levava às fissões no interior das aldeias, entretanto não ocorria uma desagregação com a aldeia original não cindida. Se não bastasse os conflitos advindos da própria estrutura social interna Ndembu havia também “(...) um ‘vento de mudança’, econômica, política, social, religiosa, legal, (...) varrendo toda a África Central e originando-se fora de todas as sociedades aldeãs” (TURNER, 2008, p.27).

Os dramas sociais, segundo Turner (1972), têm uma ‘forma processual’ (Ibidem, p.91). Turner (2008) dividiu os processos sociais que constituem os dramas sociais em quatro grandes fases.

1. A *ruptura* de relações sociais formais, regidas pela norma, ocorre entre pessoas ou grupos dentro do mesmo sistema de relações sociais, (...). Tal ruptura é sinalizada pelo rompimento público e evidente, ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações entre as partes. Burlar uma norma deste tipo é um símbolo claro de dissidência. (...).
2. Após a ruptura de relações sociais formais, regidas pela norma, vem uma fase de *crise* crescente, durante a qual – a não ser que a ruptura possa ser rapidamente isolada dentro de uma área limitada de interação social – há uma tendência de que a ruptura se alargue, ampliando-se até se tornar tão coextensiva quanto uma clivagem dominante no quadro mais amplo de

relações sociais relevantes ao qual as partes conflitantes ou antagônicas pertencem (...).

3. A *ação corretiva*. No intuito de limitar a difusão da crise, certos 'mecanismos' de ajuste e regeneração (...), informais ou formais, institucionalizados ou *ad hoc*, são rapidamente operacionalizados por membros de liderança ou estruturalmente representativos do sistema social perturbado. (...) Eles podem abranger desde conselhos pessoais e mediação ou arbitragem informal até mecanismos legais e jurídicos formais, e, para solucionar certos tipos de crises ou legitimar outras formas de resolução, a performance de ritual público (...).
4. A última fase consiste na *reintegração* do grupo social perturbado ou no reconhecimento e na legitimação social do cisma irreparável entre as partes em conflito (...) (TURNER, 2008, p.33-37).

Nesse sentido, a *forma processual* do drama social pode ser formulada como (1) quebra/ruptura; (2) crise; (3) ação reparatória; (4) reintegração ou reconhecimento do cisma.

Conforme assevera Turner (1972), implícito na noção de reintegração está o conceito de equilíbrio social. Este conceito envolve a visão que o sistema social é feito de unidades inter-relacionadas, de pessoas e grupos, cujos interesses são de algum modo mantidos em equilíbrio; e quando ocorre distúrbio, reajustamentos são feitos o qual tem o efeito de restabelecer o equilíbrio. Mas é necessário lembrar que, após o distúrbio ter ocorrido e o reajustamento ter sido feito, podem ter ocorrido modificações profundas nas relações internas do grupo. O novo equilíbrio raramente é uma réplica do velho. Os interesses de certas pessoas e grupos podem ter sido ganhos à custa de outros. Certas relações entre pessoas e grupos podem ter aumentado em intensidade enquanto outras podem ter diminuído. Outras novamente podem ter sido completamente rompidas enquanto novas relações podem ter sido restabelecidas. Um sistema social está em um movimento dinâmico através do espaço e tempo e, de algum modo, análogo a um sistema orgânico em que é mostrado crescimento e decadência, como no processo de metabolismo. Em outro aspecto, o drama social é um processo que revela realinhamento das relações sociais e pontos críticos de maturação ou decadência estrutural; por outro lado, pode ser considerado como uma tentativa de força entre interesses conflituosos em que pessoas ou grupos tentam manipular para sua própria vantagem à atual rede existente de relações sociais, ambas

estrutural e contingente, no sistema. Desse modo o drama social pode representar o natural, desenvolvimento inerente de um determinado sistema social através do espaço-tempo de uma fase distinta, como um ponto crítico de maturação, ou de tentativa deliberada por alguns membros para acelerar ou retardar a mudança. Isto pode ser um indício ou veículo de mudança. Em muitos casos, ambos os aspectos estão presentes (Ibidem, p.161-162).

Turner (1972) salienta que uma crise pode se estabelecer após a morte de seu líder. Essa crise é expressa por meio de fissões e tensões em diferentes aldeias.

(...) No drama social latente conflitos de interesse torna-se manifesto, ligações de parentesco, cuja significância não é óbvia nas genealogias, emerge como chave importante. (...) O drama social é uma limitada área de transparência de uma regular superfície opaca, monótona da vida social. Por meio disso somos capazes de observar os princípios cruciais da estrutura social em operação, e sua relativa dominação e sucessivos pontos no tempo (Ibidem, p. 93).

Sendo assim, compreender os conflitos no Faxinal dos Kruger está não em compreendê-los tão somente como parte das relações inerentes ao próprio faxinal, mas de que as dinâmicas econômica, política e social externas da sociedade nacional, de certo modo interferem e provocam relações de tensão entre os faxinalenses. As situações de conflitos ocorridas no Faxinal dos Kruger serão compreendidas como parte de um drama social de longa duração. Os conflitos apresentados serão: o tiroteio em Lauro Kruger, em 1938, o assassinato de José Kruger, em 1955, e a tentativa em findar com o faxinal em 1982.

Aspectos Metodológicos

Desde os primeiros contatos realizados a campo com os faxinalenses percebeu-se a necessidade da realização da história oral, por meio de histórias de vida, tanto gravadas quanto filmadas, com o intuito de compreender a formação histórica e os processos sociais no interior do faxinal e em seu entorno. Nesse sentido, as orientações de Queiroz (1988), Demartini, (1997), Whitaker (2000) me serviram de inspiração em todo o momento do trabalho de campo, tais como a ida à roça com os homens e no momento da coleta das histórias de vida dos faxinalenses.

Antes de chegar à coleta das histórias de vida, primeiramente realizei um levantamento de dados, com o intuito de confeccionar os diagramas de parentesco dos faxinalenses. Nesse processo de busca de compreensão das relações de parentesco no faxinal, comecei a perceber que a partir desse primeiro contato iniciava-se entre nós uma relação de empatia, pois somente ao término da confecção dos diagramas de parentesco é que comecei com a coleta de histórias de vida dos moradores mais idosos do faxinal e, num segundo momento, com os faxinalenses que habitam no faxinal há mais de cinquenta anos. Entretanto, na maioria dos entrevistados, essas duas dimensões, idade biológica e tempo de chegada no faxinal, se confundem, pois pode-se afirmar que quase todos os entrevistados chegaram ao faxinal ainda crianças.

Segue abaixo a relação dos entrevistados, idade que os informantes tinham no momento da entrevista, o tempo de residência no faxinal, e o período da entrevista.

Tabela 1 - Entrevistados do Faxinal dos Kruger

Faxinalenses	Idade (anos)	Tempo de residência no Faxinal (anos)	Período da entrevista	
Edu Kruger	83	78	Abril/2004	
Alaíde Gonçalves Kruger	77	75	Abril/2004	
Judith Gonçalves	74	72	Julho/2006	
Otália Gonçalves	80	78	Abril/2004	
João Gonçalves de Deus	70	Nasceu no faxinal	Abril/2004e de 2008	Abril
Tereza Souza de Deus	68	50	Abril/2008	
Severino Leonardo Ribeiro	78	60	Julho/2006	
João Pereira Correia	80	50	Abril/2004	
Laura Neves	74	50	Abril/2004	
Ana Schon	71	65	Abril/2004 Abril/2008	e
Antônio Schon¹¹	64	Nasceu no faxinal	Abril/2004 Abril/2008	e
Clara Schon	50	Nasceu no faxinal	Abril/2004 Abril/2008	e
Arquimedes Ribeiro¹²	75	50	Julho/2006	
Irton Antunes	69	62	Julho/06	
Otália Lemes Mazur¹³	78	Nascida no faxinal	Julho/06	

As entrevistas foram feitas nas casas dos moradores por meio de conversas informais, tomadas de cuia de chimarrão, entre um almoço e outro. Sempre explicava aos faxinalenses o porquê das entrevistas, perguntava se poderiam ser gravadas e/ou filmadas. Todos sempre se demonstraram receptivos a me dar as informações.

¹¹ Faleceu em 25/08/2008, aos 68 anos.

¹² Faleceu em 24/06/2008, aos 77 anos.

¹³ Faleceu em 24/01/2009, aos 80 anos.

Segundo Queiroz (1988), o relato oral está, pois, na base de obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber; desenho e escrita sucederam a palavra.

Com a utilização do gravador, num primeiro momento acreditava-se que pudesse diminuir ou anular os possíveis desvios trazidos pela intermediação do pesquisador. Entretanto, percebera-se que isto não ocorrera, pois a utilização dos dados na pesquisa exigia, em seguida, a transcrição escrita. Pois, uma parte do registro se perdia na passagem do oral para o texto, e este ficava igualado a qualquer outro documento.

A vantagem era conservar, com maior precisão, a linguagem do narrador, suas pausas (que podiam ser simbolicamente transformadas em sinais convencionais), a ordem que dava às idéias.

O documento transcrito quando comparado àquele registrado pela mão do pesquisador parecia ser mais rico, mas, quando comparado com a fita gravada percebia certo empobrecimento e o pesquisador se tornava um intermediário que podia deturpar, de alguma forma o, que fora registrado.

A fita, porém, não é passível de ser guardada indefinidamente. Desse modo, a única forma de se conservar o relato por longo tempo está ainda em sua transcrição. E após a transcrição, deve ser feita análise. A análise significa decompor um texto, fragmentá-lo em seus elementos fundamentais, isto é, separar claramente os diversos componentes, recortá-los, a fim de utilizar somente o que é compatível com a síntese que se busca.

A história oral, segundo Queiroz (1988), é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação. A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também recolhe destes, tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores inventam num dado momento.

Dentro do quadro amplo da história oral, a história de vida constitui uma espécie, ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. Assemelham-se às histórias de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais, as autobiografias, as biografias.

Queiroz define a história de vida como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu numa narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativo. Através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar; O crédito a respeito do que é narrado será testado, não pela credibilidade do narrador, mas sim pelo cotejo de seu relato com dados oriundos de outras variadas fontes, que mostrará sua convergência ou não. Desse modo, interessa para as ciências sociais o que o informante presenciou e conheceu.

A história de vida e os relatos orais sempre remetem à historicidade do coletivo e não do individual.

(...) comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, mesmo quando estes não vivem mais na organização de que haviam participado no passado, e assim se pode conhecer parte do que existira anteriormente e se esmaecera nos embates do tempo. (QUEIROZ, 1988, p.25).

Alguns pesquisadores defendem a idéia de que a história oral não deve ser a única fonte de obtenção dos dados, então sempre que possível, deve-se cotejar os dados coletados através da história oral com outras fontes. De certo modo, isto dará mais envergadura, dimensão e profundidade à pesquisa.

O material levantado deve ser trabalhado do seguinte modo: a descrição, a análise, o levantamento de inferências, a compreensão, a explicação, os quais se sucedem como fases diferentes e inconfundíveis.

A oralidade colhida, seja através das histórias de vida ou do depoimento oral, não são apenas representações simbólicas individuais, mas lembranças que se entrecruzam entre o individual e o coletivo. O informante da história oral deixa transparecer as ideologias, percepções, concepções inerentes a sua época e ao meio social em que se encontra inserido.

No processo de colhida das histórias de vida dos faxinalenses deu-se prioridade aos informantes que residem no faxinal há mais de cinquenta anos. Inicialmente, nas quatro primeiras entrevistas utilizou-se o gravador, e nas demais, o mp3 e filmadora. Ao utilizar-se o mp3 e filmadora nas entrevistas pode-se perceber que os informantes se sentiram mais a vontade do que em relação ao uso do gravador. Pois, o gravador tem o incômodo de tempos em tempos emitir uma sonoridade de que a fita chegou ao fim. E com isso vem a mente do entrevistado de que sua fala está sendo gravada. Entretanto, o mesmo não ocorreu com a utilização da Câmera ou mp3, pois bastava posicioná-los e a entrevista seguia seu percurso. Vale salientar que, no caso dos faxinalenses, as suas cobranças desde as primeiras visitas do por que eu não ter levado máquina fotográfica ou filmadora foi um dos aspectos que mais me chamou à atenção.

Deve-se salientar também que ao utilizar a filmadora, primeiramente, foi filmado a paisagem natural do faxinal e não as histórias de vida dos faxinalenses. Certamente isso contribuiu para aceitação das entrevistas filmadas, pois, ao filmar as paisagens naturais, os faxinalenses sempre me pediam para vê-las. De certa forma, isso pode ter despertado neles uma curiosidade e encantamento de como seriam suas falas diante da filmadora, pois era comum, logo após o término das entrevistas, os faxinalenses solicitarem que suas entrevistas fossem mostradas em suas televisões.

Outro aspecto que também pude perceber é que os faxinalenses se deram conta de que suas entrevistas e também as fotos que eram tiradas era um dos meios de materialização daquilo que, até então, estava presente na oralidade. E numa dessas entrevistas, o Sr. Elvídio¹⁴ veio a falecer, e sua família solicitou-me que a sua imagem fosse dada a eles. Diante desse acontecimento os faxinalenses sempre me diziam de como é importante ter uma foto, imagem filmada de alguém, pois isso fica para sempre. Era comum eles me dizerem se, no tempo dos primeiros que lá chegaram, Júlio Gonçalves e José Kruger tivessem havido fotos ou filmagem, as pessoas teriam uma lembrança deles até os dias de hoje.

As entrevistas eram marcadas previamente com cada entrevistado e solicitou-se a esses, caso tivessem fotos antigas sobre o faxinal que no dia da entrevista elas nos fossem apresentadas. As entrevistas foram realizadas em suas próprias residências. Procurou-se não elaborar um roteiro de entrevista, pois pedia-se que o entrevistado contasse há quanto tempo reside no faxinal, como chegou, como era o faxinal no passado e como é nos dias atuais. À medida que o entrevistado ia narrando os fatos, fazia-se alguma indagação, mas sempre procurando interferir o menos possível no relato de sua história de vida.

Quando os informantes nos apresentavam suas fotos antigas perguntava-se quem as tirou? Por que tirou? Quando? Quem guardou?, se a foto era da pessoa ou era uma doação, se

¹⁴ Faleceu em 13/05/2006, aos cinquenta e dois anos.

havia alguma legenda na foto, onde estavam guardadas?¹⁵ E, em seguida, o informante falava sobre a imagem, que acontecimentos eram aqueles, quais pessoas estavam ali presentes e ao mesmo tempo correlacionava fatos e pessoas tanto com o passado quanto com o momento presente do faxinal.

A maioria das fotos apresentadas a nós eram fotos posadas para fotógrafos. “(...) as imagens das fotos fazem aflorar novos elementos, surgem detalhes, nomes, fatos, há um aguçamento da própria memória” (DEMARTINI, 1997, p.10).

Após a realização a gravação das entrevistas, eu mesmo realizei a transcrição e edição das mesmas. O processo de transcrição de uma entrevista não é nada fácil. Como respeitar a fala do entrevistado? Até que ponto no processo de transcrição está sendo fiel à fala do entrevistado?

Whitaker (2000) chama a atenção para a confusão que se estabelece no processo de transcrição das entrevistas entre ortografia e fonética.

De acordo com a autora,

“Os transcritores julgam possível reproduzir uma pronúncia original, usando erros ortográficos”. (...) Respeitar o entrevistado implica, portanto, reproduzir apenas os ‘erros’ de sintaxe, isto é, as formas peculiares de articulação do discurso. Escrever corretamente o léxico (sem erros ortográficos) nos parece fundamental para reforçar este respeito (WHITAKER, 2000, p.155).

¹⁵ Todos esses procedimentos foram adotados a partir da leitura do trabalho de Demartini (1997).

CAPÍTULO 1

TRABALHO DE CAMPO NO FAXINAL DOS KRUGER

Nesse capítulo o objetivo é relatar minha experiência sobre o trabalho de campo, ou, para ser mais preciso, os momentos que antecederam a ida a campo, os preparativos que se estabeleceram os imprevistos ocorridos e as dinâmicas vividas e experimentadas pelo pesquisador em campo.

Os preparativos a campo

Quando se lança ao trabalho de campo, geralmente tem-se a preocupação de como chegar ao local que se pretende visitar, se há ônibus, se tem que ir a pé, se há local para pernoitar, etc. Quando me propus conhecer o Faxinal dos Kruger, no município de Boaventura de São Roque, PR, busquei informação de como chegar até lá, se a cidade era grande ou pequena, verifiquei no mapa em que região do estado o município se localizava, se havia local para pernoitar. Esses preparativos se deram em outubro de 2003, e a viagem foi em onze de outubro do mesmo ano. Recordo-me de que um dos primeiros contactos que estabeleci foi por telefone junto à casa paroquial. A secretária paroquial me disse que naquele município havia um faxinal e também um hotelzinho simples para ficar. Ela também me sugeriu que o pessoal da secretaria municipal de agricultura poderia me dar mais informações sobre o faxinal.

Depois dessas informações, fui até a rodoviária comprar passagem para ir conhecer o faxinal. Informe-me junto à empresa de ônibus se havia ônibus direto da cidade em que me encontrava Goioerê, PR, até Boaventura de São Roque, PR, o atendente me disse que eu precisava apenas fazer uma conexão em Campo Mourão, PR, mas que depois o ônibus iria direto até meu local de destino. Assim procedi conforme a orientação do atendente. Mas quando fiz a conexão em Campo Mourão fui informado de que o ônibus para Boaventura não chegaria até a cidade, mas que eu deveria descer numa parada naquele município,

chamada Sítio, e de lá tentar uma carona ou alguém que me levasse até Boaventura. Confesso que nesse momento fiquei intrigado entre, seguir a viagem ou voltar, mas resolvi enfrentar o desafio. Era uma tarde de sábado, sai de Campo Mourão por volta de dezessete horas e deveria chegar nessa parada por volta de vinte horas. Meu temor era chegar a um local desconhecido, à noite, e como conseguir chegar à cidade de Boaventura.

Durante o trajeto da viagem, conheci João, um jovem de mais ou menos vinte anos, no interior do ônibus, e perguntei-lhe se ele poderia me indicar o momento de descer na localidade Sítio. Ele me disse que também desceria nesse mesmo local. Nesse momento, confesso que fiquei com medo e inseguro em ficar em um local desconhecido, à noite, com uma pessoa também desconhecida, mas também percebi que ele estava desconfiado sobre minha pessoa, de que supostamente eu não residisse ali e me perguntou o que eu estava fazendo ali, como eu havia sabido dessa localidade, qual era o meu interesse. Ao responder suas indagações, ainda no interior do ônibus, percebi por parte desse jovem certa tranquilidade em relação a mim. Ao desembarcarmos na parada de ônibus e localidade Sítio, o jovem me mostrou uma venda¹⁶ e me disse que talvez seu proprietário, o Sr. Hilário, um gaúcho, pudesse me levar até a cidade de Boaventura, distante dali a dez quilômetros. Ao adentrarmos no bar havia algumas pessoas aparentemente daquela região e percebi que todos me olhavam de modo diferente, devido às bolsas que eu levava e que me denunciavam que eu era de fora. Num canto do bar eu percebi que o jovem que eu havia conhecido no ônibus conversava com o dono do bar a meu respeito. Em seguida, o dono do bar veio até mim, e começou a me indagar de onde eu vinha, o que eu estava fazendo ali, que estudo eu queria fazer. Ao responder suas perguntas, disse-lhe que eu estava ali naquele horário, porque somente em Campo Mourão eu soube que não havia ônibus direto até Boaventura, mas que mesmo assim eu decidi enfrentar o desafio da viagem, e que também eu havia conversado, por telefone, com a secretária paroquial e com o dono do hotelzinho, o Sr. Carlito, que estaria aguardando minha chegada. Percebi que mesmo após essa conversa o dono do bar ainda manteve certa desconfiança em relação a mim. Ele me pediu que eu aguardasse e quem sabe poderia passar alguém por ali e que pudesse me levar até a

¹⁶ Nesse caso, refere-se a um pequeno bar rural, que vende bebidas, doces e comida caseira. E, também se pratica jogos de azar tais como, carteados e jogo de bilhar.

cidade. Fiquei conversando com esse jovem e ele me disse que naquele dia choveu bastante e que a estrada ainda estava um pouco molhada. Ou seja, iríamos enfrentar o barro da estrada. Pedi ao dono do bar que nos servisse um refrigerante. Nesse ínterim, uma outra pessoa chegou de viagem, moradora em um assentamento do Movimento dos Sem-Terra (MST), em Boaventura, também precisava ir à sua casa. Esse senhor me propôs que dividíssemos o custo da viagem. Desse modo, consegui chegar à cidade de Boaventura, por volta de quase vinte duas horas. No meio da viagem, o dono da venda me disse que em Boaventura não há especificamente um hotel, mas uma mercearia que nos seus fundos existiam uns quartos. Pedi a ele que me deixasse então no local. Pois, ali da cidade ele seguiria viagem para levar a outra pessoa até ao assentamento. Ao chegar nesse hotelzinho senti-me aliviado. Em seguida, fui até a uma lanchonete comer algo e, posteriormente, fui descansar.

Percebe-se que por mais que nos cerquemos de todos os cuidados, informações, quase nunca as situações ocorrem conforme se planeja. Desse modo, uma dose de aventura e de ousadia faz-se necessário àqueles que se lançam ao trabalho de campo.

No dia seguinte, doze de outubro, estava bastante entusiasmado para conhecer o Faxinal dos Kruger, mas como era um domingo eu não quis incomodar os funcionários da secretaria da agricultura, então resolvi aguardá-los até o dia seguinte para que me levassem ao faxinal.

Como a cidade de Boaventura de São Roque só tinha mil e quinhentos habitantes, ficar o dia todo nesse local para mim representava um tédio. Imaginei que já corria pela cidade a notícia de que alguém diferente se encontrava por ali. Como não havia algo de interessante em se fazer por lá, depois de uma caminhada pela cidade eu fiquei sentado na frente do hotel, lendo, o que para aquelas pessoas era algo estranho. Alguns passavam na rua e ficavam me observando, outros vinham conversar comigo. Desse modo, conheci duas

peessoas, o Sr. Otávio, de sessenta anos, e um adolescente, Antônio, de mais ou menos uns quinze anos. O Sr. Otávio me disse que sempre morou em Boaventura e que antes toda a área do município era só de faxinais, mas que atualmente só existe o Faxinal dos Kruger. Para o Sr. Otávio, com a chegada da lei¹⁷, os patrões ficaram temerosos em ter pessoas plantando e criando animais a solta na área de faxinal.

Meu objetivo ao ficar na frente do hotel era conhecer alguma pessoa do Faxinal dos Kruger, pois, segundo seu Otávio, às vezes, em dia de domingo, poderia vir alguém de lá até a cidade. Mas nesse dia não apareceu ninguém. À tardezinha, Antônio, o adolescente de mais ou menos quinze anos, conversava comigo e me dizia que uma tia sua morava no faxinal. Ele me disse que sua tia estava na casa de seu avô e me convidou para ir à casa de seu avô para conhecê-los. Seu avô, Sr. Aristides, de oitenta e seis anos, era descendente de indígenas. Perguntei a ele sua etnia, mas ele não soube me dizer. Sou apresentado à sua avó, Sra. Idezina, de setenta e cinco anos, e à sua filha D. Sebastiana Calaudiano, que reside no Faxinal dos Kruger. Junto com o Sr. Aristides residia o seu genro, Sr. Hilário, descendente de ucraniano, e sua esposa D. Lourdes e sua filha Jéssica.

D. Sebastiana me disse que foi casada com José Manoel Gonçalves de Deus, neto de Júlio Gonçalves, um dos primeiros habitantes do faxinal, juntamente com José Kruger, mas seu esposo faleceu em 1999. Eu expliquei a ela meu interesse em conhecer o faxinal e ela me indicou que eu procurasse o Sr. Edu Kruger, segundo ela, o morador mais antigo do faxinal, ou alguém de sua família. Eu disse a ela que no dia seguinte eu iria ao faxinal com um técnico da Secretaria Municipal de Agricultura.

Na manhã do dia treze de outubro, a funcionária do hotel, Eliana, levou-me à Secretaria Municipal de Agricultura. O chefe da secretaria, Gilberto, me disse que só à tarde alguém

¹⁷ A noção de lei a que o Sr. Otávio se refere é a extensão de da legislação trabalhista ao campo, em 1943, que proporcionava direitos a indenização no caso de ser mandado embora da propriedade rural, direitos a aposentadoria rural, carteira de trabalho e férias.

da secretaria poderia levar-me ao faxinal. Enquanto isso, ele me sugeriu que eu conversasse com D. Ivanir, que sempre morou no faxinal, mas que agora residia na cidade. Gilberto me levou a casa de D. Ivanir. Esta, me disse que morou no faxinal durante trinta e um anos e que há três meses residia na cidade. Ela me disse que seu esposo, Sr. Arlindo, já falecido, sempre foi um tropeiro, ou seja, conduzia animais, na sua maioria, cavaleiros de um local para outro. Atualmente, D. Ivanir mora com seus filhos Artidor e Soila. Seu filho Artidor trabalha na prefeitura e, aos finais de semana, é locutor de rodeio, e sua filha Soila estuda. Segundo D. Ivanir apesar do faxinal ser um local bom para se viver, possuir uma paisagem vislumbrante, onde as relações sociais entre os moradores são boas, em que cada um compartilha alimentos, amizades, no entanto, ela teme pelo desaparecimento do faxinal. Para D. Ivanir, somente os aposentados e as crianças permanecem no faxinal, pois, os jovens em sua maioria estão indo para as cidades, em busca de melhoria de vida.

Após o almoço, o técnico da secretaria de agricultura, João, levou-me para conhecer o Faxinal dos Kruger.

Figura 1 - Vista parcial do Faxinal dos Kruger



Foto: José Onesio

Fomos à casa do Sr. Edu Kruger, um dos moradores mais velhos do faxinal, 82 anos. Sr. Edu não se encontrava, portanto fomos recebidos por sua esposa D. Alaíde Gonçalves e sua filha Ana. Eu expliquei a elas meu interesse em conhecer o faxinal e que gostaria de fazer um trabalho de pesquisa, mas que naquele momento eu estava ali apenas para ter um breve conhecimento do local, uma vez que eu tinha que voltar para meu local de trabalho. Perguntei a elas como eu faria para entrar em contato para uma segunda visita. Ana me deu o telefone celular rural de sua casa para que eu entrasse em contato com eles. Despedimo-nos e João me levou à casa de D. Olavina Jack Kruger e do Sr. José Jack, seu esposo.

Em 03 de janeiro de 2004 eu retornei ao Faxinal e permaneci, ali, por quatro dias. Novamente, quem me levou da cidade de Boaventura até ao faxinal foi o Adelar¹⁸, um funcionário da secretaria municipal de agricultura. Ele me levou até a casa do Sr. Edu Kruger, para que eu o conhecesse e comentasse sobre minha pesquisa. Ao chegar à casa do Sr. Edu, fui recebido por ele e falei-lhe sobre meu trabalho de pesquisa que gostaria de ali desenvolver e que eu desejaria de contar com seu apoio, no sentido de que eu pudesse ouvir as demais famílias do faxinal. Perguntei-lhe se havia um local em que eu pudesse ficar por uns dias e ele me disse que eu poderia ficar em sua casa, não somente dessa vez, mas das demais quando eu retornasse. Tive certo receio em ficar na casa do morador mais antigo, pois percebi que ele tinha condições econômicas melhores em relação a muito dos moradores e fiquei preocupado se isso não poderia atrapalhar meu acesso aos demais moradores. Minha vontade era de ficar em uma residência mais humilde, pois eu achava que desse modo, eu poderia não despertar ciúmes entre eles. Mas como negar o convite do morador mais antigo do lugar? Achava que negando poderia ser pior. Desse modo, resolvi ficar. Por outro lado, foi muito interessante eu ficar na casa do Sr. Edu, pois ele me contava sobre as histórias do faxinal e de como as famílias Kruger e Gonçalves chegaram ali.

¹⁸ Atualmente é casado com a faxinalense Rose Garcia, filha do Sr. Celso Garcia.

Figura 2 - Residência de Edu Kruger



Foto: Bruno Vidotti. Da esquerda para a direita, em pé: D. Alaíde Gonçalves (esposa do Sr. Edu Kruger); uma visitante, Isabel, Filhas do casal Kruger, Ana e Dorvina, seu neto, Jocimar, Filha do casal Kruger, Otília, Sr. Edu Kruger. Sentado, da direita para a esquerda, Júlio Kruger (filho do Edu Kruger) e o pesquisador.

Apesar de ser minha segunda ida ao faxinal, no entanto, poderíamos chamá-la de primeira no sentido de que eu comecei de fato a visitar as famílias. E para que eu os visitasse, a pessoa do Sr. Antonio Schon¹⁹, sobrinho do Sr. Edu foi fundamental. Ele era uma pessoa simpática, extrovertida e brincalhona, gostava de contar “causos” e, para alguns dos faxinalenses, “mentiras”. Mas foi ele, de fato, quem sempre andou comigo por toda a área do faxinal, que me levava à casa dos moradores e me mostrava os animais, pássaros, diversidade vegetal, etc.

¹⁹ Faleceu em 25/08/2008, aos 68 anos de idade.

Nessa viagem que fiz ao faxinal com o intuito de começar a estabelecer os primeiros contatos com as famílias resolvi nada levar, como máquina fotográfica e filmadora, a não ser o caderno de campo. Entretanto, fui surpreendido pelos moradores que me indagaram do por que eu não ter levado nem sequer uma máquina fotográfica. Diante disso, perguntei a eles se sempre recebiam outras pessoas de outras instituições, me disseram que não e que eu era um dos poucos a se interessar por eles. Essa era sempre uma pergunta decorrente da maioria dos moradores: O que fez você sair de tão longe e vir até aqui nos pesquisar? “Aqui não há nada de interessante, esse lugar é feio”.

Após minha primeira ida ao faxinal, achei que seria conveniente a construção de diagramas de parentesco²⁰ das famílias residentes no faxinal. Então, eu constatei que a maioria das famílias era descendente de Kruger e de Gonçalves. Eu achava que se eu fizesse os diagramas de parentesco eu poderia saber quem eram seus genitores e quais as relações de parentesco entre eles estabelecidas. Sendo assim, comecei a visitar a todas as famílias e a perguntar-lhes quem eram seus ascendentes, de onde vieram, há quanto tempo ali residiam. A partir dessa visita às famílias, comecei a me tornar próximos a elas e elas próximas a mim, ou seja, o processo de empatia começou a ser construído entre nós.

A coleta de dados para a construção dos diagramas de parentesco não se esgotou na segunda viagem, mas foi necessário dar prosseguimento em outras idas a campo²¹.

Diferentemente de outras vezes em que eu dependia do pessoal da secretaria de agricultura municipal para levar-me ao faxinal, a partir da terceira ida a campo, eu fui de ônibus, que vai até ao faxinal sem passar pela cidade de Boaventura. Como nos salienta Malinowski, na medida em que pudermos ir nos desvencilhando de nossos guias, sempre é interessante para

²⁰ Na construção de diagramas de parentesco utilizei o programa Genopro. Através do site <http://www.genopro.com/>

²¹ As idas a campo realizavam-se em períodos de férias de trabalho, feriados prolongados e de festividades religiosas, tais como, festas de fim de ano e Páscoa.

um trabalho de campo. Entretanto, o ônibus era muito simples, para não dizer precário. Como havia tempo que não chovia naquela região, entrava muito pó da estrada dentro do ônibus. Quando cheguei à casa do Sr. Edu estava completamente tomado de pó. Assim que cheguei fui conversar com o Sr. Edu, e suas filhas, Dorvina, Ana e Otília, e sua esposa D. Alaíde. Dei de presente ao Sr. Edu duas caixas que servem para guardar ferramentas agrícolas. Ele ficou muito feliz. Fomos jantar por volta das 19h00min e lá pelas 20h30min fomos dormir²².

Eu levantava todos os dias em torno de 06h30min, tomava por meia hora chimarrão com o Sr. Edu e D. Alaíde e algumas de suas filhas que por uma razão ou outra não foram tirar leite ou que já o tivesse tirado. Pelas 07h00min é servido o café da manhã, com leite, pão, mel, bolo. Depois do café, as pessoas vão para o trabalho da roça, mas geralmente fica uma das filhas em casa e as demais vão para a roça juntamente com seus irmãos. Após o café eu sempre saía da casa do Sr. Edu para visitar as demais famílias. Ficava o dia todo as visitando e levantando os dados para a diagramas de parentesco, e por volta das 17h30min eu retornava a casa do Sr. Edu. Ao chegar a sua casa ficávamos em uma varanda conversando de como foi o dia no faxinal e tomando chimarrão com ele, a sua esposa e suas filhas. Por volta das 18h45min eu ia tomar banho e pelas 19h00min íamos jantar.

Um acontecimento que me marcou, e creio que marcou a eles também, foi a minha ida com os irmãos Schon ao Alto Alegre, localidade onde a maioria das famílias do faxinal, seja possuidora de terras ou não, cultivam as plantações. Eu percebia que as pessoas não acreditavam que eu teria resistências físicas o suficiente para permanecer com os homens em suas roças, nas áreas de plantio.

Eu e os irmãos Schon, Antônio, Vitor e Orlando saímos do faxinal no dia vinte e sete de dezembro de 2004 por volta de 07h30min fomos a um carroção puxado por dois cavalos. A

²² Na casa de seu Edu é costume irem dormir em torno de 20h30min e acordar por volta das 05h30min.

distância do faxinal ao Alto Alegre é de doze quilômetros, fizemos esse percurso em duas horas. Toda essa viagem e o momento de estada no Alto Alegre que fora de três dias foram filmados.

Figura 3 - Família Schon



Em pé da esquerda para a direita. Vitor Schon, Orlando Schon, Helena Schon, Clara Schon, visitante: Isabel. Antonio Schon. Da esquerda para a direita. Visitante: Bruno. Jocimar Kruger.

Foto: José Onesio

No local de plantio a maioria das famílias possui geralmente uma casa simples que eles a chamam de paiol²³. A maioria dessas casas, paiol, é construído de tábuas, cobertas com telhas de barro, assoalho de madeira ou chão batido. Mas há também alguns paióis feitos

²³ O paiol do faxinal é similar a casa de roça descrito por Pietrafesa de Godoi (1999).

somente de troncos ou de madeira rústica e cobertos de sapé. No paiol tem fogão à lenha e quarto para dormir. Tudo de modo muito modesto. Assim que chegamos ao paiol, descarregamos o carroção que tinha levado os alimentos que iríamos consumir por três dias, arroz, feijão, gordura de porco, carne de porco, ovos, café e erva-mate. Após descarregar o carroção eu e o Vitor fomos arrancar feijão, enquanto o Antônio e o Orlando foram construir uma varanda para guardar o carroção. Para arrancar uma pequena área de feijão eu e o Vitor gastamos duas horas de trabalho. Após o almoço tivemos que carregar as ramas de feijão até ao terreiro do paiol para ser debulhado com um cambão. Terminamos de debulhar o feijão por volta das dezesseis horas. Após debulhar e ensacar o feijão eu já estava muito cansado e sujo de terra. Eu pensei que houvesse um banheiro para tomar banho no paiol. Para minha surpresa o banho teve que ser num pequeno riacho, que de tão pequeno que era, não dava para banhar-se bem. Tive que pegar uma lata enferrujada, de óleo de cozinha, que fora transformada em caneca para tomar banho. Enchia de água essa caneca enferrujada e ainda com resíduo de óleo de comida para molhar o corpo. Por volta das dezoito horas o Jurandir, esposo da Janete, sobrinha dos Schon, chegou ao paiol para conversar com os Schon. Lá pelas vinte horas fomos jantar. Na janta tinha arroz, feijão, torresmo e salada de repolho. No momento de fazer a comida há um revezamento entre os irmãos. Geralmente quem fazia o almoço era o Antônio, a janta o Orlando e o café da manhã, o Vitor. Vale lembrar que antes das refeições e no período da tarde, por volta das quinze horas, e antes da janta havia sempre o chimarrão. Depois da janta fomos à casa do Jurandir e da Janete e conheci sua filha Ana Carla de mais ou menos oito anos. Ficamos por lá até as 22h30 min. Da casa do Jurandir até ao paiol gastamos uma meia hora de caminhada. Em seguida fomos dormir. A minha cama já estava instalada na cozinha. Mas, por volta das três horas, acordei com barulhos de rato andando sobre a cumeeira-da-casa e não mais consegui dormir direito. Ora dormia, ora acordava.

Ao acordarmos, no dia 28/12/04 tomamos o chimarrão e em seguida, o Antônio esquentou o arroz, o feijão e fritou ovos e com os torresmos que sobraram da noite anterior. Comemos tudo isso pela manhã, e em seguida fomos ao trabalho. O Antônio ficou no paiol para terminar a varanda e, o Orlando e o Vitor foram à casa do filho do Sr. Edu Kruger, Milton,

que fica a mais ou menos uns dez minutos a cavalo, buscar umas telhas para cobrir a varanda. Depois que trouxeram as telhas, o Vitor foi me ajudar a carpir o local onde arrancamos o feijão. Carpimos até onze e meia e após esse horário nos dirigimos até ao paiol para almoçarmos. Enquanto o Antônio preparava o almoço íamos tomando chimarrão. Após o almoço eu e o Vitor voltamos à lavoura para terminar a capina. Permanecemos na roça até umas 15h30min. Depois fui até ao riozinho tomar banho, pois estava bastante cansado e sujo. Por volta das dezessete horas, eu e o Antônio fomos à casa de Janete filmar uma capivara pequena que a filha do casal, Ana Carla, cuida. Por volta, das dezoito e trinta saímos da casa de Janete e às dezenove horas chegamos ao paiol. Após a janta, fomos todos à casa de Altamiro²⁴, conhecido como gordo, genro de D. Judith Gonçalves. Saímos da casa do gordo por volta de 22h30min.

Na manhã seguinte, 29/12/04, após tomarmos o chimarrão e comermos o virado de feijão com ovos fritos, arroz e torresmo, o Sr. Antônio Schon levou-me para conhecer as demais famílias, que residem no Alto Alegre, e uma linda cachoeira, chamada Salto da Marrequinha. Passamos o dia todo com essas famílias e, ao entardecer, voltamos para o paiol do Sr. Antônio, pois no dia seguinte iríamos retornar ao faxinal. Os irmãos Schon tinham que retornar para levar o feijão colhido e também para ajudarem suas irmãs com os preparativos da festa de Ano Novo. Ao retornarmos ao faxinal fui à casa do Sr. Edu, pois o restante de minha bagagem estava em sua residência.

Para mim, um aspecto importante dessa ida com os irmãos à roça foi que essa viagem acabou se tornando um ritual de passagem para mim, pois quando os irmãos Schon me convidaram para ir à roça com eles, pude perceber por parte deles, certa desconfiança de que eu não agüentaria ficar o tempo todo na roça e de que eu não suportaria o trabalho da lavoura. Porém, ao ser apresentado as famílias do Alto Alegre, o Sr. Antônio dizia-lhes sobre o meu trabalho juntamente com seu irmão Vitor, na lavoura. Eu sentia por parte das pessoas, certa admiração, de que como alguém que veio da cidade enfrentava o trabalho da

²⁴ Altamiro faleceu em outubro de 2005.

lavoura com eles. Essa mesma admiração, perplexidade e risos se deram também junto as famílias do faxinal, quando os irmãos Schon relataram sobre nossa estadia ao Alto Alegre. As pessoas diziam ao Sr. Antônio: “Deus o livre, mas como que você deixa ele trabalhar na roça?” Mas, por mais que eu lhes dizia que eu tinha ido por que eu quis, eles diziam, “esse Antônio é louco mesmo.” Pois, a partir desse momento percebi que junto aos irmãos Schon e as demais famílias do faxinal eu ganhara maior credibilidade.

As pessoas do faxinal estavam ansiosas para verem as filmagens que fizemos no Alto Alegre e a do próprio faxinal. Eu pude perceber em seus rostos a felicidade de se verem pela televisão. Nessa quarta viagem ao faxinal, as pessoas me perguntavam por que eu queria estudá-los, pois, para eles, ali não havia nada de interessante. Quando eu lhes dizia que as pessoas de outros lugares não conheciam sobre os seus modos de viver coletivamente, e que essas, ao verem as suas fotos e filmagem, achavam muito bonita a paisagem do faxinal, eles me ouviam com admiração e até mesmo indagação de como as pessoas de outras localidades não sabiam sobre eles, e sobre o que era um faxinal, e, ao mesmo tempo, podiam achar bonita a paisagem. Desse momento em diante, percebi por parte dos mais jovens e de alguns moradores mais velhos de que se fazia necessário eles próprios começarem a valorizar e a lutar por melhorias para o faxinal. Essa idéia me foi dita pelos moradores Antônio Antunes e Ismael Kloster²⁵.

Ao se verem pelas filmagens, eles me pediram para que eu filmasse também as crianças que vão de casa em casa, na madrugada²⁶ do Ano Novo, desejar aos moradores “felicidades do ano novo” e em retribuição ganham balas, doces, biscoitos e bolachas caseiras. Essa festa

²⁵ Seis meses após essa fala, os moradores recebem o convite para participarem do “1º Encontro dos Povos de Faxinais”, na cidade de Irati PR, em Agosto de 2005. Aqui começa a inserção política por parte da maioria dos faxinalenses em lutar por seus direitos. Ao mesmo tempo estabelece-se um conflito entre as famílias que querem que o faxinal continue sendo um modo de vida tradicional e aqueles que desejam que esse modo de vida tradicional seja extinto. Vale lembrar, que o jovem Ismael Kloster, faz parte da comissão executiva da Articulação Puxirão. A Articulação Puxirão reúne vários faxinais com o intuito de lutar sobre os direitos das populações tradicionais.

²⁶ As crianças saem de suas casas por volta de duas ou três horas da manhã e percorrem todas as quarenta e nove casas do faxinal. A idade das crianças vai de quatro anos a até doze, treze anos. Nessa faixa etária eles andam juntos pelo faxinal. Elas formam seus blocos e saem durante todo o dia. Já os filhos de até quatro anos os pais os acompanham, mas esses costumam sair de suas casas por volta de seis horas da manhã.

os faxinalenses a chamam de “Vindiá”. Vale salientar que as famílias se sentem felizes em dar doces às crianças e perguntam quando tal criança de tal família não foi buscá-los. Se a criança não foi, isso pode ser entendido como um sinal de insatisfação de seus pais para com as demais famílias do faxinal. A única justificativa plausível de determinada criança não fazer o vindiá, é se esta estiver doente. Mesmo assim, seu doce é guardado e quando ela, ou seus pais vão à casa das pessoas, o doce lhe é dado.

No dia de Natal, Ano Novo e Páscoa é comum ter uma “melhor comida”, como dizem os faxinalenses. Geralmente, tem-se maionese, salada, arroz, feijão, refrigerante, cerveja caseira, carne assada de porco, de cabrito, de frango, de boi e eventualmente de carneiro. Após o almoço é servido bolo caseiro com recheios, pavê e outras guloseimas que as próprias mulheres fazem.

Do trabalho de campo que realizei junto aos irmãos Schon, no Alto Alegre, faz-se necessário, compreender o Alto Alegre, apesar da distância de doze quilômetros que o separa da área de criação dos animais, comumente chamada de faxinal, como uma totalidade, uma integrante do sistema faxinal. Ou seja, o Alto Alegre não é apenas mais um nome de uma localidade rural, mas parte do sistema faxinal, pois, é no Alto Alegre que as famílias cultivam as plantações para a sua subsistência e o que sobra é vendido no mercado agrícola local. A maioria das pessoas trabalha e possui suas áreas de plantio, cultivo no Alto Alegre. Parte das famílias são proprietárias da terra, porque a receberam de herança dos dois fundadores do faxinal, Sr. José Kruger e Sr. Júlio Gonçalves. Como há muitas pessoas para pouca terra, percebe, que as famílias com menor poder aquisitivo aproveitam de modo intensivo todos os espaços, inclusive aqueles em locais de encostas, pedregosos e íngremes. Nesse caso, é a luta pela sobrevivência e subsistência que se estabelece. As famílias que no processo de recepção da herança, ou que puderam adquirir melhores áreas

de terras agricultáveis e mecanizadas, essas geralmente cultivam produtos como soja e/ou milho para comercialização²⁷.

As dificuldades do pesquisador no campo

Desde a primeira visita realizada em outubro de 2003 até a quarta visita, ocorrida em dezembro de 2004 a janeiro de 2005, as relações entre os faxinalenses pareciam se dar dentro de uma normalidade habitual entre eles. Mas, a partir da quinta visita ocorrida entre dezembro de 2005 a janeiro de 2006 pude constatar a partir da fala das pessoas que havia certa divisão, discordância, sobre os rumos do Faxinal. E essas divergências eram atribuídas a partir do que ocorrera no “1º Encontro dos Povos de Faxinais”, na cidade de Irati, PR, em Agosto de 2005. É a partir desse encontro que as famílias do faxinal começam a se diferenciar, distinguir entre aquelas que querem a permanência do faxinal e entre aquelas que desejam que ele termine. É também dentro desse contexto que minha atuação de pesquisa entre os faxinalenses está comprometida. É conveniente tomar partido quando se está em um processo de pesquisa? Como atuar em uma localidade quando se tem dois grupos que se opõem? A partir desse momento comecei a ter de modo mais claro que todo gesto, comentário poderia ser usado, interpretado pelos diferentes grupos. No meu caso específico eu já havia permanecido na casa do Sr. Edu por cinco visitas. Como, agora, mudar de residência e ao, mesmo tempo, como permanecer também? Será que o outro grupo não poderia compreender que pelo fato de eu permanecer na casa do Sr. Edu eu estaria a favor das posições de sua família em relação ao faxinal? Portanto, o que fiz foi comentar para ambos os grupos que eu respeitava as suas posições, mas de que eu precisava do apoio de ambos para realizar minha pesquisa. Pude perceber que essa minha explicação foi aceita por ambos os grupos. No entanto, pude perceber também de que algumas pessoas, tanto daqueles que queriam a continuidade do faxinal quanto daqueles que querem sua extinção, faziam comentários uns dos outros junto a mim. Eu interpreto esse gesto por parte dos faxinalenses como sendo um modo de me testarem. Será que ele tomará partido? Será

²⁷ No caso do faxinal, segundo os próprios faxinalenses, quem possui melhor e maior área de plantio é o Sr. Edu Kruger e seus filhos.

que ele comentará isso com o outro grupo? Como eu sempre ouvia ambos os grupos e não levava os seus relatos ao outro grupo, constatei ao longo das demais visitas que eles perceberam em mim que eu não estava ali, pelo menos inicialmente para tomar partido.

Porém, minha tensão no campo se tornou maior quanto tive que permanecer no faxinal por quarenta e oito dias²⁸. Apesar de eu ter dito a algumas pessoas do faxinal de que eu não iria me envolver com os conflitos internos deles, eles me disseram entender tal situação. Contudo, mesmo assim, algumas inquietações a mim se colocavam. Como eu iria permanecer por mais tempo no faxinal, seria conveniente continuar hospedado na casa do Sr. Edu, caso ele me aceitasse a ficar em sua casa? Talvez, o ideal seria eu morar só, em uma das casas desocupadas do faxinal, mas como elas são relativamente distantes umas das outras, eu temia pela minha segurança.

No entanto, ao chegar ao faxinal para realizar o trabalho de campo deparei-me com uma atmosfera de maior tensão entre as famílias. Ao chegar à casa do Sr. Edu encontrei-o bastante doente. Nesse sentido, disse a ele e a sua família que eu achava melhor ficar em outra casa devido ao seu estado de saúde. Inicialmente ele insistiu para que eu ficasse em sua casa, mas depois me disse de que eu devia fazer o que fosse melhor para mim.

O senhor Antônio Schon, sobrinho do Sr. Edu veio falar comigo para que eu procurasse o Sr. João Gonçalves, cunhado do Sr. Edu, pois, ele tinha uma casa vazia e talvez eu pudesse ficar residindo nela. E, de fato, foi o que ocorreu. O Sr. João alugou a casa para mim. Porém, era uma casa muito modesta, sem água encanada e sem local para banho. Contudo, a sua filha que nela residia, ao mudar-se, deixou todos os utilitários da casa, como fogão, mesa, pia, sofá, cama e guarda-roupa. E uma das primeiras pessoas que me ofereceu local para banho foi o Osmar Kruger, um dos filhos do Sr. Edu Kruger. Já nesse momento pude perceber que a minha inserção a campo nesse momento, poderia se dar como uma disputa

²⁸ Trata-se do trabalho de campo que fora realizado de 16/02 a 22/02/2008 e de 19/03 a 30/04/2008.

entre as partes em conflito. Pois, tomava banho ora na casa de um grupo, ora comia na(s) casa(s) de outro grupo. Se num primeiro momento o Sr. João Gonçalves não me havia oferecido sua casa para ir tomar banho, o que era mais fácil para mim, a posteriori ele me ofereceu. Desse modo, ora eu revezava entre a casa do Osmar, ora entre a casa de João Gonçalves.

No entanto, em um dos dias em que fui à casa do Osmar para banhar-me, sua esposa Amélia me disse que o senhor João Correia, conhecido como João Valeco, dissera-lhe que tinha medo de me dar entrevistas, porque eu poderia usar essas entrevistas contra eles, pois eles são uma das pessoas que deseja que o faxinal acabe. Disse a D. Amélia que meu papel era ouvir todos aqueles que pudessem dar-me informações, e que num primeiro momento não me caberia tomar partido, mas compreender os acontecimentos. Tive a impressão de que ela não gostou muito de minha resposta. No entanto, esse episódio não prejudicou o trabalho de campo

Inicialmente eu havia pensado que, pelo fato de estar morando só em uma casa, minha inserção entre os diferentes grupos do faxinal continuaria do mesmo modo que antes, não foi bem assim que ocorreu. Como a casa em que eu estava era do Sr. João Gonçalves, uma das famílias que querem a continuidade do faxinal, por outro lado, algumas famílias que querem que o faxinal termine começaram a receber-me de modo diferenciado das visitas anteriores. Por sua vez, as famílias que desejam a continuidade do faxinal continuaram a me receber como das vezes anteriores.

CAPÍTULO 2

OS FAXINAIS NO PARANÁ

Apesar de não ser objeto desta pesquisa, deve-se ressaltar que os faxinais fazem parte dos chamados povos e comunidades tradicionais existentes no Brasil, que por sua vez, possuem uma forma tradicional de ocupação da terra e de uso comum dos recursos naturais, ao lado de tantas outras, salvaguardado as suas singularidades e especificidades. (ALMEIDA, 2008).

Compreende-se por populações tradicionais “aquelas que aceitam as implicações da definição legal que exige o ‘uso sustentável de recursos naturais’ – seja conforme práticas transmitidas pela tradição, seja por meio de novas práticas” (CUNHA; ALMEIDA, 1999, p.06). Segundo Cunha (2008), **ser povo tradicional é no fundo, um contrato, um pacto de não agressão ao meio ambiente** (grifo da autora). Desse modo, a noção de tradicional não se reduz a algo do passado, a algo petrificado, a atraso econômico, mas ao uso recente dado por Sahlins (1997) em que as tradições culturais se mantêm e se atualizam mediante uma dinâmica de constante transformação.

A respeito da noção de uso comum, compreendem-se aquelas

“(...) situações nas quais o controle dos recursos básicos não é exercido livre e individualmente por um determinado grupo doméstico de pequenos produtores diretos ou por um de seus membros. Tal controle se dá através de normas específicas, combinando uso comum de recursos e apropriação privada de bens, que são acatadas, de maneira consensual, nos meandros das relações sociais estabelecidas entre vários grupos familiares, que compõem uma unidade social. Tanto podem expressar um acesso estável à terra, como ocorre em áreas de colonização antiga, quando evidenciam formas relativamente transitórias características das regiões de ocupação recente. Tanto podem se voltar prioritariamente para a agricultura, quanto para o extrativismo, a pesca ou para o pastoreio realizados de maneira autônoma, sob a forma de cooperação simples e com base no trabalho familiar” (ALMEIDA, 2008, p. 28).

No caso do Faxinal dos Kruger o que os torna possuidores de direitos sobre o uso comum são os laços de parentesco e de compadrio. Pois, uso comum ou terras de uso comum não significa que seja de acesso público, no sentido de qualquer cidadão ou pessoa, mas de quem compartilha da idéia de moralidade e de justiça própria dos faxinalenses.

Antes de abordarmos propriamente sobre a formação do Faxinal dos Kruger vale salientar que a literatura histórica paranaense faz menção aos aspectos paisagísticos das matas de faxinais, na região Centro-Sul do Paraná desde 1745 (CAMPIGOTO; SOCHODOLAK, 2008, p.219); (MEMÓRIA, 1863, p.63-64); (DIÁRIO, 1865, p. 06) e o código de postura do Império de 1829, que reconheceu o uso comum da terra - designada pela categoria de compáscuos²⁹ ou campos de criatório comum em toda a região Sul do país (SOUZA, 2007, p.03).

No entanto, é de nosso conhecimento de que o documento mais antigo que de fato regula o uso da criação de animais em áreas de faxinais data-se de 1885. Trata-se de um decreto expedido pela Assembléia Legislativa Provincial do Paraná, sob proposta da comarca municipal da cidade de Guarapuava³⁰.

De acordo com o decreto em seu artigo 1^o

Todos os possuidores, ou proprietários de terras em comum, sejam campos, fachinaes, logradouros ou Mattos, não poderão conservar nelles numero de animaes superior ao que comportar suas respectivas partes.

- a) – O calculo será feito por accordo amigável entre as partes.
- b) – Quando não possa realizar-se accordo sobre o numero de animaes que cada um possa ter e conservar em sua parte, esse numero será arbitrado em audiência do juis de Paes, seguindo as regras de direito³¹ (ARQUIVO, 2007).

²⁹ De acordo com Campos (2000), compáscuo é um tradicional direito de comunhão de pastagens em terrenos pertencentes a diversos proprietários. Ver também Gevaerd Filho (1986).

³⁰ Vide anexo no final do trabalho.

³¹ A presente grafia é a que se encontra no documento original.

Primeiro, esse decreto revela que a prática de criar animais em terras de uso comum era um ato que já ocorria em tempos anteriores a sua publicação, 1885. Segundo, de que havia conflitos entre os faxinalenses quanto ao número de animais em que cada um deveria ter na área de uso comum.

No caso do faxinal dos Kruger a delimitação do uso de animais em área do criadouro só começou a ser discutida a partir de 2008, pois de acordo com os faxinalenses, cada qual poderia ter o número de animais que lhe conviesse. A necessidade de delimitar o número de animais pelas famílias fez-se necessário, segundo os faxinalenses, porque a área de vegetação do criadouro estava sendo danificada.

- g) Passados vinte dias depois de notificados os interessados, se succeder que alguém delles não tenha redusido os seus animaes, ao numero fixado no arbitramento, será compellido a fassel-o em oito dias, pagando no entanto a multa de 2\$000 mil reis por cabeça que exceder do numero fixado.
- h) Estas disposições são applicaveis aos³² confinantes, quando suas propriedades não se acharem divididas por fecho natural seguro, ou cerca de lei, que impeça completamente passagem dos animaes de um para outro terreno.
- i) Quando fôr manter fecho artificial na linha divisoria de duas propriedades, para impedir completamente a passagem dos animaes de uma para outra, este fecho será feito pelos confinantes, na proporção de suas propriedades, ou partes, e de mesmo modo obrigado a sua conservação.
- j) Fechada uma propriedade, o gado, ou animaes encontrados nella, sem dono conhecido, ou se conhecido, não os retirar até 48 horas depois de avisado, serão taes animaes entregues ao fiscal da comarca, para dar-lhes o conveniente destino, percebendo conductor 1\$000 reis por legoa de ida e volta. Este estipêndio será de prompta satisfeito pela comarca que, a seu termo, se essa pelo producto desses animaes, vendidos em pasta publica, quando não o seja pelos donos dos animaes (ARQUIVO, 2007).

O decreto estabelece multa para aqueles que não delimitassem o uso de criação de animais. O documento também menciona o uso de cercas, o que significa que em alguns faxinais a presença de cercas já existia. Contudo, de acordo com os depoimentos dos faxinalenses até os anos de 1950, o faxinal era tudo em aberto, sem a presença de cercas. Os animais andavam livremente a distâncias de mais de vinte quilômetros.

³² Grafia não compreensível no documento original.

Entretanto, essa região não foi constituída de um vazio demográfico, mas desde a inserção do homem branco, em meados do século XVIII, há registros historiográficos que fazem menção a presença dos índios Kaingang nessa região (MOTA, 1994; 2000), ou seja, mais que presença, essas áreas eram território dos Kaingang. Com isso, queremos destacar que essas áreas de faxinais da região centro sul do Paraná já se faz imersa em conflitos desde os tempos da colonização entre Kaingang e colonizadores. De acordo com Mota (1994), se em 1770, os Kaingang conseguiram rechaçar as expedições militares, a partir de 1808 e 1809, há claras intenções do Governo Imperial em conquistar os territórios Kaingang.

Apesar dos faxinais serem mencionados desde o século XVIII e XIX, mas é somente na década de 80, do século XX, que os primeiros trabalhos acadêmicos mencionaram os faxinais (Souza, 2007).

Horácio Martins de Carvalho (1984), engenheiro agrônomo, foi o primeiro, pelo que se tem conhecimento, a despertar para a importância de se estudar o Sistema Faxinal. Carvalho (1984) alega não ter estudado o Sistema Faxinal por razões de ordem pessoal, política e profissional. Portanto, seu texto é como uma ‘crônica sobre uma viagem ao campo’ (CARVALHO, 1984, p.04). O autor, por indicação dos técnicos da Emater da época, recebeu sugestão de que estudasse o Faxinal do Rio do Couro, no município de Irati, por ter sido um dos mais antigos e pelo fato de os produtores participarem ou terem já participado de criador comunitário. O autor estudou esse faxinal no período de 1920 a 1981.

Segundo Carvalho (1984), as áreas de lavouras eram formadas em áreas periféricas às florestas, com a presença de pinheiro e ervateiro. Nesse sentido, o Sistema Faxinal está apoiado em três pilares: extrativismo florestal (pinheiro e ervateiro), criação extensiva de animais e lavouras de subsistência e/ ou comercial.

As áreas de lavoura (...) ficam fora do perímetro do criador comunitário. Porém, dentro dele, além das áreas de pastoreio, localizam-se: as casas dos moradores

(proprietários da terra e/ou agregados), e os denominados ‘quintal de verduras’, área onde plantam parreiras, olerícolas, etc., e o ‘quintal de monta’, área onde se manuseia os animais, carroças, arreios, etc. Os quintais de verdura situam-se próximos às casas, e são cercados para dentro do criador comunitário (CARVALHO, 1984, p.18).

Francisco Adyr Gubert Filho (1987), engenheiro agrônomo, publicou o artigo “*O Faxinal: estudo preliminar*”, que define o que é o faxinal e tece observações sob os pontos de vista ecológico, econômico, social e político. Segundo o autor, o faxinal da Barra dos Andrades, no município de Rebouças, naquele momento, estava sofrendo alterações devido à chegada de agricultores provenientes da região Sudoeste do Estado que não mais desejavam o criadouro comum o que iniciou uma situação de conflitos. Entretanto, esses conflitos, segundo o autor, não se limitaram à esfera local, mas atingiram dimensões regionais em âmbito econômico-político-social.

Segundo Gubert Filho (1987, p.33),

os criadouros comunitários podem abarcar grandes áreas com algumas centenas de hectares e são cercados em todo o seu perímetro com cercas de arame com até oito e nove fios. Nestas extensões, predominam o ambiente florestal, abrigando espécies típicas como a araucária, a erva-mate, a imbuia, as canelas e uma série de frutíferas nativas da família das mirtáceas, além de inúmeras folhosas.

Chang Man Yu (1988a; 1988b), economista e pesquisadora da área de Socioeconomia do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), afirma que o interesse em estudar os faxinais deveu-se à implantação do Programa PRORURAL em todo o Estado do Paraná, programa de desenvolvimento rural cujo objetivo era apoiar e promover o pequeno produtor rural do Estado. Segundo Man Yu (1998), quando da elaboração do projeto de pesquisa a informação disponível era de que os faxinais antigos tinham quase um século e que a maioria se encontrava em processo de desagregação. Portanto, o seu interesse era conhecer melhor o Sistema Faxinal e empreender uma abordagem que extrapolasse as questões técnicas e tecnológicas e que ressaltasse problemas de ordem econômica e social. Man Yu realizou seu trabalho de pesquisa entre os anos de 1982 e 1984, quando foram visitados os

municípios de Irati, Ivaí, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Paulo Frontin, Imbituva, Palmeiras e Antônio Olinto, mas as entrevistas se concentraram, segundo a autora, em São João do Triunfo – Faxinal dos Rodrigues.

Man Yu (1988a) salienta que o Sistema Faxinal ocupou 1/6 do território paranaense até meados do século XX. Esse sistema difere de outros modos agrários de organização devido ao caráter coletivo no uso da terra para a produção animal. As propriedades são individuais, mas a exploração para a criação animal é realizada coletivamente. Desse modo, cada dono de lote é responsável pela cerca que passa em sua propriedade, a fim de que os animais pertencentes ao criadouro comum não saiam para as áreas de lavoura. Chang demonstra no mapa abaixo como os faxinais se distribuem no território paranaense.

Figura 4 - Região dos campos limpos e das matas mistas no Centro-Sul Paranaense.



Fonte: Man Yu (1988b, p.05).

Os estudos evidenciam que, com a redução das plantas frutíferas necessárias para o desenvolvimento dos animais, o Sistema Faxinal começou a entrar em declínio. Chang Man Yu aponta que, entre os anos de 1982 e 1984, muitos faxinais já se encontravam em processo de desestruturação, e apresenta sete fatores que contribuíram para a desagregação (MAN YU, 1988a, p. 78-103):

1) o primeiro seria de ordem técnica. O Sistema Faxinal necessita de uma grande área para o pousio, com o intuito de não degradar o solo. Mas a partir dos anos de 1960 esse método começou a tornar-se inviável, com o surgimento dos métodos intensivos em capital e com a criação em sistema de confinamento. Conseqüentemente, os pequenos produtores tecnificados não vêem vantagem em manter o criadouro comum. Já o grupo de pequenos produtores pobres defende a continuação do criadouro;

2) outro agente que contribui para a desagregação do Sistema Faxinal é o Estado, com sua ideologia dominante de desenvolvimentismo. “Sua intervenção se dá principalmente através de políticas de modernização e desenvolvimento agrícola” (MAN YU, 1988a, p. 85). A autora ressalta que a entrada de empresas rurais tecnificadas tem em sua lógica a racionalização econômica, desestruturando, portanto, todos os sistemas econômicos baseados no compadrio e em relações de pessoalidade e de convivência entre os pequenos agricultores;

3) outro fator de desagregação é a entrada das empresas reflorestadoras, no período de 1970 a 1976, as quais passaram a ocupar as áreas antes destinadas aos criadouros;

4) o aumento da área agrícola trouxe dicotomias em relação ao sistema de criadouro comum, pois em muitas comunidades a incorporação de novas terras para o cultivo concorre com as terras para a criação. Anteriormente, o criadouro era aberto e tinha cerca só nas lavouras. Com o aumento das áreas plantadas ocorreu o contrário: os animais ficaram presos, e as lavouras, sem nenhuma cerca. Aqueles que não têm condições de manter uma boa cerca preferem acabar com suas criações ou diminuí-las;

5) o quinto fator está relacionado ao esgotamento dos recursos naturais, como a madeira e os alimentos nativos, como pinhão, gabirolva, palmito e a imbuia, o que contribuiu para a

desagregação do sistema. Com o fim da madeira tornou-se dispendioso arrumar as cercas; com o fim das frutas nativas, tornou-se necessário dar de comer aos animais;

6) a entrada de novos proprietários, que passaram a ocupar as terras de uso comum, os quais podem produzir na “técnica” ou as adquiriram apenas com o interesse especulativo e não pela manutenção do criadouro, também contribuiu para a desagregação do Sistema Faxinal;

7) a contradição entre a Lei Federal dos Quatro Fios e as leis municipais que regulamentam a responsabilidade caso os animais fujam, também é motivo de desagregação do Sistema. A “Lei dos Quatro Fios” estabelece que na propriedade em que as terras são cercadas com quatro fios de arame, o animal que nelas penetrar será considerado invasor; portanto, a lei permite que o proprietário prenda o animal, o contrário do que diz a lei consuetudinária, ou lei municipal: “(...) quando ocorrer danos de lavoura por invasão de criação, o dono da cerca por onde passou a criação é o responsável pelo dano, caso a cerca não estiver de acordo” (MAN YU, 1988a, p.103). Man Yu (1988a) assegura que para o Sistema Faxinal continuar existindo deve haver três pontos básicos de referência: uso comum da terra, a criação dos animais e a preservação dos ervais nativos;

Moacyr Doretto (1991) em sua dissertação de mestrado, na área de Economia Rural, em que estudou a microrregião Colonial de Irati, explicita em seu trabalho quais os fatores que contribuíram na dinâmica da diferenciação de uma situação camponesa, fazendo também a confrontação histórica das categorias de produtores. Parte da constatação de que, na microrregião, antes mesmo da expansão das relações capitalistas, na década de 70, não existia homogeneidade entre os agricultores que se diferenciavam pela quantidade e qualidade dos recursos naturais sob sua propriedade e pela composição da força de trabalho familiar.

Segundo Doretto (1991), entre 1950 e 1970 a herança foi o componente básico no processo de diferenciação da propriedade privada da terra, e, a partir de 1970, o processo de diferenciação da propriedade privada beneficiou aqueles produtores que detinham as maiores quantidades de terra, pois ampliaram sua produção via acesso ao crédito rural e pela mudança da base técnica produtiva.

Os pesquisadores Marisa Sugamoto et al. (1994), que elaboraram o projeto de pesquisa de intervenção “Faxinais: um modelo de auto-sustentado”, tinham como propósito recuperar as áreas de faxinais degradadas ambientalmente e desenvolvê-las economicamente a partir de práticas de geração de renda. Os municípios escolhidos foram os de maior concentração de faxinais. São eles: Irati, Prudentópolis, Imbituva, Inácio Martins, Mallet, Rio Azul, Rebouças, Teixeira Soares, São João do Triunfo e Turvo.

Dentre os trabalhos sobre o Sistema Faxinal, o de Maria Magdalena Nerone é o mais recente. Nerone (2000) fez um trabalho historiográfico sobre os faxinais localizados no município de Rebouças, no período de 1950 a 1997.

A pesquisa de Nerone permite, assim, rever as afirmações dos pesquisadores anteriores de que o Sistema Faxinal teria surgido entre os séculos XIX e XX, pois, segundo informantes locais – poloneses, em 1890 – ali já existiam populações vivendo conforme o Sistema Faxinal (Ibidem, p.63).

Desde que os primeiros trabalhos sobre o sistema faxinal foram publicados (Man Yu, 1988a; 1988b; Gubert Filho, 1987; Nerone, 2000; Marques, 2004) há uma preocupação de que o faxinal estaria caminhando para a sua desagregação, devido à expansão das relações capitalistas no campo – por meio da agricultura de mercado – plantio de soja e trigo. Desse modo, as terras de faxinal se tornam

(...) “as mais visadas, pelas suas condições intrínsecas – solos profundos e relevo mecanizável – e extrínsecas – áreas de mata e terrenos não corrigidos com calcário – o que as tornam mais baratas em relação as já cultivadas. Fatores limitantes como os custos com destoca e correção da acidez do solo com calcário são diluídos pela política fomentista do governo, que facilita o crédito visando uma maior produção agrícola, sem levar em conta aspectos ecológicos e sociais” (GUBERT FILHO, 1987, p.38-39).

A relevância em preservar o Sistema Faxinal se deve ao fato de que mesmo os agricultores não-proprietários, ou seja, os que não possuem legalmente a posse da terra podem usufruir dos espaços de uso comum, área do criadouro, e desse modo essa formação é importante para fixar essas famílias no campo através de práticas agrícolas que valorizam o saber-fazer dos faxinalenses, tendo como base a organização sociocultural e econômica da produção agrícola. Há também a intenção em valorizar a agroecologia como processo de desenvolvimento sustentável, proibindo a produção e comercialização de organismos geneticamente modificados, os transgênicos, e defendendo o fim do uso dos agrotóxicos.

Segundo Marques (2004), no ano de 1994, havia no Estado do Paraná 152 faxinais. E, em 2006, existiam apenas 44 faxinais que ainda preservavam as características desse sistema. Isto significa dizer que os faxinais existentes representam 28,94% das áreas dos anos de 1994 e houve, portanto uma redução, ao longo deste tempo, de 71,06% (MARQUES, 2004, p.15).

Apesar de esse processo de desagregação se fazer presente, em 2005, acontece o I Encontro dos Povos dos Faxinais, na cidade de Irati PR,

“(...) no qual organizaram a ‘Articulação Puxirão’, movimento social que busca a representação política junto ao Estado e propôs como pauta de negociação três itens principais, quais sejam: a questão fundiária, a construção de planos de uso sustentável do território e o resgate das práticas e conhecimentos tradicionais” (ROCHA; MARTINS, 2007, p. 211).

Segundo Rocha e Martins (2007),

“(...) esse primeiro encontro reuniu faxinalenses que, buscando a construção da identidade de comunidade tradicional de forma coletiva, elaboraram propostas para conservação de seus territórios tradicionais, apoiados pela Comissão Pastoral da Terra, Movimento dos Pequenos Agricultores, Associação de Grupos de Agricultores Ecológicos São Francisco de Assis, Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos do Turvo, Instituto Ambiental do Paraná, Rede Faxinal e Instituto Equipe de Educadores Populares” (ROCHA; MARTINS, 2007, p. 211).

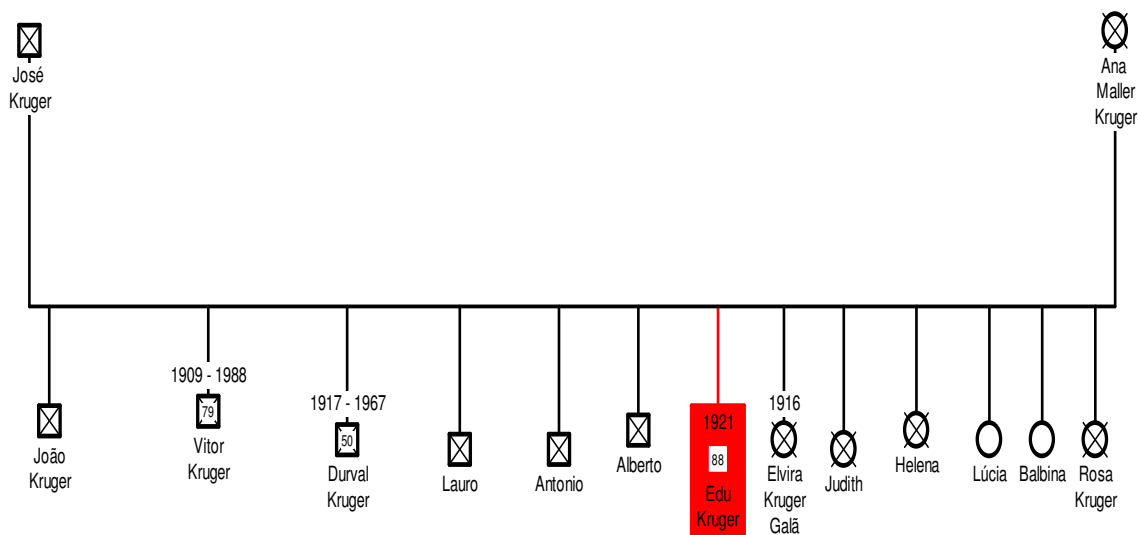
Constata-se que, a partir de 2005, (re) inicia-se uma articulação de diferentes organizações e movimentos sociais no Estado do Paraná com o intuito de dar visibilidade as pressões políticas e econômicas que os faxinalenses vem sofrendo. Segundo Almeida (2008), levantamentos de campo realizados pela Articulação Puxirão dos Faxinalenses entre 2007 a maio de 2008, contabilizou-se 244 faxinais no Paraná. Possivelmente, esse crescente número de faxinais deve-se ao fato de que vários daqueles que já não eram enumerados como faxinais pelos órgãos de governo, ao tomarem conhecimento dessa (re) articulação dos faxinais, por meio da Articulação Puxirão, também começaram a reivindicar os seus direitos de faxinalenses nas suas áreas de faxinais.

Verifica-se que o Brasil produziu e produz uma enorme diversidade de formações e configurações sociais e econômicas que são apenas conhecidos localmente ou regionalmente. A história oficial só tem reconhecido aquelas formações que se tornaram dominantes. Quando se trata de formas sócio-econômicas no campo, no Paraná a história oficial tem como referência a expansão denominada *pioneira* (Tomazi, 2000). Nesse sentido, as demais formas de organização ficaram mais ou menos invisíveis, muito embora tenham persistido no tempo. É o caso não apenas dos faxinais, mas também podemos apontar os modos de vida de populações de povos indígenas – no Paraná, os Kaingang e os Guarani, (MOTA, 1994; TOMMASINO, 2005) as comunidades caiçaras que vivem no litoral e os quilombolas que se espalham por vários municípios.

1 A Inserção da Família Kruger e Gonçalves no Faxinal dos Kruger

O Sr. Edu Kruger é um dos treze filhos do Sr. José Kruger e de D. Ana Maller Kruger que ainda vive no faxinal. Como é demonstrado nos diagramas de parentesco³³ abaixo seus outros irmãos já são todos falecidos. A colocação dos membros da árvore não segue uma linha cronológica, mas, a de acordo com a que foi relata pelo Sr. Edu Kruger.

Figura 5 - Família de José Kruger



Segundo o Sr. Edu Kruger³⁴, seu pai José Kruger veio para o faxinal em 13 de junho de 1927. Seu pai viera da localidade rural de Barra de Areia, município de Prudentópolis PR. Quando o Sr. Edu chegou ao faxinal tinha seis anos de idade e reside nele até os dias de hoje. O motivo que levou José Kruger a procurar a localidade do faxinal deveu-se ao fato de ali haver muitos ervaais e pinheirais.

³³ Os diagramas de parentesco foi gerada a partir do programa GenoPro.

³⁴ A entrevista foi realizada com o Sr. Edu Kruger e D. Alaíde Gonçalves Kruger, sua esposa, na varanda de sua casa, na tarde chuvosa de 10/04/04.

... nós chegamos aqui foi dia 7 de junho deve ser de 27 (1927), n/é? Porque eu tava com 6 anos. Bem no dia de santo Antônio nós chegamos aqui. Eles contavam eu nem me lembro, eles contavam. 13 de junho (Edu Kruger, 83 anos³⁵, abril de 2004).

O que representa uma aparente confusão de datas na verdade pode ser entendido do seguinte modo: O Sr. Edu contou mais adiante na entrevista que seu pai não viera diretamente de Barra de Areia para o Faxinal. Quando seu pai chegou à localidade Sítio, distante do faxinal a uns quinze quilômetros, seu pai ficara ali por alguns dias, pois estava chovendo muito na época e não tinha como chegar ao faxinal.

Aí tivemos oito dias parados por causa de chuva. Nós saímos lá do Sítio e viemos aí chegamos de noite... Viemos de a pé dali do...tal de Samambaiá que tinha um banhadinho do Toledo. ... foi encaiado o carro³⁶ lá e daí... os outros mandaram nós... o viajante, eu... e o falecido Antônio que era lá do Pinhão. E a falecida Barbina tava com uns seis meses, aí viemos... acho que o falecido Lauro (barulho da porta) e o Durval... só que o Durval vinha carregando o Antônio nas costas. Viemos... minha mãe chegou chorando, disse: Deus o livre, onde é que o José tava com a cabeça de vim nesse lugar tão feio aí. Aí nós moramos numa taperinha velha, n/é? (Edu Kruger, abril de 2004, 83 anos).

A fala pausada do Sr. Edu parece revelar a dificuldade e os obstáculos que a própria natureza naquele momento lhe impunha. Num primeiro momento da sua fala é a chuva que os impede de chegar de imediato ao faxinal. Ficam parados oito dias no Sítio. E quando chegam ao faxinal já é noite. O carro fica encalhado devido às fortes chuvas, falta de estrada. E para transpor essas dificuldades é preciso que um dos irmãos carregue o outro nas costas. Pela fala do Sr. Edu, para se chegar ao local escolhido pelo seu pai, foi preciso vencer as dificuldades milímetro a milímetro. E por fim vem a fala de sua mãe, como descreve o Sr. Edu, chegou chorando e exclama num ato de contrariedade sobre o local que até então era sertão.

³⁵ A idade dos informantes refere-se ao momento em se realizou as entrevistas.

³⁶ Carro aqui se refere a uma grande carroça de animal em que era puxada por quatro cavalos, segundo o Sr. Edu. Era com esses carros puxados a cavalo que seu pai e, mais tarde seu irmão mais velho, João Kruger, transportava erva-mate até a cidade de Ponta Grossa Pr. A viagem naquele período levava até vinte dias até chegar a Ponta Grossa PR.

Quando indagado ao Sr. Edu, de como o seu pai teve conhecimento do que é hoje o faxinal. Sr. Edu me disse que seu pai teve conhecimento através dos seus conterrâneos³⁷ acerca dessas localidades. A erva-mate foi o fator fundamental, segundo Sr. Edu, para que seu pai viesse para o faxinal, pois, naquele período, o preço da erva-mate estava bom.

O Sr. Edu também disse que quando chegaram ao faxinal, só havia algumas poucas famílias ao redor do faxinal. A família dos Balduino, Chico Freitas. Segundo o Sr. Edu levou-se tempo para que comesçassem a surgir as primeiras famílias no faxinal. O povoamento do faxinal foi surgindo com os casamentos dos filhos de José Kruger e depois com a chegada de Júlio Gonçalves.

... aí veio o falecido Júlio n/é?, lá de baixo. Veio o falecido Júlio, veio outro irmão dele mais dois, o pai dele, do falecido Júlio... E o Júlio e o José Gonçalves. O Rodolfo veio depois n/é? E o Nicolau morava junto com velho, n/é? O Álvaro também veio depois n/é? Foi reunindo. No começo, no começo mais era só os Balduino ali... (Edu Kruger, 83 anos, abril de 2004).

O Sr. Edu ressalta que, além das poucas famílias que existiam no faxinal, havia também algumas poucas pessoas que trabalhavam para seu pai na colheita da erva-mate. Segundo o Sr. Edu, uma dessas pessoas era um tal de “paraguaio velho” e o outro um tal de João Ramiro, também paraguaio.

Quando indagado, tanto ao Sr. Edu quanto aos filhos do Sr. Júlio Gonçalves, quando esse chegou ao faxinal, esses disseram não se recordarem. O Sr. Edu se lembra de que junto com o Sr. Júlio Gonçalves veio o seu pai, Sr. Joaquim Gonçalves de Deus, e seus irmãos, José

³⁷ Segundo Sr. Edu, o filho de João Kloster, que é avô de Miguel Kloster, seu genro, foi uma das pessoas que indicaram sobre essas localidades que tinham erva-mate. No trabalho de campo, ao pesquisar no fórum de Pitanga PR, pude constatar um número significativo de pessoas que vieram de Prudentópolis para a região do faxinal, a partir dos anos de 1930. Apesar de não ser possível explorar nesse trabalho, entretanto merece um aprofundamento de que fatores ou acontecimentos que estavam havendo na região de Prudentópolis que levaram um contingente significativo de pessoas a explorar a região do faxinal.

Gonçalves, Rodolfo, Nicolau e Álvaro. Pois foi desse modo, segundo o Sr. Edu, que o faxinal foi se formando em termos populacionais.

Eles vieram lá no Sítio primeiro. Eles vieram lá do Sítio e depois vieram aqui. Vieram muito cedo, perto do meio dia, depois com uma naçãozinha de gado. De repente, vinha descendo o gado correndo e mais adiante o cavalo e o gado correndo... vieram puxado lá de Capivari, n/é? (Edu Kruger, 83 anos, abril de 2004).

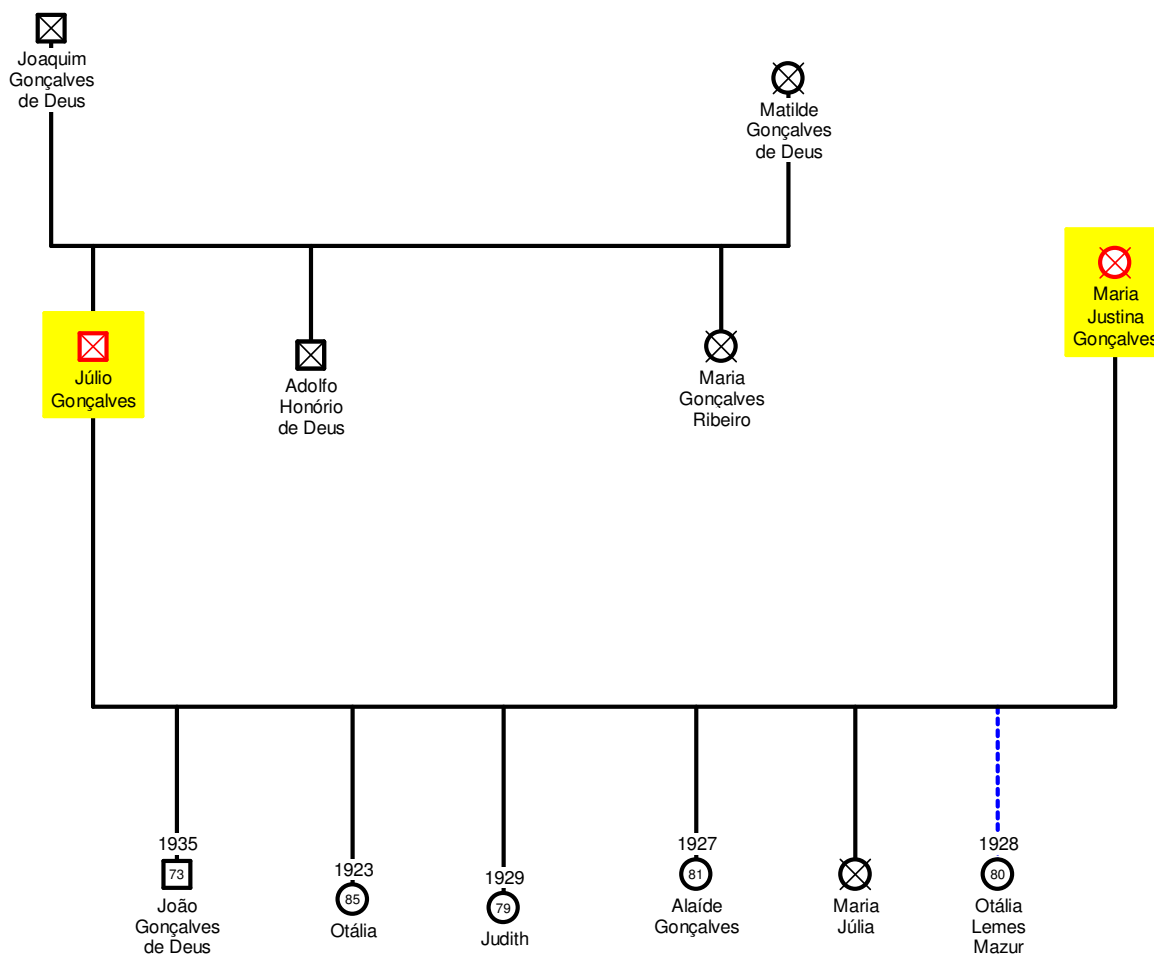
A expressão “vieram puxado” refere-se à condição em que o Sr. Júlio Gonçalves veio para o Faxinal. Ele veio com a família a cavalo e com as crianças dentro de um cesto de taquara, que segundo D. Otália Gonçalves, eles chamam de “cargueiro”.

Vale ressaltar que as diferenças quanto ao modo em que a família Kruger e Gonçalves chegou ao faxinal parece ser o ponto de partida para a diferenciação econômica que se dá até os dias de hoje. Enquanto a família de José Kruger chegou com carroça puxada a quatro cavalos, a família de Júlio Gonçalves chegou apenas a cavalo e com os filhos menores dentro de um cargueiro. Outro fator que marca a diferença entre as famílias Kruger e Gonçalves é que José Kruger possuiu padaria em Ponta Grossa, quando solteiro, e depois se mudou para Prudentópolis. Mas, segundo o Sr. Edu, seu pai era um homem que gostava de ler, tinha muitos livros e todos em alemão, ao passo que o Sr. Júlio Gonçalves era analfabeto. Segundo Sr. Edu, todas as pessoas do entorno do faxinal procuravam o seu pai para fazer “contas”, cálculos, e pedir sua opinião sobre diversos assuntos, pois era um dos poucos no lugar “que tinha boa leitura”. Como disse o Sr Edu, “meu pai era um homem inteligente”.

Segundo D. Otália Gonçalves, seu pai saiu da localidade rural chamada Capivari, município de Reserva, PR. Foram vários dias de viagens até chegar ao faxinal. D. Otália se lembra quando passaram pelo município de Cândido de Abreu PR e pelo Rio Ivaí, que no momento da travessia ele estava cheio e tiveram que esperar abaixar a água.

Tem-se abaixo os diagramas de parentesco da família do Sr. Júlio Gonçalves. Esses são seus filhos que vivem no faxinal.

Figura 6 - Família de Júlio Gonçalves



D. Otália Gonçalves, viúva, nasceu em 1923, veio criança de mais ou menos quatro anos para o faxinal. D. Alaíde Gonçalves Kruger, esposa do Sr. Edu Kruger, nasceu em 1927, não se lembra quando seu pai veio para o faxinal. D. Judith Gonçalves, viúva, nasceu em 1929, também não se lembra de quando seus pais vieram para o faxinal. O Sr. João Gonçalves, casado, nasceu no faxinal, em 1935. D. Otália Lemes Mazur, viúva, nasceu em

1928, no faxinal, é filha adotiva de Júlio Gonçalves, pois sua mãe falecera quando ela era criança.

Quando perguntei aos filhos do Sr. Júlio Gonçalves qual foi o motivo que o levou a sair de Capivari para o faxinal, D. Alaíde e o Sr. Edu disseram:

Edu – Lá trabalhava de certo de peão, n/é? Lá na fazenda, n/é? De Domador, n/é? Dizem que é, n/é?

D. Alaíde: Era domador lá.

Edu: Domador era, pois ele diz.

Edu – De certo lá ...

Alaíde: ...Era louco por criação bastante, n/é? De certo lá é só campo e... Veio procurar melhora. De certo pra procurar melhora, n/é? Porque de certo lá... Não sei lá... Lá é meio campo lá, n/é? e... Para roça, n/é? Para plantar, mais foi fazer roça lá pra baixo, n/é?..

Edu – Pois é, aqui num... como diz... num... Pois é, vai... nem... num... pois nem num carecia pagar arrendo não tinha terreno, n/é?

Alaíde: Já entrava assim e podia plantar, n/é?

Edu – De certo era terreno do Estado, n/é? Lá pra baixo lá. (Edu Kruger, 83 anos e Alaíde Gonçalves Kruger, 77 anos, abril de 2004).

A fala de D. Alaíde e dos demais faxinalenses, ouvidos em trabalho de campo, deixa transparecer que na região do faxinal, mais precisamente no município de Boaventura de São Roque, o uso da terra era livre, “podia-se chegar e plantar que cada um respeitava o espaço do outro. Não havia briga”³⁸. Apesar de não termos mais elementos para discutir a questão de terras devolutas no Estado do Paraná, e, por conseguinte, não sendo essa nossa preocupação nesse trabalho; deve-se ressaltar

que em 1939 foi instalada, em Guarapuava, a 5ª Inspetoria de Terras, com o intuito de resolver problemas de ‘grilagem’ de terras em várias localidades do município, entre eles Boa Ventura. E somente no período de 1947/1950 é que

³⁸ Fala do Sr. Severino Leonardo Ribeiro, 74 anos, primo de D. Alaíde Gonçalves Kruger.

foram regulamentadas várias áreas dentro do município de Guarapuava (ABREU, 1981, p.76).

No entanto, a problemática das terras devolutas, no município de Boaventura de São Roque e, mais precisamente, no Faxinal dos Kruger, parece não ter sido resolvida nas décadas de 50³⁹, pois, mediante um conflito ocorrido no faxinal, em 1982, o juiz ressalta em um dos trechos de seu despacho “que tanto autores como réus, são apenas posseiros, não possuem títulos dominiais das terras em pauta, face o estado devoluto das mesmas, (...)” (INTERDITO PROIBITÓRIO Nº 416/82, 1985, p. 05). Porém, são consideradas terras devolutas do ponto de vista do Estado, pois para os faxinalenses elas são terras de ocupação efetiva.

Segundo D. Judith Gonçalves, 75 anos, após o despacho do Juiz, o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Paraná – ITC foi ao faxinal para regularizar as terras dos faxinalenses, mas segundo D. Judith nem todos quiseram ou puderam regularizar as suas terras, pois tinham que pagar umas parcelas junto ao ITC.

De acordo com D. Judith, era comum a grilagem de terras, e conseqüentemente não possuir os títulos de domínio da terra, pois “os pequenos que se danavam. De primeiro compravam cinquenta alqueires, mas queriam mandar em cem alqueires”. De acordo com o Sr. Antônio Schon, na localidade Tigre, distante do faxinal uns 15 kms, houve o chamado “Grilo do Tigre” em que Francisco Caillot, pai, e seus filhos “Geninho” e Rubens Caillot se passavam por advogados e vendiam terras por meio de papéis falsos. Segundo Sr. Antônio, eles mesmos escreviam as falsas escrituras e as colocavam em vidro cheio de grilos, que picavam o papel e o tornava de cor amarelada, dando a impressão de que os papéis eram antigos.

³⁹ No trabalho de campo algumas famílias me disseram que só agora estão conseguindo regularizar sua situação fundiária, pois o seu lote, na área do criadouro, não estava regulamentada.

De acordo com Westphalen; Machado; Balhana (1968) e Olinto e Stein(2008)Tomazi (2000), desde 1920 até 1960, em diversas regiões do Paraná, a grilagem e a pistolagem se fizeram presentes no processo de colonização. Entre essas regiões destaca-se Guarapuava e Pitanga.

No mesmo ano de 1927, analisando os processos crimes do período em relevo, é encontrado um processo movido pelo Estado do Paraná na figura do Procurador Geral da Justiça nele um amplo mapa da grilagem no município de Guarapuava pode ser composto. Apesar de tratar-se apenas de três imóveis: Boa Ventura, São Manoel e Guavirova, o questionamento da legitimidade dos documentos apresentados pelos pretensos proprietários possibilita a compreensão de toda uma rede de grilagem que compreendia fazendeiros, tabeliões, juízes e políticos, ligados por filiação político partidária ou por relações de parentesco (OLINTO; STEIN, 2008,p. 357).

Mais adiante em seu texto os autores destacam que

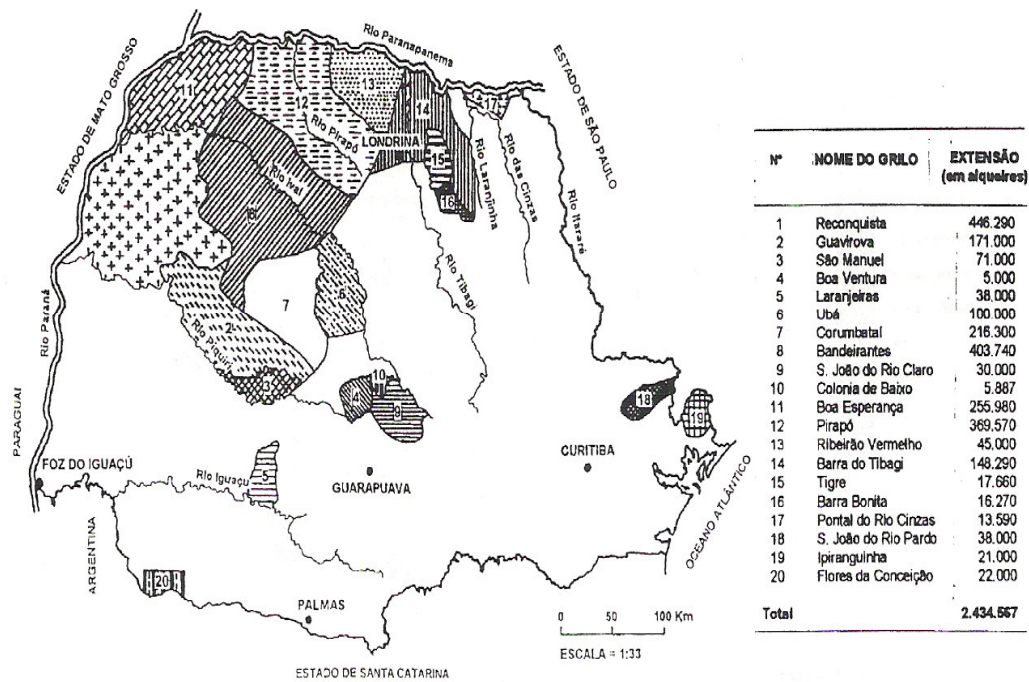
(...) Baraúna refere-se ao envolvimento do tabelião de Guarapuava, o Sr. José de Mattos Guedes na manipulação da documentação sobre os imóveis. Tal senhor, quase trinta anos depois, será apontado como o principal forjador de documentos para os grileiros quando da Revolta do Tigre em 1955 novamente na região de Pitanga (OLINTO; STEIN, 2008,p. 357).

No mapa abaixo Tomazi (2000), demonstra as áreas de “grilo” no Paraná em 1930. Destaca-se no mapa, a área número quatro, localidade de Boa Ventura com 5.000 alqueires de área grilada. Região essa que compreende o Faxinal dos Kruger.

Figura 7 - "Grilos" no Paraná - 1930.

MAPA Nº 8

"GRILOS" NO PARANÁ - 1930



Fonte: SERRA, E., 1991, p. 68

Fonte: TOMAZI (2000. p.346).

1.1 Aspectos históricos e paisagísticos do Faxinal dos Kruger

Figura 8 - Visão Panorâmica do Faxinal dos Kruger



Foto: Google earth, Setembro de 2008.

Nessa foto tem-se uma visão geral de toda a área do Faxinal dos Kruger. Os balõezinhos de cor vermelha que começam com a letra “A” até “X” destacam todo o contorno atual do faxinal. Os alfinetes em vermelho “a” e “b” demonstram, respectivamente, uma área desmatada do criadouro comum e uma área de plantio de eucalipto. Áreas essas que atualmente encontram-se em litígio. E fora de todo o perímetro do faxinal vêem-se as fazendas que o circundam.

A partir dos relatos dos faxinalenses pode-se depreender que no passado⁴⁰ as matas de faxinais não possuíam cercas. “Isso aqui tudo era um mundo só” (Sr. João Gonçalves). Ou seja, a partir da fala do Sr. João Gonçalves, o faxinal nessa região, possuía uma unicidade, não havia nada que o separasse. Os únicos obstáculos eram aqueles colocados pela própria natureza.

Não, naquele tempo ninguém ligava pro Faxinal, nem nada. Mais era um mundo velho aberto. Conforme eu disse, que ia daqui como pra Pitanga⁴¹ não encontrava portão não encontrava nada. Podia ir pra Guarapuava⁴² que não encontrava nada, e... era tudo aberto Aqui não tinha essa cerca, depois que ... que foi feito... os homens começaram a plantar ali... daí... lá.. até foi os Burko⁴³ que começou. Daí já foi feito uma cerca lá ... de arame! Por causa de criação. É, pois aí, era tudo Faxinal (Edu Kruger, 83 anos, abril de 2004).

O Sr. Irton Antunes também comenta de como era o faxinal no passado.

quando nós chegamos aqui, aqui era tudo mato. Aqui no jeito da lagoa aqui, aqui era um pinhalão velho, que aquilo tava tudo escuro; e bicharada que tinha, inhambu, assim a mesma coisa que galinha, e esse negócio de plantar ao redor do faxinal não tinha, era tudo em aberto aqui. Aqui embora se a criação pegasse a... o rumo iam embora para Guarapuava tudo. Não tinha mata-burro, não tinha cerca não tinha nada. Se pegasse aqui podia ir embora para Ivaiporã fora não tinha nada... e se fosse pro Rio Bonito, pra Guarapuava também não tinha nada... era tudo um só e aqui era mato que nem esse acima do portão, matão, taquarazão que não tinha fim mais. Agora ta tudo virado em fazenda, né. A diferença que a gente acha é essa aí. Virado em fazenda e tudo fechado e fecho, cerca e tanta coisa... naquele tempo tinha... tinha uma cerca... uma cerca... que ela varava lá no... no dê que eu tô... O senhor ta lembrado a onde morou o falecido Arthur Debresche? Agora é morto só está o lugar lá só... lá tinha uma cerca lá que caía ia cai lá no rio lá embaixo e aqui ela vinha vindo aqui ...aquela cerca pegava de uma altura para cá. Cerca de lasca feita de baixo.

E: E por que essa cerca era feita de lasca?

Irton: De certo aquilo era para cercar as criações para não ir lá para as culturas, daí. Lá onde é as culturas agora, porque as criações iam embora para lá, iam comer as plantas. Então essa cerca aqui vedava tudo. E daí de lá de onde é a casa

⁴⁰ Nesse caso, a partir de 1927, quando da chegada dos primeiros faxinalenses, José Kruger e Júlio Gonçalves.

⁴¹ O faxinal está distante do vizinho Município de Pitanga a uns 40 kms, sentido Norte.

⁴² O faxinal está distante de Guarapuava a uns 70 kms, sentido Sul.

⁴³ Trata-se de uma grande fazenda vizinha ao faxinal.

do Sr. Arthur, naquele tempo não era Arthur nenhum, naquele tempo não havia casa lá, depois eles fizeram aí, caía lá no Rio Tigre aquela cerca de lasca, de lá caía no rio lá e a daqui caía aqui. Era tudo de lasca. Para cá tinha cerca essa cerca...as criação iam embora lá para as culturas comer as roças tudo lá, né.

E: E elas não se perdiam?

Irto: Perdia. Nós aí... o meu sogro perdeu quantas vacas não perdeu de nunca achar.

E: Porco e cavalo também não perdia?

Irto: Perdia. Roubavam. Às vezes ia cigano... às vezes o sujeito vendia para os ciganos... cavalo nunca mais via. Se sumia uma vaca não achava morta em buraco nenhum e às vezes até roubavam roubavam. Pois aí era tudo em aberto podiam recolher ... tinha gente que já tinha já invernada assim ...o falecido padrinho Júlio tinha invernada era cerca aqui... aberando a estrada ...a vaca de certo que faz força e saía no rio...agora já os Cruz também tinha invernada que podiam recolher as criações deles ...porque senão nunca mais achava.

E: E havia roça aqui por perto como hoje?

Irto: Não, não tinha.

E: E como o povo vivia sem roça?

Irto: Quer dizer que nós aqui, o pessoal aqui plantava lá no Alto Alegre a mesma coisa.

E: Lá para baixo não tinha Faxinal?

Irto: Não, lá não.

(Irton Antunes, 69 anos, julho de 2006).

Entretanto, com a chegada das forças capitalistas no campo, as fazendas, as grandes plantações, impuseram a lógica da cerca e, por sua vez, o uso privado da terra, circunscrevendo, desse modo, o espaço privado frente ao espaço de uso comum. O que de certo modo provocou alterações na paisagem e nas relações entre os faxinalenses.

Segundo o Sr. João Gonçalves e sua irmã D. Otília Gonçalves, assim que as fazendas foram se aproximando a área do Faxinal dos Kruger, todos os moradores, naquele momento, tiveram que construir uma grande cerca que separava a área do faxinal frente às áreas de plantio. Segundo o Sr. Antônio Schon, a primeira cerca do faxinal foi construída entre 1950 a 1955.

Sr. João: Daí nós, combinava tudo os morado, n/é? Para fechar, porque daí já entrou fazenda por essas beiras. Daí a criação já ia para as plantas alheias. Daí combinaram, daí nós... Os Kruger aqui tinha uma serraria. Daí, combinaram de serrar a madeira pra nós puxa.

D. Otália: Puxar palanquim nas costas.

Sr.João: puxar tudo..., com tábuas de imbuia, os palanques de cerne. Foi a firma Kruger que serrou para nós fecha. Fechamos tudo. Para a criação não saí fora (João Gonçalves, 70 anos, e Otália Gonçalves, 80 anos, abril de 2004).

Para os faxinalenses, o mundo é o mundo do faxinal. Onde se criam os animais soltos e coletivamente e onde há uma área fora do criadouro para o plantio das roças. É inconcebível, para eles, um espaço rural em que os animais têm que permanecer fechados.

Desde que eu me conheci por gente... De certo que Deus já deixou para ser assim, n/é? Tudo já tinha o seu lugar de plantar e o lugar do criadouro, o lugar do faxinal. Desde que eu me conheci por gente eu já conheci faxinal (Tereza Souza de Deus, 68 anos, abril de 2008).

A partir da fala de D. Tereza, a constituição, o surgimento do faxinal é algo sagrado em que os espaços e as funcionalidades das coisas já estão bem delimitadas: o lugar de plantar, o lugar do criadouro e o lugar do faxinal. Romper com essa ordem é romper com um mundo que faz sentido para os faxinalenses. É romper com algo que é sagrado.

Quando indaguei à D. Tereza o que para ela vem a ser o faxinal. Ela, assim o define:

O faxinal é que não pode cortar essas árvores, para criar porco solto, cavalo, vaca, cabrito. Para ter tudo na liberdade, tudo solto. Para nós é o faxinal. Criadouro. Para não poder plantar outras coisas, só para ter o pasto nativo, erva... E não pode desmatar as beiras dos rios, que... As cabeceiras de fonte também. Isso é um faxinal (Tereza Souza de Deus, 68 anos, abril de 2008).

Na formação paisagística e humana do faxinal, os animais, porcos, aves, gado, cavalares, erva-mate e pinheirais são elementos essenciais das lembranças dos faxinalenses. No início da formação do faxinal, e juntamente com as roças, os porcos também se faziam presentes. Pois, no início da formação das roças, o milho não tinha comercialização ou era de pouco comércio. Sendo assim, os porcos eram soltos nas lavouras e depois, de gordos, eram vendidos aos safristas. Paralela a formação das roças, os porcos também eram criados soltos no interior do faxinal.

1.2 A criação de porcos

O senhor João Gonçalves e D. Otália dizem como eram a criação dos animais no faxinal.

E: Na época do pai do senhor e do senhor Edu a criação dos animais aqui, era tudo solto como é hoje?

João: A porcada rapaz todo mundo tinha aqui, ia lá para o Rio do Tigre⁴⁴ afora...

Otália: Paulista⁴⁵, é...

João: Paulista aqui,...

João: Aquele pinhalão...

Otália: só trazer porco gordo...

João:carecia ir lá rapaz, aqueles ninhinhos das porcas, n/é?... vinha com aqueles leitãozinho, dava para você mata algum. Nos tempos do pinhão.

E: Certo.

João: Carecia ir lá e conta com o cachorro lá. Daí eles vinham.

Otália: Vaca e tudo era solto assim...

João: era tão bonito, rapaz! Gado gordo era bonito de vê não tinha nada seco⁴⁶!
(João Gonçalves, 70 anos e Otália Gonçalves, 80 anos, abril de 2004).

⁴⁴ Distante do faxinal uns 15 kms.

⁴⁵ Refere-se à Fazenda Paulista, que divide-se ao faxinal. Entre as várias atividades agropecuárias, uma de suas principais atividades é a comercialização de Pinus. Na qual vários faxinalenses nela trabalham como assalariados.

Nesse sentido, desde a chegada dos primeiros fundadores do faxinal, José Kruger e Júlio Gonçalves, estes não se mantiveram isolados da realidade externa do faxinal. Seja através das derrubadas dos pinheirais, da comercialização da erva-mate e dos porcos, os faxinalenses sempre mantinham contato com os acontecimentos externos.

Se os irmãos Gonçalves nos revelam como eram a criação dos animais no interior do faxinal, o casal Sr. João Correia e D. Laura Neves nos dão uma dimensão da condução, circulação, trajetos e comercialização dos porcos.

O Sr. João, ao ser indagado sobre a sua infância, associa-a ao trabalho com os porcos fora do faxinal.

E: Como era ser criança na época do senhor?

Sr. João Ah... eu tenho, eu viajava, de a pé daqui até Ponta Grossa com o meu pai.

E: Viajava de a pé?

Sr. João: Pequinininho.

D. Laura O que é que você tinha?... uns seis anos?

Sr. João É... eu ganhava uns mil réis por dia.

E: O senhor ganhava mil réis por dia, fazendo assim o que?

D. Laura Tocando porco.

Sr. João Tocando porco, para eles ir solto para a estrada.

E: Na estrada... daqui a...

Sr. João: ...Ponta Grossa.

E: Ah!... Ponta Grossa?

D. Laura - É. eles levavam

E: Mais quantos dias isso?

Sr. João:- Quarenta e cinco dias nós gastava.

⁴⁶ Seco aqui é no sentido de estar magro.

E: Só pra ir?

Sr. João: Só pra ir.

E: E pra voltar, vocês voltavam...

Sr. João: Para voltar nós vinha de cá... Eu vinha de passate, de caminhão. Tinha um homem que queria muito bem eu, Nico Ribeiro... ele me trazia. E o meu pai vinha com o carro da comitiva. Quatro cavalos e o carro e eles vinham com a comitiva pra mode os cachorros... que eles tinham que levar dois cachorros... pra mode não extraviar... perdia porco n/é? Tinha que achar o porco, n/é? Era assim... eu dei cinco viagens.

D. Laura: Esse homem se criou assim só lidando em safra, tocando porco... era assim...

Sr. João: Eu me criei, só no pesado... só, só, só...

E: Isso durante cinco anos, e depois que o senhor terminou com a safra... o que... como é que senhor continuou a luta?

Sr. João: Ah... eu trabalhei pra mim... depois paramos. Depois casamos.... paramos quatorze anos só pro um homem trabalhando só em safra.

E: Só em safra?

D. Laura: Só em safra.

Sr. João: Largava uma safra ia na outra.

E: Safra que o senhor quer dizer em que sentido?

Sr. João: É... ponha a porcada na roça.

E: Ah! Por a porcada na roça?

Sr. João : Porcada na roça... ia embora daí entra para o mangueirão e carrega no caminhão e vai-se embora.

E: O senhor tinha que ficar cuidando dos porcos na roça?

Sr. João: Cuidava... Nós ficava paiolando... nós ficava no paiol⁴⁷ cuidando das porcadas.

D. Laura: E! Tinha os chiqueiros... daí eles posavam no chiqueiro, daí soltava no chiqueiro e recolhia de novo.

Sr. João: Manguerão.

D. Laura: Mangueranzão com um potreirinho.

Sr. João: Duzentos capados, trezentos capados.

E: E eram esses que iam para Ponta Grossa?

Sr. João: É ... desses mesmos, agora quando nós levava, nós levava muito... setecentos, oitocentos. Andando... e daí... foram e inventaram de plantar uma grama na estrada grande⁴⁸ que era essa estrada que vai para Ponta Grossa, Curitiba.... uma turma.... arrumaram de plantar grama nos barrancos, que assim a

⁴⁷ Paiol, na linguagem do faxinalense refere-se ao espaço da roça que é fora da área do criadouro comunitário.

⁴⁸ Refere-se ao que é hoje a rodovia estadual PR 460, que liga o Faxinal dos Kruger a cidade de Guarapuava PR, Ponta Grossa PR e Curitiba PR. O faxinal dos Kruger está distante da PR 460 a uns 12 Kms.

máquina... apanhava a volta sabe... fazia uma volta aqui, talhava pra aqui... daí fizeram de plantar aquelas gramas assim para o barranco... para fica tipo um jardim né... daí a última tropa nós tava indo, indo seis mil capados... nós tava levando... daí começou no Rio Bonito... veio os homens ali fala para o falecido (incompreensível) Escuta! Essa porcada você não pode toca por aí, você só pode tocar, se tocar cinqüenta.... dali meia hora cinqüenta, dali meia hora cinqüenta, dali meia hora cinqüenta... tudo reunido não pode toca mais... mais como que o senhor ia toca mil porco... dez vez cinqüenta, dá?...

E: Quinhentos.

Sr. João: Quinhentos porcos... tinha que ser...

E: Vinte.

Sr. João: Vinte como é que ... dez horas que saia os restos, dez horas..como é que ia sai com essa porcada dez horas? Porcada gorda na estrada? Aí morria tudo de.... bufava... daí o conhecido (incompreensível) pegou o jipe, ele tinha carro e cavalos... e ele tinha sempre um jipe, tocou o jipe ali para o Rio Bonito e foi sai lá em Prudentópolis... pra vê... porque... para vê se o carro com os quatro cavalos... a porcada nós levava para a capoeira... daí veio no outro dia... tocamos por ali... Deus o livre rapaz!.. Tanto que sofremos... mais sofremos, chegamos na Marreca dos Índios, o rio cheio, cheio,cheio,cheio... ficamos quatorze dia no rio sem poder passar... e daí se acabando o milho já tinha se acabado já, e nós impressado em dois rios... daí foi arrumado um gaúcho lá para varar... varar o carro. Foi posto dois laços nos eixos do carro... engatado os quatro cavalos, cavalo nadando e o homem nadando com os cavalos, e puxando o carro, ajudando os cavalos... o carro arrodava n/é?... carro tordado, n/é? E eu fiquei para traz para passar na mula do patrão... esse tinha uma mula preta grande... daí o Zé Marquinho me arrumou lá em cima da mula... apertou minhas pernas com uma corda... e a mula varou nadando comigo..daí derrubaram a mula no rio... passei por lá., saímos lá gastamos cinqüenta e três dias pra chegar em Ponta Grossa. Daí... dali varamos... quando nós tava no rio Branco...E eu era muito esperto quando era piá, demais, eu o... José Martins chamou por piraquara. “Piraquara vem carregar o carro de milho, e lá trazer para a porcada”. E ele começou a se esconder atrás das arvores, n/é?... porcada solta..não tinha mangueira que servisse... porcada encostada no banhadão... tava lá... uns deitados, outros de pé... daí eu vim, vim busca um milho.. e Rio Branco era... o Rio Branco era virado nuns setenta metro de largura. E tinha uma carniça pertinho de eu.. e eu não vi era piá,piazim. Eu tinha que apertar o breque com as duas mãos... eu não apertava com uma só... tinha que apertar com as duas... e o homem carregava o milho atrás de mim e eu descia um lançantinho assim para entrar na ponte... os cavalos se assustaram com aqueles corvos, a sombra dos corvos...varou para os cavalos, os cavalos se assustaram e pegaram a terra... e eu cai do carro em cima da ponte...daí varou por cima do meu pé, moeu mesmo, moeu a junta. Daí já o Piraquara aquele falecido (incompreensível) correu lá e me trouxeram nas costas, lá... E o carro caiu dentro do rio lá... Alto a ponte rapaz!... quebrou tudo, o carro derramou tudo o milho e os cavalos correram quatro quilômetros.... arriado os quatro. Com arriame e tudo. Daí fiquei lá... sofrendo, sofrendo... daí foram campear um médico pra mim... acharam lá no Embitu, daí o (incompreensível) me levou lá. Daí foi operado o meu pé... se não eu ia perde o pé.... daí não fui mais... daí eu falei pro Zé Martins.... eu era pia bem pequeno... depois... quando nós chegava já tava outra tropa pronta... nós as vezes nem chegava lá vê a mãe... chegava lá e no outro dia nós viajava com a porcada de volta, para traz... era assim... daí eu disse para o Martins... José diga para o Zico lá... que eu não vou mais... ele gostava muito de leva eu. Para mode que eu era muito esperto n/é?... eu para lá... o Carlito

Matarazzo que era o comprador em Ponta Grossa... era só eu que entrava lá na balança, era só eu. Eu entrava lá era dez porcos para cada balança.... eu apartava aqueles dez, já empurava, já, chicoteando eles, porque piá, piá gosta de dominar. Então o Carlito era muito nó cego...dizia: “mais esse piazinho gosta mesmo de lidar”. Dizia “esse piá nós tem que ficar com ele”... tava pequenininho assim. Daí... paramos nunca mais, daí num fui mais. Fui mais uma senhor, manco, manco,manco, que nem cachorro... arrumaram para ir pra Itararé uma porcada magra... assim como esses que tão no Faxinal... aquilo troteava o dia inteiro rapaz.

E: Itararé já lá em São Paulo?

Sr. João: É... Itararé, chegamos lá. Disse para o pai... “nós não voltamos mais na cidade”. Sessenta e cinco dias já, de a pé rapaz de a pé.... daí o pai disse: “Voltamos se Deus quiser voltamos, nós saímos lá em Ponta Grossa, já vai se embora lá com o Nico”. E dito e feito mesmo, nós tava posando no galpão lá do Carlito Matarazzo... encostou o caminhão, “e o Joãozinho, Valeco?” Meu pai se chamava Manuel... mais diziam valeco daí... taí aí tá... manco, e sarou? Sarou nada está de muleta ainda.

E: O senhor foi de muleta?

Sr. João: De muleta oito meses. Daí ele me trouxe, deixou no Carazinho e arrumou do homem me leva lá para a mãe na garupa a cavalo assim, por na garupa do cavalo e leva lá era assim.. aí não fui mais.

E: Então o senhor andou então conduzindo porcos até Ponta Grossa durante mais ou menos quanto tempo?

Sr. João: Quanto tempo?

E: É?

D. Laura: Quantas viagens, ih.... nem lembro

E: Quantas viagens?

Sr. João: Cinco viagens em Ponta Grossa, e uma para Itararé.

E: Uma pra Itararé.

Sr. João: Seis viagens. Só. Daí parei.

E: Por que o senhor resolveu parar?

D. Laura: Cansou.

Sr. João: Ah... eu fiquei com medo de me machucar... aquela quantia... aquele dia... daí fui ficando com medo, fica maior garra medo.

D. Laura: Ah... quando é pequeno nem tem medo não, não

E: Quando o senhor conduzia os porcos daqui a Ponta Grossa a viagem durava quarenta e cinco dias até cinqüenta. Como é que vocês faziam para comer, se ficasse doente. Como é que era a caminhada daqui a Ponta Grossa?

Sr. João: Nós tocava a porcada cedo e daí sesteava. Ali fazia fogo, fazia almoço, almoçava.

D. Laura: Levava tudo.

Sr. João: Nós levava no carro tudo.

D. Laura Na comitiva

Sr. João: Saco de farinha de mandioca, feijão, carne, se faltasse, matava um porco na estrada, se quebrava tinha que mata mesmo. E assim era a viagem. E se ficava doente vinha um carro sempre... a cada quatro, cinco dias o carro catava, o carro do patrão que era Zico Portugá.

E: Esse carro era o que? Cavalos ou carro normal?

Sr. João: Carro de pneu, jipe... não é nem jipe rapaz... alto... tinha pneu alto assim, cobertinho assim com essas tordinha ...cobertinho assim ...tordinha preta. Tipo de um jipe só, só, dois que vai. Aquele alcançava nós cada passo, o velho chegava e falava para o meu pai. “Então vão tudo lá a piãozada, Valeco, tão ... tão tudo lá...Eu vim vê aí para qualquer coisa” ... Daí o patrão deixando ... era muito rico demais, n/é? Ele deixava então assim tudo falado na cidade, tal cidade, tal lugar que precisasse de um médico ... de um camarada que era nós da tropa, n/é? Para ele atender. Ficou assim, daí era só arrumar o carro para levar lá eles, atendiam... só falava, “é camarada do Zico Portugá? É? Pode trazer”, era assim... ficou bom. Fico bom... mais era agoniado... Agora não dá mais.... era muito sofrido, iiiii, noite de chuva assim, eu não..., eu dormia no carro com o Zé Martins... precisa vê... mais os outros se não tinha galpão tinha que dormir embaixo do carro... embaixo do bico da Torda, se tava chovendo não tinha galpão, para sequear, tinha que fazer fogo embaixo do bico da torda para... já comia má lê má, bem má lê má.... a comida era ... tinha que comer rápido aquilo de chuva, era sofrido não era muito fácil não.

E: O senhor diz... molhava a roupa, passava frio?

D. Laura: Pois é vivia... dormia até molhado.

Sr. João: Dormia molhado.

D. Laura: É esse que tá, que ganhou até agora n/é?... é muito sofrido.

Sr. João: Eu acho que corri mais que se Edu... que sou mais novo do que ele mais eu acho que corri mais do que ele porque ele só viajava só de caminhão. E eu, eu andei muito, ta louco, Deus o livre!

D. Laura: Só em serviço pesado, sofrido.

Sr. João: Eu estou, estou bom assim só porque Deus quer, mais eu só enfrentei coisa perigoso, depois que eu fiquei rapaz... daí eu peguei uma vida (incompreensível) no carazinho. (Sr. João Correia, 80 anos e D. Laura Neves, 74 anos, abril de 2004).

Nessa fala do Sr. João ele nos revela o mundo da criação dos porcos, os cuidados que devia se ter para conduzi-los ao local de venda, Ponta Grossa, PR, e a diferença social colocada entre quem conduzia os animais e aqueles que os comprava, no caso os safristas. Segundo o Sr. João Correia, depois que os abatedouros e frigoríficos se instalaram na região, os porcos passaram a ser transportados de caminhão, e também passaram a exigir que os animais não fossem criados mais soltos, e sim fechados em mangueirões. De acordo com o Sr. João, os faxinalenses continuam a criar os porcos soltos e vendem para aqueles que vão até ao faxinal para adquiri-los.

Se, inicialmente, como afirmam os faxinalenses, tudo era faxinal, as primeiras roças eram feitas para propiciar o básico para a alimentação e o que não era possível comercializar era dado aos porcos. Desse modo, era com a venda dos porcos que os faxinalenses podiam adquirir outros bens que necessitavam para a sua subsistência.

Concomitante à criação de porcos, a erva-mate desempenhou e desempenha um papel importante na vida econômica dos faxinalenses.

1.3 Manejo da erva-mate

Histórico da Erva-Mate

Segundo as informações do Museu Paranaense (2008), os primeiros a fazerem uso da erva-mate foram os índios Guaranis, que habitavam a região definida pelas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, na época da chegada dos colonizadores espanhóis. Da metade do século XVI até 1632 a extração de erva-mate era a atividade econômica mais importante da Província Del Guairá, território que abrangia praticamente o Paraná, e no qual foram fundadas 3 cidades espanholas e 15 reduções jesuíticas.

De acordo com o Museu Paranaense (2008), a erva-mate foi classificada em 1820 pelo botânico francês Saint-Hilaire, após observar os ervais nativos em uma fazenda nas proximidades de Curitiba. Na preparação da erva-mate destacam-se duas fases distintas: a primeira no erval, a segunda nos engenhos. O preparo do mate nos ervais inicia-se com a colheita, feita a facão ou a foice, transversalmente de baixo para cima. A hora propícia a esta operação influencia na qualidade do produto, pois é necessário que as folhas do mate não estejam molhadas pelo sereno, devendo a colheita ser realizada nas primeiras horas de sol.

No Faxinal dos Kruger a maioria das famílias colhe a erva-mate e a beneficia para o consumo próprio.

Figura 9 - Corte da erva-mate



Foto: José Onesio, Março de 2008.

Na figura acima vemos Osvaldo Gonçalves colhendo a erva-mate, com um facão. Depois, de cortada a erva mate, tiram-se os galhos mais grossos, juntam-se os galhos cortados e os amontoa.

Figura 10 - Amontoamento da erva-mate.



oto: José Onesio, Março de 2008.

Após amontoada a erva-mate, prepara-se uma fogueira para que as folhas da erva-mate passem por um rápido sapeco.

O sapeco sucede ao corte e pode ocorrer de duas maneiras distintas: manual e mecânica. Deve impedir a fermentação das folhas e evitar que o mate perca seu aroma natural. O sapeco manual, realiza-se na área do erval, e se dá no mesmo dia do corte. Consiste na rápida passagem dos ramos da erva-mate sobre as chamas de uma fogueira.

Figura 11 - Sapeco da erva-mate



Foto:

Foto: José Onesio, Março de 2008. Natália Gonçalves sapecando a erva-mate.

Após o sapeco manual ocorre o quebramento da erva-mate, a separação dos ramos dos galhos grossos, que são empilhados em forma de feixe.

Figura 12 - Retirada dos caules grossos da erva-mate após o sapeco.



Foto:

Foto: José Onesio, Março de 2008.

Na figura acima, Os irmãos Ildaci e Osvaldo Gonçalves estão fazendo uma outra seleção dos galhos da erva-mate. Esses caules mais finos são colocados num cesto para serem transportados até ao carijo, que fica ao lado da moradia dos faxinalenses.

Figura 13 - Processo de condução da erva-mate ao carijo.



Foto: José Onesio, Março de 2008.

Os irmãos Natália e Osvaldo Gonçalves estão preparando os cestos para levarem a erva-mate ao carijo, onde os caules com as folhas da erva-mate são colocados todos em pé, para um processo de dessecação mais prolongado.

Após o sapeco, o mate passa pela secagem definitiva no carijo ou barbaquá. O carijo é uma instalação de madeira, coberta de tábuas ou telhas, abertas dos lados. Os feixes de erva sapecada são colocados sobre um jirau de varas e submetidos ao calor provocado por uma fogueira acessa em seu interior.

Figura 14 - Preparação da erva-mate, no carijo, para dessecagem.



Foto: José Onesio, Março de 2008.

Natália e Osvaldo Gonçalves preparam a erva-mate no carijo para a dessecação. Depois, faz-se um braseiro de fogo, na parte inferior do carijo, para que a erva vá se depurando em fogo brando. A erva fica no carijo nesse processo em torno de seis a oito horas. Depois desse processo leva-a até a um triturador motorizado para que ela seja moída e seja consumida como chimarrão.

Figura 15 - Desseco da erva-mate no carijo.



Foto: José Onesio, Julho de 2006.

No barbaquá a erva fica disposta num estrado de madeira sobre a boca de um túnel que conduz o calor produzido por uma fornalha situada na outra extremidade. O que diferencia o carijó do barbaquá é que nesse último a fogueira não fica acessa diretamente sobre os ramos, evitando o contato da fumaça com a erva. Depois da secagem, a erva-mate é triturada ou cancheada, utilizando-se a força humana ou animal. O processo do uso da força humana, a erva é colocada sobre um corpo de boi ou armação de madeira e triturada por facões de pau, com 1,20 m de comprimento, recebendo beneficiamento final nos pilões manuais. A erva-mate resultante é peneirada e então denominada cancheada, constituindo a matéria prima utilizada nos engenhos de beneficiamento. A erva sapecada no engenho recebe o beneficiamento final através do sistema de soque, movido a água ou a vapor, recebendo após a classificação em tipos comerciais. O acondicionamento da erva-mate pelos indígenas se fazia em cestas de taquara. A partir do século XVI, passa a ser acondicionamento em surrões (invólucro feito em couro de animais). Essa embalagem, típica da exportação para o Uruguai e Argentina, apresentava a vantagem da

impermeabilidade do material que preservava o conteúdo durante longo período. A partir dos meados do século XIX, os surrões são substituídos pelas barricas de pinho, fabricadas em serrarias ou em oficinas artesanais. Com a utilização das barricas, intensifica-se o uso de rótulos que eram nelas aplicadas para a identificação do produto. Eram utilizados nas barricas para distinguir o engenho, marca e tipo. Os rótulos expostos nas barricas circularam no Paraná entre 1892 e 1921, sendo alguns impressos em Curitiba e outros encomendados em São Paulo e Rio de Janeiro. O consumo da erva-mate se faz de duas maneiras distintas: sob a forma de chimarrão ou chá. Para o consumo do chimarrão, utiliza-se cuia (purungo), bomba e chaleira com água quente. O chá é a bebida feita da infusão da folha do mate e pode ser consumido quente ou frio. A erva-mate manteve-se como principal produto paranaense durante o período entre a Emancipação Política do Paraná (1853) e a Grande Crise de 1929, chegando a representar 85% da economia paranaense. As mudanças que ocorreram nos meios de transporte se intensificaram com o desenvolvimento da economia ervateira a partir do século XIX. A erva-mate era conduzida pelo homem, do lugar da colheita até o engenho, através do raído - fardo de erva-mate que chegava a pesar 200 Kg.

Inicialmente o transporte da erva-mate do planalto para os engenhos litorâneos realizava-se em lombo de muares, na época do tropeirismo.

As carroças, de origem européia, foram introduzidas no Paraná pelos imigrantes poloneses, ucranianos e alemães. Puxadas por seis ou oito animais, conduziam o mate dos engenhos do planalto até os portos de embarque em Antonina e Paranaguá.

Em 1882 inaugura-se a navegação a vapor no Rio Iguaçu, por iniciativa de Amazonas de Araújo Marcondes. Os maiores vapores transportavam oitocentos sacos de erva-mate, em média. Em 1885, com a inauguração da Ferrovia, ligando Curitiba a Paranaguá, esta se tornou a principal via para o escoamento da erva-mate destinada à exportação.

Os trens substituíram os carroções puxados por animais e, posteriormente, os caminhões tornaram-se o principal meio de transporte do produto. Em Curitiba, os bondes de tração animal e as charretes conduziam a erva-mate do engenho à estação ferroviária.

Na constituição do faxinal a erva-mate e a criação dos porcos a solta já se faziam presentes. Outro elemento primordial que se fez presente na história do faxinal dos Kruger, foi a serraria.

Sendo a erva-mate uma planta nativa da região, assim como o pinheiro, entretanto há áreas no interior do faxinal que precisam ser reflorestadas. Segundo os faxinalenses, a morte dos ervais se deve ao tempo de existência, ao manejo incorreto por parte de algumas famílias, ou seja, não respeitam os períodos corretos da poda que são julho e agosto.

Em tempos passados, a erva-mate era colhida e beneficiada no próprio faxinal. Atualmente, algumas famílias, elas mesmas podam as suas ervas, outras pagam dia de serviço para que os mais jovens possam colher; outros já vendem para as indústrias de erva-mate e essas já enviam seus empregados para colhê-las.

O Sr. Irto Antunes explicita como era a colheita e as relações de trabalho a partir da lida com a erva-mate. Anteriormente, o espaço em que se beneficiava a erva-mate era chamado de barbaquá.

E: De que jeito era o barbaquá? Como funcionava o barbaquá?

Irto: O barbaquá era uma casona e daí era pregado ripa tudo assim, ficava os pés assim tudo ripado e daí era jogado a erva...enchia, enchia daí tinha o conduto lá, era um oção feito de tijolo assim por cima daí fazia o fogo lá e o calor esquentava aqui.

E: Dessa forma que era feito o barbaquá?

Irto: Daí tinha aqueles garfos de madeira e daí ia mexendo a erva assim...mexendo, mexendo, mexendo...e daí aquele calorão vinha de lá o conduto (tosse intensa) era feito como lá para vir o calor aqui. E aquele calor ali no verão chegava até a empenar as tábuas da...com o calor. Daí aquele calor que estava demais de seco, de certo com aquele mesmo calor... pegava fogo ficava nada...depois que pega fogo nada apaga mais. Quantas arroubas de erva não era jogado. O barbaquá tinha uma área...uma areona assim que iam empilhando as bolas e iam desmanchando e iam jogando e outro lá em cima mexendo, mexendo, e daí o calor vinha de lá subia aqui e ia lá. E daí tinha um cavalo na moenda e moia aquela erva em roda assim, um roletão dessa altura cheio de cunha...assim aquelas cunhona daí era funilado assim era grosso para cá e ia afinando e tinha o eixo de pé e aquele roletão ia virando e aquele cavalo em roda assim e era tudo furado...a erva ia passando para baixo e lá embaixo era bem grande lá em baixo era bem grande...tinha da altura dessa parede o sujeito trabalhava em pé lá embaixo...lá iam socando enchendo aqueles sacão dessa altura de erva iam socando com a mão de pilão...assim costurando. E daí até dá uma carga para carregar o caminhão, n/é? (Irton Antunes, 69 anos, julho de 2006).

Através da fala do Sr. Irton é possível afirmar que, no passado, a produção de erva-mate no interior do faxinal era intensa. Pois, havia mais ou menos uns quatro barbaquás. No entanto, a fala do Sr. Irton deixa transparecer que havia conflitos, rivalidades e disputas entre os donos de barbaquás.

Irto: Aqui tinha um barbaquá...(interrupção, visita) Aqui tinha um barbaquá lá o Demétrio tinha outro barbaquazão, e aqui os Hüller tinha outro barbaquá. E daí só sei que foi acabando tudo...queimaram...ficaram sem jeito de tocar e de fazer outro.

E: Ah, pegou fogo?

Irto: Pegaram fogo.

E: Mas pegaram fogo por quê?

Irto: Ah, era o fogo que era demais, tinha aquele conduto, saía aquele calorão. E outros notavam que às vezes podia ser de inveja um do outro, e às vezes chegava fogo no barbaquá. E às vezes outro queria varar na frente para vender erva e outro também tava lá...só que ninguém viu...mas calculado por uma parte que era chegado fogo. Aqui queimou o barbaquá do Mirto, do Demétrio, queimou outro lá, do (incompreensível) outro ali.

E: Três barbaquás foram queimados?

Irto: É. Aqui dos (incompreensível) não sei se queimou eu sei que certeza mesmo dois. (Irton Antunes, 69 anos, julho de 2006).

O Sr. Edu nos disse que depois da erva-mate beneficiada, o seu irmão, João Kruger, e José Ropa transportavam a erva em carroções puxados por quatro ou oito cavalos, do faxinal até a cidade de Ponta Grossa, e, quando a produção era maior, outros carroceiros vizinhos vinham ajudar no transporte.

1.4 Serraria

A presença da serraria no interior do faxinal se deu, de acordo com o Sr. Edu Kruger, lá pelos anos de 1953 até meados de 1975. O pai do Sr. Edu, José Kruger, era o proprietário da serraria, e, com o assassinato de seu pai, os irmãos do Sr. Edu é quem a comandaram. Segundo o Sr. Edu, não era só a serraria Kruger que tinha por volta do faxinal, mas, pelo menos de quinze a vinte serrarias. Isso nos dá uma dimensão de quão denso era o faxinal e suas redondezas no que se refere à concentração, principalmente, de pinheirais.

Salles (2004), citando Cancián “(...) ressalta que a serraria é pioneira na abertura de regiões, aproveitando-se das madeiras liberadas pela ocupação agrícola das terras” (CNCIÁN apud SALLES, 2004, p.65).

Comprova-se ainda que, durante os anos de 1949 a 1963, as firmas madeireiras ao sentirem o declínio das reservas florestais nas antigas áreas, acompanharam o avanço da fronteira econômica e chegam aos novos centros do oeste e sudoeste do Estado. [...] Dessa forma, as firmas sediadas em Ponta Grossa, Curitiba, Irati, Imbituva e em outros locais ao perceberem a decadência das áreas madeireiras, a partir dos anos 40, estabeleceram-se na região centro-oeste do Estado, mais especificamente em Guarapuava, cujo período de maior exploração foi de 1940-1959” (LUZ apud SALLES, 2004, p.65).

A partir da citação acima pode-se inferir que a região do faxinal dos Kruger constituía-se até os anos de 1950 a 1955, quando da criação da primeira cerca do faxinal como uma área de grande reserva de pinheirais, o que de fato vem corroborar com a fala do Sr. Edu, de que as serrarias começaram a se instalar na região do faxinal nos anos de 1953.

De acordo com os faxinalenses, eram tantos os pinheirais que os macacos nem precisavam caminhar pelo chão, pois, “as grimpas” dos pinheiros se encontravam uma nas outras e os macacos caminhavam sobre elas” (D. Judith Gonçalves,).

Sr. Edu: Muitos vendiam e outros não, não eram deles. E diziam: “Isso aí nós morremos e não vemos o descarte dos pinheiros tudo, n/é?”. De tanto que tinha! E nós ficamos e os pinhá foram tudo. Num levou tempo, n/é? Mais, Deus ô livre! (Edu Kruger, 83 anos, abril de 2004).

A fala do Sr. Edu revela a quantidade de pinheiros que se tinha nesse período e, ao mesmo tempo, nas entrelinhas, ele pareceu nos querer dizer dos conflitos que se estabeleceram com a derrubada dos pinheiros⁴⁹. Por outro lado, dão a noção de que o bem natural, no caso o pinheiro, fosse infindável, “de tanto que tinha”.

A serraria dos Kruger foi instalada próximo ao Rio Carazinho, que margeia o faxinal, com o intuito de aproveitar a queda de água. De acordo com o Sr. Edu, as serrarias começavam a trabalhar bem cedo, por volta de cinco a seis horas da manhã e só iam parar por volta das oito ou nove horas da noite, pois, os pinheirais eram bastantes.

⁴⁹ Sr. Edu na época da entrevista não entrou em detalhes sobre os conflitos com os pinheiros. Porém, em conversa de campo muitos faxinalenses relataram sobre mortes que ocorriam devido a roubo de pinheiros. Segundo relatos de campo a morte do pai do Sr. Edu deveu-se a conflitos, sobre pinheiros, entre ele e a um forasteiro da cidade de Pitanga. Relatarei sobre a morte do pai do Sr. Edu numa próxima sessão.

Figura 16 - Ruínas da serraria dos Kruger.



Foto: José Onesio, abril de 2004.

O depoimento do Sr. Edu nos dá uma dimensão de como era o ritmo da produção de madeiras no interior da serraria.

Edu: É, é uma fita te agaranto pois foi ponhado.... ponhava lá. A tora lá... que segurava alambanca aquilo lá (Chiiiiiiiiiii, imitando o barulho da fita de serrar a madeira). Saía a lá a tábua lá... Puxava a tora prá trás, voltava correndo, o outro lá só dava uma lavancada lá e já dava polegada de novo e chiiiiii e não dava nem tempo de... louco de...você quase morria de tanto passar madeira na circular e... pega tábua da...Rolava a tora lá, tinha o rolado de tora, encostava a tora lá. Do jeito que sacudia lá, batia o gato só batia assim, já imprensava e já serrava. Quando era pra atora a tora pra... como é que fala, o bloco. Tinha um macaco lá ele pisava no macaco aqui (barulho pla pla) pra ela... já virava e ponhava lá no lugar a tora. E já! O sujeito já batia o gato ali ... e já corria no outro lá, botava tábua lá. Deus ô livre! (Edu Kruger, 83 anos, abril de 2004).

Ao lado da produção intensa de madeiras, Sr. Edu Kruger foi uma das pessoas que transportava a madeira beneficiada do faxinal para as cidades de Irati e Ponta Grossa, no PR.

Figura 17 - Edu Kruger e o transporte de tábuas da serraria Kruger



Fonte: Sr. Edu Kruger, mais ou menos nos anos de 1960, na cidade de Irati PR. Foto cedida pelo Sr. Edu Kruger em Abril de 2006.

Se por um lado temos a dimensão do funcionamento da serraria no seu interior, por outro lado é interessante constatar que tipo de relações de trabalho se estabelecia fora da serraria. O Sr. Irto Antunes foi um dos faxinalenses que trabalhou para a família Kruger, porém de modo indireto, pois, segundo o Sr. Irto, havia uma pessoa, chefe, que pegava o serviço da família Kruger, e esse os contratava.

E: O senhor chegou a trabalhar na serraria?

Irto: Trabalhei, mas no mato. Cortando tora, ajudando de toreiro. Mas dentro do barracão não. Eu trabalhei no barracão, mas em outra serraria puxando pó de serra com carrinho assim, mas aqui mesmo no barracão eu não trabalhei. Eu

trabalhei no mato cortando tora ajudando de toreiro, assim eu trabalhei. Fazendo carreador.

E: Tinha que fazer carreador?

Irto: Tinha que fazer carreador tudo cortado a muque⁵⁰...roçado... tudo cortado a enxadão. No mato eu trabalhei cortando tora, ajudando de toreiro, mas não foi fácil não.

E: Tinha mais pessoas com o senhor trabalhando no mato?

Irto: Nós sempre toda a vida trabalhava de camarada do chefe que tinha... que pegava o serviço no mato e pegava a gente pra trabalhar de camarada.

E: E eles trabalhavam para a família Kruger?

Irto: Trabalhavam tudo...Naqueles tempo era tudo do Kruger velho, que era o chefe, que é o pai dos Kruger. Ele morava ali.

E: Era ele o dono da serraria?

Irto: Era ele. E esse Edu, era filho dele, João, Antonio, Durval, Berto, Lauro, Vitor, Antonio era tudo filho dele.

E: Havia muitas famílias aqui do faxinal que trabalhavam nessa serraria?

Irto: É tinha bastante. Trabalhavam por precisão, nos trabalhávamos por dia...sempre no mato tinha o chefe que pegava de empreita e daí ele pegava a gente de camarada. A gente tinha a precisão de trabalhar e ele pegava por dia⁵¹.

E: Que madeira mais cortava na serraria?

Irto: Era só pinheiro. Até madeira branca nem cortava. Pois, de pinheiro tava assim...de pinha...era só pinheiro. (Irto Antunes, 69 anos, julho de 2006).

Esse depoimento revela o lado daqueles que tiveram que “enfrentar a natureza, domesticá-la”. O tempo do trabalho árduo, era feito a “muque”, ou seja, no braço. Vale ressaltar que esses tempos difíceis não se encontram apenas nas memórias daqueles que a presenciaram, mas estão de modo concreto no interior da mata do faxinal. A mata do faxinal revela estradas, caminhos, trilhos, carreadores que foram feitos nesse período para que os pinheirais fossem conduzidos à serraria.

⁵⁰ Cortado no braço, trabalho braçal.

⁵¹ Sendo Irton Antunes, pertencente à família dos Gonçalves, parece-me, que sua fala revela uma condição sócio-econômica distinta entre os Gonçalves e os Kruger já nesse período. Isso me parece fundamental para perceber a distinção sócio-econômica dos Gonçalves e dos Kruger, nos dias atuais e suas posições conflitantes a respeito do faxinal.

As serrarias possivelmente desempenharam o papel de aproximação das áreas de plantio para as áreas de faxinal. De acordo com os faxinalenses, depois que as serrarias tiraram os pinheiros é que as roças foram chegando. Desse modo, os moradores do faxinal dos Kruger, naquele período, e em comum acordo, resolveram fechar a área do faxinal para que seus animais não fossem mortos por fazendeiros e agricultores ao redor da área de faxinal. A primeira cerca do faxinal foi feita de madeira que a serraria Kruger forneceu. Depois que a cerca de madeira apodreceu, foi feita uma segunda cerca, de arame, e, no ano de 1994, foi feita a cerca atual com tela de arame, mais resistente e de melhor qualidade. Essa cerca de tela só foi possível de ser realizada a partir da cobrança dos faxinalenses junto à Prefeitura Municipal para que essa destinasse os recursos oriundos do ICMS ecológico, proveniente do governo estadual, para a melhoria da cerca do faxinal.

O ICMS Ecológico é repassado pelo governo estadual aos municípios que abrigam em seus territórios Unidades de Conservação ou áreas protegidas, ou ainda mananciais para abastecimento de municípios vizinhos. O governo estadual repassa a cada município 5% do valor do Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços. A repartição de 5% que cada município recebe é feita da seguinte maneira:

I - Cinquenta por cento (50%) para Municípios que tenham integrado em seu território Mananciais de Abastecimento (...).

II - Cinquenta por cento (50%) para Municípios que tenham integrado em seu território Unidades de Conservação, Áreas de Terras Indígenas, Reservas Particulares do Patrimônio Natural, Faxinais, Reservas Florestais Legais.

No caso de municípios com sobreposição de áreas com mananciais de abastecimento e unidades de conservação ambiental, será considerado o critério de maior compensação financeira⁵².

No próximo capítulo demonstrarei os conflitos que ocorreram no período de 1938 a 1982, no faxinal dos Kruger.

⁵² Fonte: Instituto Ambiental do Paraná – IAP.
<http://www.uc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=57>

CAPÍTULO 3

OS CONFLITOS NA HISTÓRIA DO FAXINAL DOS KRUGER

Esse capítulo tem como objetivo demonstrar como as situações de conflitos foram se constituindo ao longo da história do Faxinal dos Kruger. Nesse caso, irei narrá-los de acordo com a ordem dos acontecimentos. Também omitirei o nome das pessoas que me deram as entrevistas, por se tratar de acontecimentos relativamente recentes. No lugar do nome da pessoa apenas mencionarei a palavra “informante”.

1 Tiroteio em Lauro Kruger

Nesse capítulo, trabalho com documentos criminais encontrados em Cartório e com a fala dos faxinalenses a respeito de tal (is) acontecimento(s). O intuito é confrontar o que dizem os documentos oficiais e o que narram os faxinalenses a respeito de tal (is) episódio (s). Portanto, não se trata aqui, de atribuir veracidade histórica as fontes escritas em detrimento da oralidade, mas como fontes escritas e relatos orais interpretam e revelam os acontecimentos (MELLO, 2008).

Nas primeiras entrevistas realizadas em abril de 2004, e quando indaguei aos faxinalenses, se tanto no passado quanto no presente, ali, ocorreu alguma violência, esses sempre me diziam que saía apenas algumas “briguinhas”, mas devido a bebidas alcoólicas, “pinga”.

O primeiro episódio de conflito ocorreu próximo ao faxinal, em Campina dos Freitas, porém com um de seus moradores, foi em 30 de janeiro de 1938⁵³. Trata-se de Lauro Kruger, na época com 23 anos, um dos filhos de José Kruger. Lauro Kruger, segundo o

⁵³ Processo nº. 938.22307, caixa 113, Arquivo Histórico de Guarapuava.

laudo policial foi atingido por três tiros de calibre 38. Tanto no relato das testemunhas quanto de Lauro, todos afirmaram não saber por qual motivo Lauro foi atingido pelos disparos. Interessante observar que na descrição do processo esse salienta que Lauro “estava desarmado e com mangas de camisa além disso a cavalo (...)”.

Nesse sentido, a maneira como a pessoa se vestia naqueles tempos parecia ser revelador. Quando indagado aos faxinalenses sobre esse episódio, eles me disseram que, no passado, quando alguém andava de paletó em dias quentes, poderia ser um indício de que aquela pessoa poderia estar armada. Outro fato que também chamou a atenção na análise do processo é de que este se extinguiu após dez anos. A pergunta que ficou é: porque Lauro Kruger deixou o caso extinguir-se? Por que não quisera que a pessoa que lhe atirara fosse julgada?

Desde o início da leitura do processo pareceu-nos que algo poderia estar sendo escondido. Segundo relato dos faxinalenses era comum anteriormente as pessoas deixarem os casos de polícia se extinguirem. “Resolvia por aqui mesmo”. E que no caso específico de Lauro, esse episódio não foi a julgamento pelo fato do seu atirador ser considerado uma pessoa violenta. Nesse sentido, Lauro e a família Kruger, possivelmente, temiam uma retaliação por parte do atirador. E a razão pela qual Lauro fora baleado, segundo os faxinalenses, deve-se ao fato de que Lauro “mexia com umas mulheres” próximas ao faxinal.

Quando das entrevistas realizadas entre os anos de 2004 e 2006, os faxinalenses afirmavam que o faxinal era relativamente calmo, “aqui era tudo comunidade, aqui era tudo unido” (Informante A, abril 2004). No entanto, mais adiante, na própria entrevista, o informante A deixa transparecer que a idéia de unidade, homogeneidade, união que parecia existir no faxinal não fora sempre assim.

E: Desentendimento então não havia?

Informante A: Não.

Informante B: Só depois que o...

Informante A: Só... depois que mais tarde rapaz, daí que dava, dava briga

E: Por que ?

Informante A: Reuniam aqui o pessoal tudo armado, n/é? E às vezes se reuniam e não se davam... um bandinho, às vezes com algum ... e entravam no cacete.

E: E por que havia essas brigas, esses desentendimentos?

Informante A: essa briga aí era porque os caras, ... tinha homem aqui, que era inspetor lá... um tal de Arcindo. E o falecido Jango também era inspetor, ...daí eles enguiçaram por causa de terra,

E: Era inspetor de polícia?

Informante A: Para atender um...esses pedaços de terra aí... No lugar... aqui atendiam uma reclamação ou qualquer coisa que acontecia... eles vinham ver...

E: Ah, eles vinham atender?

Informante A: Vinham atender. Daí eles se mataram, os dois ali...na igreja ali (Informantes A e B).

Se inicialmente o informante A afirmava que desentendimento não havia, o informante B é quem sutilmente chama à atenção, lembrando de que no passado havia sim, conflitos por terra, e por não obedecer à figura do inspetor de polícia, instituída no interior do faxinal.

2 Assassinato de José Kruger

E na sequência da entrevista o informante B, intervém, novamente, para lembrar um dos episódios que marcou a memória dos faxinalenses. Apresentarei três relatos, que narram sobre o assassinato de José Kruger.

Informante B: O falecido Kruger com o falecido Herbe ali...

Informante A: ...Aí primeiro deu uma aqui, deu uma espera aqui nessa estrada⁵⁴ aqui...

E: Ah sim, nessa estrada?

⁵⁴ O faxinal têm duas estradas que dão acesso a cidade de Boaventura de São Roque. O informante A me apontava para uma dessas estradas em que ocorrera o tiroteio.

Informante A: Ali perto da pedreira ali... Deu uma espera de um homem que tinha uma serraria lá no Eder da Erne⁵⁵, ele era grileiro de pinheiro, roubava... campeava para pinheiro. E ele tinha jagunço. Daí vieram de lá para cá, e daí fizeram uma espera para ele aqui, ele tinha roubado... mas, ele tinha mandado queimar a igreja da Pitanga⁵⁶. Daí deram um jeito de matar ele, daí fizeram uma espera para ele ali, daí deram uma atirada nele e ele veio morrer ali, na casa do Kruger.

E: Na casa do Sr. José Kruger?

Informante A: É. Daí deram um tiro para... pensando que era o Herbe... deram um tiro no Kruger velho. Mataram o velho também. (Informante A e B).

O segundo relato é do informante C e D sobre o assassinato de José Kruger.

Informante C: Naquele tempo houve... teve uma demanda aqui de um negócio que tinha um homem que veio de Guarapuava o Herbe... ele queria tomar tudo os pinha que tinha aqui... n/é?

E: Mais porque ele queria tomar todos esses pinherais?

Informante C: Para ele serrar... ele tinha serraria.... e daí se encheu de jagunço aqui... daí se atiraram demais ali... então daí nós não podia anda por aí... homem não podia anda na estrada era só as mulheres com piazinho⁵⁷, pequinininho.

Informante D: Era feio. Ih!

E: Mais como é que foi... como é que resolveu essa situação assim... como é que foi resolvendo?

Informante D: Isso não sei como foi.

Informante C: Foi matado o homem... é ali pra cima do seu Edu tem a cruz dele, na subida... lá bem no pé do tope tem uma cruz de ferro assim... mataram...

Informante D: Ali pra baixo do mata-burro, então?...

E: Aí os outros jagunços foram embora?

Informante C: Foram embora.. tudo... e ele daí morreu... acabou a serraria e foram se embora tudo. Terminou aquilo.

E: Aí vocês puderam viver mais tranquilos?

⁵⁵ Aqui o informante A me remete ao local em que mora uma das filhas do Sr. Edu Kruger, fora da área do faxinal. Pois, eu a havia visitado.

⁵⁶ O informante A se refere à Paróquia da cidade de Pitanga. De acordo com um jornalzinho da Paróquia de Pitanga, emprestado pelo Sr. Antônio Schon, na madrugada do dia 27 de junho de 1955, “(...) a paróquia foi ferida por um golpe rude. Por mãos criminosas foi incendiada a nossa bela matriz” (ALGUNS dados históricos da Paróquia, s.d). Segundo, o Sr. Antônio, o Herbe mandou queimar a igreja matriz porque o padre não batizou seu filho.

⁵⁷ Menino pequeno, moleque, criança.

Informante C: É daí, daí, melhorou... homem nenhum podia anda nessa estrada, nessa estrada que saía no Carazinho... Era feio.. eu era piá... mais eu me lembro bem, bem... faz de conta que foi ontem.

E: O senhor fala a morte do senhor José, pai do seu Edu?

Informante C: É..

Informante D: No mesmo dia... Mataram... o falecido Herbe... morreu o velho José... Enganado.

Informante C: Foi enganado... não era para ser ele, era para ser outro... pegou uma faixa de noite estava ali nos Kruger no dia que se atiraram... o que eu fui fazer...?

Informante D: Eu não sei.

Informante C: Daí já saí para lá. Daí nem vim pra cá. Ele já tinha entrado na casa do pai do seu Edu muito baleado, rapaz! Aí o velho estava proseando com o cara de uma caminhonete, dono da caminhonete, para conduzir o Herbe para Guarapuava para o médico... muitos tiros ele tinha n/é? Aí os homens atiraram nele lá do arroz. Atiraram no falecido José Kruger pensando que era o Herbe. Só traz complicação. Barbaridade! Acabou. Aí foi terminando, agora está louco de bom aqui, graças a Deus aqui o senhor pode andar de cabeça erguida. Não tem...

Informante D: Aqui graças a Deus.

Informante C: Mais aqui era tal de lugar feio. É! Antigamente era muito ilhado de terra sabe... um queria tomar a terra do outro... e cortar o pinha do outro sem pagar, era aquela complicação. (Informante C e D).

Na terceira versão que apresento, vale ressaltar que não indaguei ao informante A sobre o assassinato de José Kruger, pois, em abril de 2004, ele e o informante B, me haviam contado sobre o episódio. E na segunda entrevista que o informante A me concedeu, ele traz a seguinte versão sobre a morte de José Kruger. É importante observar que eu já estava concluindo a entrevista e o informante A fez a seguinte interferência.

E: Tem algum fato do passado, aqui no faxinal, que você pudesse comentar?

Informante A: Eu tenho uma coisa que você não perguntou é que você não sabe. No tempo que saiu o tiroteio aqui na...que morreu dois homens aqui⁵⁸. O velho Kruger morreu matado aqui...e o “Herbe”...

E: Esse “Herbe” era aqui do Faxinal?

Informante A⁵⁹: Não. O Herbe tinha serraria na Campina, aqui. E o Herbe estava...o Herbe queimou a igreja da Pitanga, queimou casa ali nos Balduíno, casa boa, e daí vai esse Herbe estava meio corrido. Deram uns tiro nele ali na Campina...e ele tinha pistoleiro bastante esse homem, era um alemão também. Daí ele foi saí aqui para escapar para...pra lá tinha espera para ele e foi saí pra

⁵⁸ A casa em que fiquei ficava no máximo 50m do local em que o Sr. José Kruger residia e fora morto.

⁵⁹ Vários trechos da entrevista foram suprimidos para que o informante não fosse facilmente identificado.

cá...mas ali em cima tinha espera pra ele, ali em cima, na cruz. Tem uma cruz ali naquela subida pra lá. Ali que fizeram a espera e atiraram nele. (trecho suprimido). Me lembro dessa coisa que eles fizeram ali. Daí não puderam matar o Herbe lá...o Herbe desceu caindo e levantando esse descidão aqui, (trecho suprimido). tudo atirado...camisa velha estava que era só sangue. (trecho suprimido). Ele entrou assim na mangueira e chegou o velho Kruger (trecho suprimido). pegou o Herbe com um pistolão não mão, o Kruger pegou e tirou o Herbe para fora, “aqui não, aqui não dá para você ficar, porque aqui não adianta”. (trecho suprimido). E daí tirou o Herbe para fora e o Kruger velho pegou e veio para casa. E o Herbe desceu...e os pistoleiros velhos tudo debaixo do gavirová ali, tinha uma escolinha para o lado de lá da estrada, eles correram e ficaram lá...daí chegou uns caminhão de madeira do Herbe, uma pick up, e daí o velho Kruger correu lá para pedir para levar o Herbe para a serraria dele lá. Chegou os pistoleiros ali e carceram fogo no velho Kruger...e o Herbe entrou para dentro da casa com a mulher e uma menininha...entrou para dentro da casa do Kruger, entrou lá no quarto e lá ficou. Daí o Kruger velho tomou um balaço⁶⁰ debaixo do sovaco que saiu assim do outro lado. Uma carabina velha. Ficou lá mesmo pra fora, rapaz. Foi só gente correndo daqueles caminhão para o mato, n/é? Deixaram os caminhão e correram...daí ficou aquela...notícia de noite de que o velho Kruger está morto. (trecho suprimido). estava um filho, um tal de João Kruger lá, foi atendendo o velho. (trecho suprimido).

E: E o que aconteceu com esse Herbe?

Informante A: O Herbe ficou dentro da casa, a mulher dele tomou uns tiros meio de solavanco, malemá pra cabeça assim, n/é? Não fez nada.

E: A mulher do Herbe?

Informante A: É. E a menininha uma polaquinha, assim.

E: Então, ele estava com a família dele?

Informante A: Estava. A camionete dele ficou lá em cima. E ele desceu de a pé, rolando aqui. Daí chegou os filhos do velho Kruger, um filho e genro...acabaram de matar ele. (reina um longo silêncio).

E: Então, aí depois que ele acabou de falecer?

Informante A: É. Mas era muito bandido, aquele mandava fazer as coisas, mandava matar.

E: Depois dessas mortes, o pessoal aqui no faxinal não ficavam com medo?

Informante A: Ficava, tinha gente que não saía quase mais, rapaz, com medo daquele barulhão, n/é? Depois acomodou aquilo rapaz, ficou...saiu mais umas mortinha daí, mas tudo bagunça de bêbado.

⁶⁰ D. Olavina me disse que quando assassinaram seu avô ela tinha 14 anos, como ela é de 1941, o ano do assassinato de seu avô foi provavelmente em 1955. Antônio Schon, primo de D. Olavina me disse que o mês da morte de seu avô foi em agosto, bem no dia de São Miguel, e ele acha que o dia desse santo é 28 ou 29 de agosto. E a morte do Herbe ocorreu pouco tempo depois que ele mandou incendiar a igreja de Pitanga. E como a igreja foi incendiada no final de junho de 1955, é possível afirmar que a morte de José Kruger tenha ocorrido em agosto de 1955.

E: Você se lembra mais ou menos em que ano foi esse tiroteio?

Informante A: Eu estava com uns 15 anos, (trecho suprimido).

(trecho suprimido).

E: Então nessa época o Herbe andava com pistoleiro?

Informante A: Andava por aí tudo. Dois, três pistoleiros.

E: Quem atirou nele, no Herbe, foi os pistoleiros dele?

Informante A: Não, eram outros.

Informante A: A mando de quem?

Informante A: Ah, não sei. Ah, era muita gente que estava complicado naquilo ali...tinha muita gente...gente grande, rapaz, não era gente pequeno. Por que o homem atentava todo mundo. Onde ele sabia que tinha um pinha pra roubar ele roubava mesmo. (silêncio). Tem um filho dele em Guarapuava, diz que tinha, agora não sei se tem ainda. Diz que não era que nem o pai, já saiu diferente.

E: E depois desse caso...

Informante A:...o conflito maior foi esse aqui, do Herbe. Depois saiu mais uma mortinha pouquinho aí, mas era negocinho de bêbado mesmo...baguncinha.

Segundo o informante A e outros entrevistados, outras mortes ocorreram no faxinal. Entretanto, não é possível aqui relatar. Eram assassinatos que ocorriam quando da venda de porcos. De acordo com os informantes, quando os compradores de porcos chegavam ao faxinal, dava-se uma paçoca de carne, carne de charque⁶¹ ao comprador, que consistia em retirar a carne cozida que ficava enlatada, retirava-a, colocava-a no pilão e a socava com farinha de milho. Mas, no caso em específico, colocava-se bastante sal nessa paçoca. A vítima tinha que ir até a uma bica tomar água. Como ela tinha que ajoelhar-se para tomar água, o assassino, que se encontrava a espreita, a matava⁶².

E: Então, no faxinal aqui antigamente era....

Informante A:...em toda parte era pesado assim, não era só aqui dentro do faxinal, por tudo quanto é canto era assim. Era briga, era morte...matavam por

⁶¹ Retira os melhores pedaços da carne do porco, salga e coloca em cima do fogão de lenha para fumer, ou seja, defumar.

⁶² Há no faxinal um buraco profundo, que segundo os faxinalenses ali fora assassinado uma pessoa.

causa de pinheiro, por causa de terra, essas coisas. Hoje em dia já acabou tudo essas coisas, não tem mais. Agora, acalmou, n/e?

E: Por que que o senhor acha que acalmou?

Informante A: O pessoal...a lei também. A lei mudou muito...e o cara fazer um erro aí ele tem que pensar muito. (longo silêncio).

*Fiquei tão chocado no momento da entrevista que eu a termino de modo abrupto.
(Informante A).

Se, num primeiro momento da minha inserção no campo, as pessoas narravam de modo breve, ou até mesmo eram censurados por outros membros da família para que não revelassem sobre a morte de José Kruger, ao mesmo tempo algumas pessoas me remetiam para que eu perguntasse ao Sr. Edu Kruger.

3 Primeira tentativa de findar com o Sistema Faxinal

Quando eu indaguei nas entrevistas se em algum momento o faxinal havia passado por alguma dificuldade, todos me disseram que uma das dificuldades que o faxinal havia passado foi a da tentativa de sua extinção por parte de uma das famílias, Hüller, que adentrou ao sistema por volta de 1977⁶³. Entretanto, os faxinalenses tinham dificuldades em precisar em que ano tal fato ocorrera. Porém, em 2005, consegui uma cópia do “Interdito Proibitório N° 416/82”, na Secretaria Municipal de Agricultura de Boaventura de São Roque.

O Interdito Proibitório trata-se de uma Ação Judicial demandada por cinquenta e sete faxinalenses, contrários a tentativa de término do Sistema Faxinal por João Hüller, José Eugênio Hüller e Rafael Nazarko. Ou seja, esses senhores tinham como pretensão plantar a

⁶³ É possível fazer tal afirmação, pois o texto do Interdito menciona que os requeridos, família Hüller, adquiriram uma porção de terras do faxinal a mais ou menos há cinco anos, e o processo do Interdito iniciou-se em 1982.

suas áreas de terras, na área de uso comum, o que, desse modo, contribuía para com o rompimento do Sistema Faxinal.

Entretanto, dando seqüência à análise do documento, os faxinalenses naquele momento até aventaram na hipótese de romper com o Sistema Faxinal dentro de um prazo de cinco anos, porém os requeridos gostariam que fosse em dois anos, e o juiz deu um prazo de três, mas nenhuma das partes aceitaram tais propostas.

De acordo com o Interdito, a maioria dos faxinalenses nada tinha em contrário aos três moradores, “(...) deste que estes construam os tapumes necessários a barrar a passagem dos animais esparsos pelo ‘fexo’, às suas expensas, o que não concordam os requeridos (fls 90), mesmo porque os tapumes e cercas a serem construídos não serão suficientes para conter os animais, (...)” (INTERDITO Proibitório, 1985, fls 05).

Parece haver aqui uma estratégia dos faxinalenses para a continuidade do Sistema Faxinal. Pois esses, pela sua longa experiência na vivência junto ao sistema sabiam que não seria fácil aprisionar os porcos e os demais animais de modo individual.

Na entrevista realizada com o Sr. João Pereira e D. Laura, eles nos revelam como foi a dinâmica da maioria dos faxinalenses para que esse sistema não se rompesse.

E: Os senhores poderiam nos dizer por que queriam acabar com o faxinal?

D. Laura: Era para plantar que eles queriam.

Sr. João: Para plantar, plantaram, plantaram.

D. Laura: Plantaram mais a criação comeu. (Há,há,há...)

E: E aí?

Sr. João: Plantaram, e foi chamado o Júlio⁶⁴ foi lá ligeiro, o oficial de justiça veio. E já embargou tudo eles aí. Tinha que sair audiência no fórum foi dezenove de fevereiro, faz hora.

D. Laura: O Divonei⁶⁵ era pequenininho.

Sr. João: Justamente tava brincando com o carrinho.

D. Laura: É o Divonei gatinhava, ultimamente agora acho que está com vinte e dois ou vai fazer vinte e dois.

Sr. João: Fomos posar na Pitanga para daí... eu fui lá no fórum... falei com a secretária do Camargo⁶⁶... tem um... ela disse tem uma audiência hoje aí.

D. Laura: Uma audiência pequena.

Sr. João: Eu digo uma audienciona aí, e nós tivemos que sentar quase um no colo do outro (há,há,há....). Oitenta e duas pessoas, e o Camargo velho deitou o cacete. (Sr. João Correia, 80 anos e D. Laura Neves, 74 anos, abril de 2004).

A entrevista revela o clima de desafio que se estabeleceu entre os faxinalenses e entre aqueles que queriam o seu término. A certa altura da entrevista, D. Laura fala em tom jocoso para que seu esposo lembrasse de que não foi uma audiência qualquer, mas uma audiência que contou com um número grande de pessoas, oitenta e duas, segundo o Sr. João. Certamente, para demonstrar junto ao juiz e aos que desejavam o fim do sistema de que os faxinalenses estavam unidos.

O Sr. Irto Antunes narra de que modo as forças foram mobilizadas no interior do faxinal.

E: O senhor se lembra em que ano foi isso?

Irto: Eu não me lembro. Quem pode saber é o Edu, pois foi ele quem tomou parte. Foi ele quem... ele pegou o Camargo, o Manoel Camargo... esse Camargo quebrou daí os Hüller ali, caíram e tiveram que soltar a criação... deixaram lá mesmo, fecharam a criação, tudo o que puderam fechar, daí tiveram que soltar tudo na hora. E daí se não fosse o padrinho Edu eles tinham tomado conta. Daí ele teve que pegar o Camargo com muito dinheiro... o velho podia, mas os outros eram tudo pobres. O que pode contar mais ou menos é ele. Foi ele que tocou aquela demanda ali n/é? (Irto Antunes, 69 anos, julho de 2006).

A fala do Sr. Irto soma-se à fala da maioria dos faxinalenses que me contou sobre esse episódio. Todos os entrevistados foram unânimes em dizer que se não fosse o empenho do

⁶⁴ Trata-se de Júlio Kruger, um dos filhos do Sr. Edu Kruger e genro do Sr. João Pereira e D. Laura.

⁶⁵ Filho de Júlio Kruger, portanto, neto do Sr. Edu e do Sr. João Pereira.

⁶⁶ Advogado de defesa dos faxinalenses.

Sr. Edu Kruger, na época, em levar as pessoas às audiências e ter arcado com todos os custos, pois a maioria não podia contribuir, o faxinal teria terminado naquele momento.

No entendimento do Ovídio, o faxinal é uma fonte de renda muito grande, pois sempre as pessoas estão vendendo porcos, galinhas e gado. Quando é época de festas como páscoa e natal eles matam até cinco bois para atender o consumo de carne no faxinal.

E aqui, porém fica outra indagação. Que fatores foram relevantes para que o Sr. Edu Kruger se empenhasse, inclusive financeiramente para a defesa do faxinal?

Creio que nesse momento estava em jogo a figura moral do Sr. Edu Kruger, junto à família Hüller que há pouco tinham chegado ao faxinal e queriam romper com o sistema tradicional de vida. Pois em diversos momentos de conversas junto com o Sr. Edu esse sempre me dizia “que os mais fracos do faxinal tinham direito a um lugar para sobreviver e criar seus animais”, e os que desejavam plantar no interior do faxinal não estavam observando as tradicionais regras.

No parecer final, o Juiz ressalta que a “(...) decisão é um tanto ingrata para o Magistrado decidir. É que tanto autores como réus, são apenas posseiros, não possuem títulos dominiais das terras em pauta, face o estado devoluto das mesmas, (...)” (INTERDITO proibitório, 1985, fls 05). Mais adiante em seu parecer, o Juiz reconhece que os réus têm direito de tornar as suas terras agricultáveis e nesse caso, de acordo com a “(...) Lei Civil, vigente, onde existem terras destinadas à agricultura, é imprescindível que os animais estejam em outra estância e que permaneçam cercados para não causarem danos às pantações, (sic), sob pena de se isso ocorrer, serem reparados”(INTERDITO proibitório, 1985, fls 05).

O Juiz, em seu despacho final, afirma que, como se trata de uma questão em que a legislação daquele momento não contemplava tal conflito, ele, de acordo com as prerrogativas de magistrado, decide que os costumes e a finalidade social do bem comum sejam observados. Essa vitória dos faxinalenses é algo que permeia até o presente momento as suas lembranças.

Segundo os faxinalenses, após essa tentativa da família Hüller em romper com o sistema faxinal, na década de 1980, somente a partir de 2004 que o faxinal passa a sofrer com desmatamento e plantio em áreas de uso comum, cultivo de plantas exóticas, eucaliptos e pinus, cercamento de áreas de uso comum, por parte de alguns faxinalenses. Essa problemática acima relatada faz parte de uma Ação Civil Pública, impetrada pelo Ministério Público do Paraná, e que no momento não será objeto de nossa análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei meu trabalho ressaltando que em algum momento, a minha própria inserção no Faxinal dos Kruger foi vista e incorporada de maneira diferente, de acordo com o drama social em que eles atualmente se encontram. Nesse sentido, a minha presença passou a ser também, de mais um ator social, ali inserido, no qual os diferentes grupos tentam descobrir “de que lado” estou. Ou mesmo de que forma eu, enquanto pesquisador, poderia ser um importante aliado (ou não) para os objetivos dos faxinalenses.

No primeiro capítulo, menciona-se de como os faxinais são apresentados na historiografia paranaense, tão somente enquanto aspectos paisagísticos, desde meados do século XVIII. Entretanto, o faxinal enquanto instituição social, humano, político e cultural, somente passou a ser retratado a partir dos anos de 1980. Parece-nos então, haver ao longo da história e da política paranaense um total silenciamento sobre a existência dos faxinais. No entanto, em 2005, os próprios faxinalenses, entre os quais, o Faxinal dos Kruger, (re)organizam-se no sentido de serem vistos e ouvidos junto ao Estado e a sociedade regional, para reivindicar seus direitos, e denunciar as injustiças e agressões que estão sofrendo.

Ao compreender o faxinal dos Kruger como uma localidade que se constitui numa sequência de transformação, a partir de uma perspectiva histórica da sociedade mais ampla em movimento e em constante fluxo, o interesse foi compreender os seus conflitos dentro dessa configuração. Ao utilizar-se da noção de drama social, de Turner, para o qual, é quando uma série de crises, disputas, ocorre na história de uma aldeia, isso faz com que situações de conflitos surjam e ameacem a unidade do grupo social. Desse modo, os dramas sociais ocorridos no faxinal dos Kruger parecem apontar nessa mesma direção.

Pode-se mostrar que o faxinal dos Kruger se constituiu num determinado período da história da ocupação humana paranaense num espaço físico que detinha uma determinada diversidade paisagística que permitiu o engendramento do referido sistema enquanto configuração específica. Ao longo das décadas os faxinais foram perdendo sua importância social e econômica e pode-se dizer que entraram em crise, tanto por fatores exógenos quanto endógenos. De um lado a expansão tipicamente capitalista da exploração do campo com a implantação da monocultura e da mecanização, passaram a pressionar as áreas ocupadas pelos faxinais. De outro lado, algumas famílias residentes nos faxinais passaram a incorporar novas formas de pensar e passaram a desejar substituir o sistema do faxinal pela forma de exploração privada, isto é, passaram a considerar mais interessante adotar a forma moderna de exploração capitalista que passou a ser dominante no Paraná. Várias pesquisas foram realizadas mostrando a tecnificação do campo em todo o Brasil e suas consequências sociais nas décadas de 1970. No Paraná até mesmo as culturas de café foram erradicadas para dar lugar às plantações de soja e trigo. Além da expansão para as áreas dos cafezais as pressões também se deram sobre as terras dos faxinais. Esse processo foi se agudizando nas décadas seguintes. Esse processo ocorreu em todos os estados do sul e muitas famílias do Rio Grande do Sul migraram para outros estados onde quer que existissem terras “disponíveis”. As terras “disponíveis” eram sempre aquelas ocupadas pelos camponeses ou populações tradicionais, fossem faxinalenses, indígenas ou quilombolas.

Quando na década de 1980, a família Hüller, adentra ao Faxinal dos Kruger e tenta romper com o sistema de uso comum do criadouro isso faz com que se instaure no interior do faxinal um campo de tensões e de lutas entre as partes. Desse modo, podemos apreender que nesse momento os Hüller tentaram romper com o sistema formal do faxinal dos Kruger. Após essa tentativa de ruptura instala-se uma situação de crise, entre faxinalenses e a família Hüller, o que faz com que o conjunto dos faxinalenses, capitaneados pela figura do senhor Edu Kruger, movam uma *ação corretiva*, no caso específico, a via judicial, com o intuito de restabelecer a vigência do criadouro comum.

Se num primeiro momento, o drama social protagonizado pelos Hüller, possa nos remeter apenas a divergências internas, na verdade, expressam um mecanismo e dinamismo mais amplo, que já ocorria na região centro-sul do Paraná, na década de 1980 – a busca por terras e novas fronteiras agrícolas (GUBERT FILHO, 1987; MAN YU, 1988a, 1988b). É importante ressaltar que o sudoeste paranaense foi ocupado principalmente por gaúchos, geralmente descendentes dos imigrantes italianos ou alemães que se fixaram nas colônias do RS no final do século XIX e depois seus filhos se expandiram para outros estados, incluindo o Paraná. Desse modo, os Hüller são partes daquele contingente de pessoas que saíram do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e se estabeleceram nessa região paranaense.

O conflito social em que José Kruger é vítima, revela também, a estrutura social daquele momento histórico – os anos de 1950. Conforme nos demonstrou os dados da pesquisa, a localidade em que o Faxinal dos Kruger está inserido, era uma região em que a prática de pistolagem, grilagem de terras e roubos de pinheirais ocorria com relativa frequência. Sendo assim, um conflito que era regional, passou a ser vivido e experimentado pelos moradores do Faxinal dos Kruger da década de 1950. Vale lembrar que é nesse período que se instala tanto no próprio faxinal quanto em seus arredores, as serrarias. Sendo estas as responsáveis pela retirada da madeira mais nobre do faxinal, o pinheiro. Ao mesmo tempo, também são elas, a expressão do conflito da época entre seus donos, neste caso específico, os senhores José Kruger e Herbe.

Já o episódio em que Lauro Kruger é vítima revela as sutilezas e nuances de quem rompia ou quebrava uma regra ou valor – “não mexer com mulher alheia”. Esses episódios ocorridos no Faxinal dos Kruger descrevem um “(...) processo social em movimento, um modelo dinâmico de sociedade em que ação relacional, reconstituída e apresentada de forma dramática, é interpretada dentro dos princípios da estrutura social” (CAVALCANTI, 2007, p.135).

Nos dramas sociais ocorridos no Faxinal dos Kruger o que presenciamos são situações experimentadas e vividas, por homens e mulheres concretos, os quais realizam a sua própria história se defrontando com as necessidades do seu próprio processo social.

Bibliografia

- ABREU, Alcioly T. Gruber de. **A posse o uso da terra:** modernização agropecuária de Guarapuava. Dissertação apresentada à UFPR, curso de História do Brasil, Curitiba, 1981.
- AÇÃO Civil Pública em Defesa do Meio Ambiente, com pedido de liminar. Sendo requerente, o Ministério Público do Estado do Paraná e requeridos: Edu Kruger, Brasil Ervit, Luiz Carlos Castanho e José Kruger. Autuação em 30/01/2008. Processo nº 37/2008. ALGUNS dados históricos da Paróquia, s.d
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de Índio – Uso comum e conflito. **Cadernos NACEA** – UFPA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos), Belém, 1989, p.163-196.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Os movimentos sociais. In: **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. 2.ed. Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.
- ALMEIDA, Mauro W.B. de. A etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais do objeto da antropologia. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/horizon/files/teoria2/almeida_guerra.pdf Acesso em 10/11/2008.
- ANDRADE, Maristela de Paula. **Os gaúchos descobrem o Brasil:** pequenos produtores agrícolas do sertão maranhense frente à implantação de projetos agropecuários. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- ARQUIVO Público do Paraná. **A Assembleia Legislativa Provincial do Paraná, sob proposta da comarca municipal da cidade de Guarapuava.** Paço da Assembleia Legislativa Provincial do Paraná, 5 de novembro de 1885. Recebido por e-mail em agosto de 2007.
- BIANCO, Bela Feldman(Org.) Introdução. In: **Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos.** São Paulo: Ed. Global, 1987. p. (07-45).
- CAMPIGOTO, José Adilçom; SOCHODOLAK, Hélio. Os faxinais da região das Araucárias. In: OLINTO, Beatriz Anselmo; MOTTA, Márcia Menendes; OLIVEIRA, Oséias de (Orgs.). **História Agrária:** Propriedade e Conflito. Guarapuava: Editora UNICENTRO, 2008 (no prelo).
- CAMPOS, Nazareno José de. **Terras de uso comum no Brasil:** um estudo de suas diferentes formas. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CARVALHO, Horácio Martins. **Da aventura à esperança:** A experiência auto-gestionária no uso comum da terra. Curitiba, inverno de 1984.

- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro, Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner. **Cadernos de Campo**, v.16, n.16, São Paulo, p.127-137, jan.-dez. 2007.
- COZZO, Domingo. Interpretación Forestal del Sistema Fachinal de la Argentina y Faxinal del Brasil. Buenos Aires, **Quebracho (3)**: p.5-12, julio 1995, Facultad de Ciencias forestales – UNSE. Disponível em: <<http://fcf.unse.edu.ar/pdf/Quebracho/q3-01.pdf>>. Acesso em: 02/07/2008.
- CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro. **Populações Tradicionais e Conservação**. Seminário de consulta, Macapá – 21 a 25 de setembro de 1999.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. “Povos tradicionais têm um pacto com o meio ambiente”. Set. 2008. Disponível em: <<http://www.ispn.org.br/entrevista-com-manuela-carneiro-da-cunha/>>. Acesso em 05/11/2008.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em história da educação. **Cadernos Ceru**, Série2, n. 8, São Paulo, p.09-28, maio/1997.
- DIARIO da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paraná. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico e Etnográfico do Brasil**. Rio de Janeiro, T.XXVIII, parte primeira, p. 05-31, 1865.
- DORETTO, Moacyr. **Caracterização do processo de diferenciação camponesa na modernização capitalista**: O caso da microrregião colonial de Irati-PR. 1991. Dissertação (mestrado em Economia Rural) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1991.
- GEVAERD FILHO, Jair Lima. **Perfil Histórico-Jurídico dos Faxinais ou Compáscuos**: análise de uma forma comunal de exploração da terra. **Revista de Direito Agrário e Meio Ambiente**. Curitiba: ITCF, ano1, n.1, p.44-79, ago.1986.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: BIANCO, Bela Feldman(Org.) Introdução. In: **Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos**. São Paulo: Ed. Global, 1987. p. (227-344).
- GUBERT FILHO, Francisco Adyr. O Faxinal: estudo preliminar. **Revista de Direito Agrário e Meio Ambiente**. Curitiba: ITCF, v.2, n.2, p.32-40, ago.1987.
- INTERDITO PROIBITÓRIO Nº416/82. Pitanga PR, 1985. p. (01-06).
- MAN YU, Chang. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro –Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988a (Boletim técnico, 22).
- MAN YU, Chang.. Faxinais no Paraná. **Informe de pesquisa**. Londrina: IAPAR, Ano XII, n.80, p.1-20, Mar. 1988b.
- MARQUES, Cláudio Luiz G. **Levantamento preliminar sobre o Sistema Faxinal no Estado do Paraná**. Relatório final (Relatório de consultoria técnica – IAP-Curitiba-PR). Guarapuava, 2004. 192p.

- MELLO, Marcelo Moura. **Caminhos criativos da história:** territórios da memória em uma comunidade negra rural. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- MEMÓRIA sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava. **Revista Trimestral de História e Geografia Brasil.** Rio de Janeiro, T.IV, n.13-14, p. 43-64, 1863.
- MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang:** a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1764-1924). Maringá: Eduem, 1994.
- MOTA, Lúcio Tadeu. **As colônias indígenas no Paraná Provincial.** Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.
- MUSEU Paranaense. **Histórico da erva-mate.** Disponível em: <
<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>> . Acesso em 02/02/2009.
- NERONE, Maria Magdalena. **Terras de plantar, terras de criar:** Sistema Faxinal – Rebouças – 1950 – 1997. 2000. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis: UNESP, 2000.
- OLINTO, Beatriz Anselmo; STEIN, Marcos Nestor. As propriedades da diferença: nacionais, colonos e grileiros. OLINTO, Beatriz Anselmo; MOTTA, Márcia Menendes; OLIVEIRA, Oséias de (Orgs.). **História Agrária:** Propriedade e Conflito. Guarapuava: Editora UNICENTRO, 2008 (no prelo).
- PEREIRA, Adelar Candido. **Desenvolvendo Ecoturismo Rural em Boa Ventura de São Roque.** Campo Mourão: MR gráfica e editora, 2003.
- PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **O trabalho da memória:** cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- PROCESSO nº. 938.22307, caixa 113, Arquivo Histórico de Guarapuava.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, Olga de Moraes (Org.). **Experimentos com histórias de vida:** Brasil-Itália. São Paulo: Vértice, 1988.
- ROCHA, Eliana do Pilar; MARTINS, Roberto de Souza. Terra e Território Faxinalense no Paraná: notas sobre a busca de reconhecimento. **Campos – Revista de Antropologia Social.** Curitiba, v.8, n.1, p.209-212, 2007. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/9554/6627> . Acesso em: 02/07/2008.
- SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr. 1997 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 11 jan. 2009. doi: 10.1590/S0104-93131997000100002.

- SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, out. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2009. doi: 10.1590/S0104-93131997000200004.
- SALLES, Jefferson de Oliveira. A relação entre o poder estatal e as estratégias de formação de um grupo empresarial paranaense nas décadas de 1940-1950: o caso do Grupo Lupion. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa de (Org.). **A construção do Paraná moderno: políticos e política no Governo do Paraná de 1930 a 1980**. Curitiba: SETI, 2004.
- SOUZA, Roberto Martins de. **Da invisibilidade para a existência coletiva: Redefinindo fronteiras étnicas e territoriais mediados pela construção da identidade coletiva de Povos Faxinalenses**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia 29 de maio a 01 de junho de 2007 UFPE, Recife (PE) GT 8 – Emancipação, Cidadania e Reconhecimento.
- SUGAMOSTO, Marisa et al.; FAXINAIS: um modelo de desenvolvimento auto-sustentado. **IPARDES** – Curitiba, p.2-34, maio 1994.
- THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. (197-216).
- TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos quarto ventos, 2000.
- TOMMASINO, Kimiye. **A História dos Kaigáng da Bacia do Tibagi**: uma sociedade jê meridional em movimento. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo.
- TURNER, Victor W. **Schism and Continuity in an African society**: a study of Ndembu village life. Manchester: Manchester University Press, 1972.
- TURNER, Victor W. Dramas sociais e metáforas rituais. In: **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- WESTPHALEN, Cecília Maria; MACHADO, Brasil Pinheiro; BALHANA, Altiva Pilati. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná Moderno. **Boletim da Universidade Federal do Paraná**. N.7, Curitiba, 1968.
- WHITAKER, Dulce C. A. Análise de entrevistas em pesquisas com histórias de vida. **Cadernos Ceru**, Série 2, n.11, São Paulo, 2000.
- VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: BIANCO, Bela Feldman(Org.) Introdução. In: **Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos**. São Paulo: Ed. Global, 1987. p. (345-374).
- VINCENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: BIANCO, Bela Feldman(Org.)

Introdução. In: **Antropologia das Sociedades Contemporâneas – métodos**. São Paulo: Ed. Global, 1987. p. (375-402).

ANEXO

A Assembleia Legislativa Provincial do Paraná, sob proposta da comarca municipal da cidade de Guarapuava. Paço da Assembleia Legislativa Provincial do Paraná, 5 de novembro de 1885.

A Assembleia Legislativa Provincial do Para-
ná, sob proposta da camara municipal da ci-
dade de Guarapuava

80

Decreta:

Art. 1.^o - Todos os possuidores, ou proprietarios, de
terras em commun, sejaõ campos, fuchinas, lo-
gradouros ou mattoes, não poderão conservar
nelles numero de animaes superior ao que com-
portar suas respectivas partes.

A) - O calculo será feito por accordo entre as partes.

b) - Quando não fôr realisado se accordo sobre
numero de animaes que cada um possa ter
conservar em sua parte, esse numero será
arbitrado em audiencia do jur de far, se-
gundo as regras de direito.

C) - Em audiencia, requerida por algum dos
interessados ou seus prepostos, se fará a lousa-
ção de dois arbitradores, um de cada lado, e o
de um terceiro para decidir, por um ou outro
lado, no caso de desaccordo, eugindo-se inva-
ravelmente a um dos laudos apresentados.

d) - O jur de far, attendendo as circumstancias
de distancia e outras, marcará a audiencia, em
que os arbitradores hajaõ de apresentar os laudos.

e) - Se os laudos combinarem, será lançado no
protocollo das audiencias, dando-se delle conhe-
cimento a todos os interessados, e remettendo-se
copia a camara municipal, para fazer guar-
dar em seu archivo, donde possaõ ser extrahi-
das copias, quando forem exigidas.

f) - Se os dois arbitradores não se combinarem,
intervirá o terceiro arbitro, seguindo-se o que fica
estabelecido no precedente paragrapho.

g) - Passados vinte dias depois de notificados
os interessados, se succeder que algum dellos



não tenha reduzido os seus animais ao numero fixado no arbitramento, será compellido a fôr-lo em oito dias, pagando no entanto a multa de 25,000 reis por cabeça que exceder do numero fixado.

(h) - Estas disposições são applicaveis aos heres confinantes, quando suas propriedades não se acharem divididas por fecho natural seguro, ou cerca de lei, que impeça completamente a passagem dos animais de um para outro terreno.

(j) - Quando fôr mister fecho artificial na linha divisoria de duas propriedades, para impedir completamente a passagem dos animais de uma para outra, este fecho será feito pelos confinantes, na proporção de suas propriedades, ou partes, e de mesmo modo obrigados a sua conservação.

(i) - Fechada uma propriedade, o gado, ou animais encontrados nella, sem donos conhecidos, ou se conhecido, não os retirar até 48 horas depois de avisado, serão taes animaes entregues ao fiscal da camara, para dar-lhes o conveniente destino, percebendo o conductor 15,000 reis por legoa de ida e volta. Este estipendio será de prompto satisfeito pela camara que, a seu turno, se indenizará pelo producto desses animaes, vendidos em hasta publica, quando não o seja pelos donos dos animaes.

Art. 2.º - Os mascates de farenclas, de objectos de amarrinhos e de ferragens pagarão 500,000 r. pela licença por um anno: 300,000 r. por licença por seis meses, e os contraventores, alem de ficarem sempre obrigados pelo pagamento da mesma, incorrerão na multa de 50,000 r., dobrada na reincidencia.

§ Unico - Os joalheiros ficão em tudo sujeitos ás disposições do art. precedente.



81
Art. 3.º Os mascates de obras de folhas flandres, de
chumbo e de ferro pagarão pela licença annual 20,000 r.
e por seis meses 20,000 r. Os contraventores, além da
obrigação de pagarem o imposto, pagarão a multa
de 20,000 r., elevada ao dobro na reincidência.

Art. 4.º Os individuos associados não poderão
usar simultaneamente em localidades distintas
da licença concedida para mascatear, ficando
sujeito a multa correspondente a licença
se encontrado sem ella no exercício
desta.

Art. 5.º As carroças e carros, que deverão ser
necessariamente carimbados pelo procurador da
câmara, empregado em serviço particular, paga-
rão o imposto annual de 2000 r. e os que forem em-
pregados em serviços remunerados pagarão
o imposto de 4,000 r., no mesmo periodo. O con-
traventor pagará, além do imposto devido, a
multa de 4,000 r., se o vehicle occupar-se em
serviço particular, e de 8,000 r., se for emprega-
do em serviço remunerado. Em qualquer dos
casos, a multa será elevada ao dobro na rein-
cidência.

Art. 6.º É elevada a noventa e cinco mil reis a taxa
estabelecida por metros de frente com fundos cor-
respondentes de terrenos para edificar no qua-
dros urbanos.

Art. 7.º Fica expressamente prohibido a cria-
ção de abelhas dentro do perimetro do quadro ur-
bano da cidade. O contraventor incorrerá na
multa de 20,000 r. e ao dobro na reincidência.

Art. 8.º As caçadas de perdizes são permit-
tidas unicamente nos meses de Abril a Agosto;
incorrendo o contraventor na multa de 20,000 r.,
elevada na reincidência.

Art. 9.º Todas as penas de multas serão de-



